

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

GABRIELA BENTO ALVES

**O JORNALISMO INTERPRETATIVO NO GLOBO NEWS INTERNACIONAL: A
INFORMAÇÃO ALÉM DO *HARD NEWS***

CAXIAS DO SUL

2019

GABRIELA BENTO ALVES

**O JORNALISMO INTERPRETATIVO NO GLOBO NEWS INTERNACIONAL: A
INFORMAÇÃO ALÉM DO *HARD NEWS***

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, na Universidade de Caxias do
Sul.

Orientação: Prof^a Ma. Adriana dos Santos
Schleder

CAXIAS DO SUL

2019

GABRIELA BENTO ALVES

**O JORNALISMO INTERPRETATIVO NO GLOBO NEWS INTERNACIONAL: A
INFORMAÇÃO ALÉM DO *HARD NEWS***

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, na Universidade de Caxias do
Sul.

Orientação: Prof^a Ma. Adriana dos Santos
Schleder

Aprovado em: __/__/2019

Banca Examinadora:

Prof^a. Ma. Adriana dos Santos Schleder

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof^a. Me. Jacob Raul Hoffmann

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof^a. Ma. Marliva Vanti Gonçalves

Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, aos meus pais, Nádya Pinto Bento Alves e Roberto Bento Alves, por sempre me incentivarem, acreditarem no meu potencial e nunca me deixarem desistir dos meus sonhos. Agradeço também ao meu irmão, Matheus Bento Alves, pelo companheirismo de sempre. Agradeço aos meus avós, Delayr, Marlene e Newton, pelo carinho e apoio sempre. À minha dinda Jeane, por ser minha segunda mãe e estar sempre comigo. Ao meu dindo, Sandro, por ser minha porta de entrada na área da Comunicação e fazer com que eu quisesse seguir nisso, e à minha tia Cíntia, por ser parceira sempre, mesmo em momentos difíceis.

Agradeço também à minha orientadora, prof. Adriana Schleder, que, mais que apenas uma professora, se tornou uma amiga por quem tenho muito carinho. Agradeço aos professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, desde o primeiro semestre na universidade.

Às minhas amigas, que estão comigo desde antes do Ensino Médio, Bruna Gazola, Bruna Leite, Fernanda Tonietto, Ingrid Rigotto, Luiza Castilhos e Mariana Smiderle, por sempre estarem ao meu lado, nos momentos bons e ruins, e por sempre me incentivarem com esse trabalho. Às amigas que ganhei nestes anos de UCS, Brenda Dalcerro, Elisa Ambrosi e Carolina Canton. Vocês, com certeza, foram parte importante dessa etapa da minha vida e dividiram comigo todos os momentos de alegrias, estresses e diversão. Também agradeço aos meus amigos da Câmara de Vereadores, Clara Sant'Anna, Gustavo Martins, Lucas Marques, Maiara Gallon e Pedro Rosano, por sempre ouvirem meus desabafos e me ajudarem em tudo. O meu mais sincero muito obrigada!

*“Numa época de mentiras universais, dizer
a verdade é um ato revolucionário”.*

George Orwell

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo investigar como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao *hard news*. O método utilizado foi a Análise de Conteúdo, juntamente das técnicas revisão bibliográfica, observação simples e entrevista. A pesquisa aborda a história da televisão no Brasil; os gêneros e formatos de conteúdo audiovisual, na categoria informação; o processo de produção de conteúdo no jornalismo audiovisual e os conceitos de jornalismo interpretativo e jornalismo internacional. Com a realização do estudo verificou-se que o programa possui caráter interpretativo, mas poderia ter maior aprofundamento das informações.

Palavras-Chave: Globo News Internacional. Jornalismo Internacional. Jornalismo Interpretativo. Televisão. Produção de Conteúdo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Programa Globo News Internacional: As Mulheres na Política	145
Figura 2 – Boletim de Ariel Palacios	147
Figura 3 – Programa: Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita	148
Figura 4 – Reportagem de André Fran.....	149
Figura 5 – Globo News Internacional: A Importância da Ajuda Humanitária	150
Figura 6 – Reportagem de Vinícius Assis	151
Figura 7 – Globo News Internacional: A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo	152
Figura 8 – Papo de Boteco	153
Figura 9 – Reportagem sobre a Arábia Saudita	164

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	14
2.1 MÉTODO	14
2.1.1 Pré-análise.....	14
2.1.2 Exploração do Material.....	16
2.1.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.....	17
2.2 TÉCNICAS.....	18
2.2.1 Revisão Bibliográfica.....	18
2.2.2 Observação.....	20
2.2.2.1 Objeto de Estudo	21
2.2.2.2 <i>Corpus</i> da pesquisa	22
2.2.2.2.1 Decupagem.....	23
2.2.3 Entrevista.....	79
2.2.3.1 Fontes de Informação.....	80
2.2.3.2 Questionários Aplicados.....	82
3 HISTÓRIA DO JORNALISMO INTERNACIONAL NA TELEVISÃO	
BRASILEIRA	91
3.1 TELEVISÃO ABERTA	91
3.2 TELEVISÃO POR ASSINATURA.....	99
3.2.1 A Globo News.....	103
4 GÊNEROS E FORMATOS DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL	107
4.1 CONCEITOS.....	107
4.2 CATEGORIA INFORMAÇÃO.....	111

4.2.1 Gênero Telejornal.....	111
4.2.2 Gênero Documentário.....	112
4.2.3 Gênero Entrevista.....	113
4.2.4 Gênero Debate.....	114
5 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO JORNALISMO AUDIOVISUAL.....	117
5.1 NOTÍCIA E REPORTAGEM: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	116
5.2 ETAPAS DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO JORNALISMO AUDIOVISUAL.....	119
5.2.1 Pauta.....	119
5.2.2 Gravação do Material.....	122
5.2.3 Edição e Finalização.....	124
5.2.4 Exibição.....	127
5.3 JORNALISMO INTERPRETATIVO	129
5.3.1 Conceito	128
5.3.2 Produção de Conteúdo.....	130
6 JORNALISMO INTERNACIONAL NA TELEVISÃO.....	135
6.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	134
6.2 CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS.....	136
6.3 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO	141
7 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	142
7.1 PRODUTO AUDIOVISUAL.....	142
7.2 JORNALISMO INTERNACIONAL	156
7.3 JORNALISMO INTERPRETATIVO.....	160

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	171
GLOSSÁRIO.....	178
APÊNDICE	180
ANEXOS.....	240

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este trabalho tem uma grande relação com a minha graduação em Jornalismo. Nos primeiros semestres da faculdade sempre pensava que o audiovisual não me interessaria. Achava que era uma das áreas do Jornalismo com menor profundidade para abordar assuntos tão importantes. Com o passar dos semestres e o conhecimento que obtive nas aulas de telejornalismo ficou claro que meu pensamento era equivocado. Existem várias maneiras de aprofundar o conteúdo audiovisual. No canal Globo News, acabei descobrindo o programa Globo News Internacional, que une duas características que eu gosto muito. A primeira delas, o jornalismo interpretativo. A segunda, relações internacionais. Então, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, nada se identificaria mais comigo do que analisar o programa que envolve esses dois aspectos: o Globo News Internacional.

O meu intuito com esta pesquisa é relacionar a participação dos comentaristas com o jornalismo interpretativo, pois percebo que este formato de conteúdo e o jornalismo especializado não são tão abordados quanto acredito que necessitariam ser nas faculdades de Jornalismo. O modelo *hard news*, que consiste em favorecer a rapidez da notícia, ao invés do aprofundamento, sempre se sobrepõe, uma vez que também diz respeito ao veículo em que o conteúdo será apresentado. Na televisão, por exemplo, a curta duração de cada reportagem produzida não disponibiliza tempo para o aprofundamento do conteúdo.

Com o objetivo de entender como se dá o processo de produção de conteúdo jornalístico interpretativo para televisão, surgiu a questão norteadora desta monografia: *como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao hard news?*

O objetivo geral do estudo tem como proposta investigar como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao *hard news*. Já os objetivos específicos são: *pesquisar sobre a evolução do jornalismo audiovisual na televisão aberta e por assinatura; conceituar e caracterizar os gêneros e formatos jornalísticos para o audiovisual; estudar o processo de produção de conteúdo no jornalismo*

audiovisual; conceituar e caracterizar jornalismo interpretativo e jornalismo internacional; entrevistar profissionais envolvidos na produção do programa Globo News Internacional; descrever o corpus da pesquisa, por meio da decupagem; e aplicar o método de Análise de Conteúdo no corpus do estudo para responder a questão norteadora.

A partir disso, foram elaboradas três hipóteses: *o programa Globo News Internacional utiliza o jornalismo interpretativo pela complexidade dos conteúdos apresentados ao telespectador, possibilitando maior compreensão sobre os fatos abordados; o perfil do conteúdo apresentado no programa Globo News Internacional exige pesquisa aprofundada e investigação dos conteúdos por parte da equipe de produção; e o conhecimento do apresentador e comentaristas no programa, juntamente com os convidados especialistas em relações internacionais, é fator importante para garantir a qualidade do conteúdo exibido.*

Para realizar o estudo, o método adotado foi o da Análise de Conteúdo, proposto por Laurence Bardin, junto das técnicas de revisão bibliográfica, entrevista e observação simples. O desenvolvimento da pesquisa resultou em seis capítulos que serão apresentados na sequência.

O capítulo dois, *Metodologia*, apresenta o processo metodológico desta pesquisa, em que o método de Análise de Conteúdo, proposto por Laurence Bardin, foi detalhado com o passo a passo das etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação, junto com as técnicas de revisão bibliográfica, observação simples e entrevista.

O capítulo três, *História do Jornalismo Internacional na Televisão Brasileira*, apresenta uma síntese da evolução histórica e tecnológica da TV, das mudanças no processo de comunicação e da história do jornalismo televisivo internacional no país.

No capítulo quatro, *Gêneros e Formatos de Conteúdo Audiovisual*, são conceituados categoria, gêneros e formatos, com ênfase na categoria informação. Dentro dessa categoria, os gêneros abordados foram: telejornal, documentário, entrevista e debate.

O capítulo cinco, *Produção de Conteúdo no Jornalismo Audiovisual*, aborda o que é notícia e sua estrutura, além das etapas de produção de conteúdo jornalístico

audiovisual, como pauta, gravação do material, edição, finalização e exibição. Além disso, também aborda o jornalismo interpretativo, seu conceito e produção de conteúdo.

O capítulo seis, *Jornalismo Internacional na Televisão*, trata sobre a história desta editoria, o conceito e o perfil profissional do jornalista correspondente internacional e o processo de produção de conteúdo.

O capítulo sete, *Análise de Conteúdo*, destaca a observação desta pesquisa, na qual três categorias são elencadas: *produto audiovisual*, *jornalismo internacional* e *jornalismo interpretativo*. A questão norteadora e as hipóteses deste estudo são respondidas nas *Considerações Finais*, que integra o capítulo oito.

2 METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é investigar se o jornalismo interpretativo apresentado no programa *Globo News Internacional* contribui para o aprofundamento da informação, fazendo um contraponto ao modelo *hard news*. O método definido para a pesquisa é a Análise de Conteúdo, juntamente com técnicas de revisão bibliográfica, entrevista e observação simples.

2.1 MÉTODO

O método que conduz esta pesquisa é a Análise de Conteúdo, proposto por Laurence Bardin. Para a autora, na obra *Análise de Conteúdo (2000)*, ele consiste num conjunto de instrumentos metodológicos que estão em constante aperfeiçoamento e que se aplicam aos mais variados discursos. A proposta da pesquisadora aborda um procedimento que envolve técnicas de análise das comunicações objetivas e subjetivas, baseando-se na indução e inferência.

Bardin (2000) aponta que há três etapas para a organização da análise de conteúdo: *pré-análise*; *exploração do material*; e *tratamento dos resultados obtidos e interpretação*. Essas etapas serão aprofundadas nos subtítulos abaixo.

2.1.1 Pré-análise

A pré-análise é a primeira etapa da pesquisa. Essa fase tem como principal objetivo a organização e esquematização das ideias iniciais para desenvolver um plano de análise.

Nesta parte, existem três missões principais que Bardin (2000) elenca: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Para Bardin (2000),

estes três fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros: a escolha de documentos depende dos objetivos, ou, inversamente, o objetivo só é possível em função dos documentos disponíveis; os indicadores serão construídos em função das hipóteses [...]. A pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, abertas, por oposição à exploração sistemática dos documentos (BARDIN, 2000, p. 96).

A autora divide a pré-análise em cinco etapas. A primeira delas é a *leitura flutuante*, que consiste em conhecer o material que será analisado. A segunda etapa é a escolha dos documentos que possuem informações sobre o problema levantado. A partir disso, Bardin (2000, p. 96) orienta que seja feito um *corpus*, ou seja, um “conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos processos analíticos”. A pesquisadora elenca algumas regras para a constituição deste *corpus*:

- a) *Regra da exaustividade*: é preciso ter em conta todos os elementos do *corpus*. Não se pode deixar de fora qualquer um destes;
- b) *Regra da representatividade*: a análise pode ser feita com uma amostra, desde que o material seja qualificado para tal atividade;
- c) *Regra da homogeneidade*: os documentos devem obedecer a critérios de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios;
- d) *Regra da pertinência*: “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2000, p.98).

A atividade que sucede a pré-análise é a *formulação de hipóteses e de objetivos*. Segundo Bardin (2000), a hipótese é uma afirmação provisória que será verificada. Já o objetivo é a finalidade geral da pesquisa. A autora salienta que as hipóteses nem sempre são formuladas na fase de pré-análise.

A quarta atividade a ser realizada é a *referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores*. Para a pesquisadora, o objetivo é considerar os textos como uma manifestação que possui índices para a análise. Se o texto contém índices, o trabalho preparatório se dará a partir deles, em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas.

A quinta e última atividade que a autora elenca é a preparação do material. Bardin (2000) explica que antes da análise o material reunido pelo pesquisador precisa ser preparado, fazendo recortes e separando o conteúdo.

A partir da elaboração da pré-análise, o pesquisador pode seguir para a *exploração do material*, assunto do próximo subtítulo.

2.1.2 Exploração do Material

A exploração do material é a parte da análise propriamente dita, que demanda mais tempo de trabalho. De acordo com Bardin (2000), a etapa seguinte é a exploração do material que já foi selecionado. Ela explica que esta etapa consiste, essencialmente, de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras que já foram formuladas. Na fase de codificação ou tratamento do material ocorre a transformação do texto bruto que foi selecionado na pré-análise em uma representação do conteúdo. A partir da codificação do material, começa a ser colocada em prática a etapa da categorização.

A codificação é a fase em que se compreende o porquê de realizar a análise e como fazê-la. A autora complementa que essa etapa

corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (BARDIN, 2000, p. 103).

A pesquisadora descreve que a maior parte dos procedimentos de análise são organizados por meio do processo de categorização, que consiste em “uma operação de classificação de elementos construtivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2000, p. 177).

Bardin (2000) elenca uma série de qualidades para a boa categorização. São elas:

- a) *Exclusão mútua*: o elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- b) *Homogeneidade*: um princípio de classificação deve governar sua organização;
- c) *Pertinência*: a categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido e pertence ao quadro teórico definido;
- d) *Objetividade e a fidelidade*: as partes do material devem ser codificadas da mesma maneira. O organizador precisa definir as variáveis que trata e deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento em uma categoria;
- e) *Produtividade*: um conjunto de categorias é produtivo se fornecer resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

A partir da pré-análise e da exploração do material, utilizando a codificação e categorização, o próximo passo é inferir sobre os dados que serão utilizados na pesquisa.

2.1.3 Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação

A última fase da organização do processo de análise de conteúdo é a interpretação dos resultados brutos para que estes sejam relevantes e válidos. Bardin (2000) explica que tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, o pesquisador pode propor inferências e interpretações relacionados aos objetivos previstos. Os resultados obtidos também podem servir como base para outra análise. Este processo ocorre por meio de polos de atração, que são o *emissor*, o *receptor*, sua *mensagem* e seu *canal*.

Bardin (2000) afirma que o *emissor* é um indivíduo ou grupo de indivíduos emissores. Neste caso, é importante a função expressiva e representativa da comunicação, pois pode comprovar a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor. O *receptor*, segundo a autora, pode ser, também, um indivíduo ou um grupo para os quais a mensagem é direcionada. A *mensagem* é o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não é possível. O *canal* é o instrumento, o objeto técnico e o suporte material da mensagem. Ele deve servir-se mais dos procedimentos experimentais do que das análises de conteúdo.

Essas fases são de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa. Após a descrição e definição do método da Análise de Conteúdo, serão apresentadas as técnicas que irão auxiliar na aplicação do método.

2.2 TÉCNICAS

Para auxiliar a aplicação do método *Análise de Conteúdo*, serão utilizadas três técnicas: *revisão bibliográfica*, *entrevista* e *observação simples*.

2.2.1 Revisão Bibliográfica

Esta etapa é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa porque envolve a leitura por parte do aluno referente ao assunto escolhido. Segundo Ida Regina C. Stumpf, no artigo *Pesquisa Bibliográfica* (2005), a revisão bibliográfica consiste na identificação, localização e obtenção de bibliografia especializada sobre o tema escolhido. A autora afirma que a prática é

um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p.51).

A pesquisadora divide a pesquisa bibliográfica em quatro partes: a primeira e a segunda devem responder as perguntas por que e quando revisar a literatura; a terceira e quarta partes trazem passos de como realizar a pesquisa e algumas formas de anotar leituras realizadas.

Stumpf (2005) explica que o estudante precisa conhecer o que já existe na literatura sobre o assunto escolhido para compreender em que bases irá avançar. Para ela, a consulta à bibliografia é uma atividade que deve acompanhar o investigador, o estudante e o docente. A revisão da literatura é uma atividade que deve ser constante e que, quanto mais o estudante lê sobre o assunto, mais ele consegue identificar conceitos que se relacionam com o problema escolhido.

O material básico para a revisão bibliográfica já deve estar disponível, porque foi utilizado para elaborar o problema e a justificativa, “mas precisa ser ampliado, através de uma boa estratégia de busca que recupere tanto textos de trabalhos teóricos quanto de outros estudos e pesquisas relacionados” (STUMPF, 2005, p.53). O planejamento evita perda de tempo e dá direcionamento ao objetivo.

Stumpf (2005) elenca um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização da pesquisa:

- a) *Identificação do tema e assuntos*: nesta etapa, o estudante deve definir o tema do seu estudo com maior precisão. Também deve elaborar uma lista de palavras-chave que possam ajudar no levantamento de dados bibliográficos. Aqui, deve-se delimitar o tema no tempo e espaço;
- b) *Seleção de fontes*: nesta fase, o estudante deve realizar um levantamento identificando a bibliografia disponível. A primeira fonte que deve apontar o material sobre o tema escolhido, segundo a autora, é o orientador. Algumas fontes secundárias também devem ser levadas em conta pelo estudante. Em seu artigo, Stumpf (2005) explica as principais:
 - a) Bibliografias especializadas: “são publicações que contêm a relação de obras publicadas sobre determinado assunto, em um período específico” (STUMPF, 2005, p.56);
 - b) Índices com resumo: também são chamados de *abstracts* e são índices de literatura de artigos de periódicos, com referência e resumo de cada item;
 - c) Portais: são considerados a porta de acesso a serviços e informações e estão disponíveis nos sites das instituições mantenedoras;
 - d) Resumos de teses e dissertações: publicações que possuem a indicação do autor, título, ano, orientador e universidade das dissertações ou teses defendidas em programas de pós-graduação;
 - e) Catálogos de bibliotecas: relação de obras de uma biblioteca, com entradas por autor, título e assunto;

- f) Catálogos de editoras: as editoras se especializam em publicar livros sobre determinada área do conhecimento.
- c) *Localização e obtenção do material*: trata-se de localizar documentos em bibliotecas, por meio da internet ou diretamente com as editoras;
- d) *Leitura e transcrição dos dados*: depois que o estudante possui os documentos, deve estabelecer a prioridade e interesse para cada parte do trabalho. A partir da leitura, é importante anotar em fichas trechos relevantes para a pesquisa contendo dados de referência, palavras-chave ou escrever um resumo sobre o que foi lido, utilizando citações do autor.

Neste projeto, os temas que passaram por revisão bibliográfica resultaram em quatro capítulos: *História do Jornalismo Internacional na Televisão Brasileira*, *Gêneros e formatos de conteúdo audiovisual*; *Produção de conteúdo no jornalismo audiovisual*; e *Jornalismo Internacional na Televisão*.

Além da técnica da revisão bibliográfica, outra que será importante para a realização desta pesquisa é a observação simples, assunto do próximo subtítulo.

2.2.2 Observação

A técnica da observação é uma das que está em evidência em todas as etapas da Análise de Conteúdo, principalmente quando se trata dos resultados obtidos, interpretação e inferências. Segundo Antônio Carlos Gil, na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (2008), a observação é o uso dos sentidos com vista a adquirir conhecimentos necessários para o cotidiano. Ele destaca que a principal vantagem da observação é que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediação.

A observação pode ser estruturada ou não estruturada. Isso se define de acordo com o grau de participação do observador, que pode ser participante ou não participante.

Gil (2008) classifica a observação em três tipos:

- a) *Observação simples*: o pesquisador é alheio à situação que pretende observar. É como um espectador e observa de maneira espontânea;
- b) *Observação participante*: consiste na participação real do conhecimento. O observador é membro do grupo;
- c) *Observação sistemática*: tem como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses.

A observação aplicada nesta pesquisa é a simples, pois serão observados quatro episódios do programa *Globo News Internacional*, do canal por assinatura Globo News. O propósito de estabelecer a observação simples como técnica no presente estudo diz respeito ao processo de decupagem dos programas em análise, que exigirão descrição literal, observação detalhada e aprofundada do *corpus* para posterior interpretação dos dados e inferência a respeito do conteúdo.

2.2.2.1 Objeto de Estudo

O Globo News Internacional é um programa de jornalismo internacional produzido pela rede de televisão por assinatura Globo News que estreou no dia 21 de janeiro de 2017. Ele tem periodicidade semanal e cada episódio dura, em média, 25 minutos. Conforme informações do site da Globo News¹, o programa aborda, toda semana, um tema de grande impacto internacional e tenta aprofundar a informação e entender os desdobramentos para o Brasil. Ele conta com uma equipe de comentaristas no Brasil e no exterior e fala sobre assuntos como terrorismo, política, economia, entre outros. Sempre apresenta infográficos e interatividade. Cada novo episódio é exibido toda sexta-feira, às 23h30min.

O Globo News Internacional conta com a apresentação do jornalista Marcelo Lins e tem como jornalistas comentaristas Ariel Palácios, sediado em Buenos Aires, e Guga Chacra, sediado em Nova Iorque. Toda semana, um convidado diferente, com formação em relações internacionais ou experiência em jornalismo internacional, compõe a bancada com Marcelo Lins.

¹ Disponível em <<https://globosatplay.globo.com/globonews/globonews-internacional/>>. Acesso em 03 jun 2019.

2.2.2.2 *Corpus* da pesquisa

Para a realização desta pesquisa serão observados quatro episódios do programa Globo News Internacional, veiculados entre os meses de março e abril de 2019. O primeiro a ser analisado é *As mulheres na política*, veiculado no dia 08 de março de 2019, programa especial em alusão ao Dia da Mulher, e apresentado por Marcelo Lins, com participação da jornalista Raquel *Krähenbühl*, *correspondente em Washington, Estados Unidos*; do jornalista Guga Chacra, *correspondente em Nova Iorque*; e da coordenadora de Conteúdo Internacional do canal Globo News, Marita Graça.

O segundo episódio é *Os Contrastos e Controvérsias da Arábia Saudita*, veiculado no dia 12 de março de 2019 e apresentado por Marcelo Lins, com participação dos jornalistas Guga Chacra, em Nova Iorque; Ariel Palácios, em Buenos Aires; e André Fran, jornalista do programa *Que Mundo é Esse?*, da Globo News.

O terceiro episódio escolhido é *A Importância da Ajuda Humanitária*, veiculado no dia 29 de março de 2019 e apresentado por Marcelo Lins, com participação dos jornalistas Guga Chacra, em Nova Iorque; Ariel Palácios, em Buenos Aires; André Fran; e Carolina Batista, representante da organização Médicos Sem Fronteiras.

O quarto e último episódio escolhido é *A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo*, veiculado no dia 19 de abril de 2019 e apresentado por Marcelo Lins, com participação dos jornalistas Ariel Palácios, em Buenos Aires; Daniel Wiedemann, em Nova Iorque; e André Fran.

2.2.2.2.1 *Decupagem*

Antes da decupagem, a pesquisadora indica a leitura do glossário localizado no final desta monografia, para que seja possível compreender os termos técnicos utilizados, que são próprios da produção de conteúdo audiovisual.

A decupagem se dará da seguinte forma: os quatro episódios do Globo News Internacional serão descritos na íntegra, com os offs dos repórteres, as sonoras e a transcrição do que é retratado nas imagens.

a) Programa *As Mulheres na Política* – 08 de março de 2019 – Tempo: 22'58"

Primeiro Bloco:

Roda vinheta de abertura do programa. Roda trilha sonora do programa em background (música ao fundo, em volume baixo). Marcelo Lins está enquadrado em plano médio na mesa em que o apresentador e convidado do programa se posicionam. Neste programa, participam da conversa Marita Graça, jornalista, Guga Chacra, jornalista e correspondente em Nova York, e Raquel Krähenbühl, jornalista e correspondente em Washington.

Marcelo Lins (ML): Olá! No ar, o Globo News Internacional. Elas são a metade da população do planeta e há muito tempo lutam para ocupar o espaço que merecem. Nesse longo caminho, preconceitos e todo tipo de discriminação, mas das dificuldades tiram combustível pra seguir conquistando o que é delas de direito. E com muitas fronteiras ainda por abrir e barreiras a derrubar, as mulheres são cada dia mais protagonistas em todas as áreas, inclusive no cenário político mundial.

Imagens da deputada americana Alexandria Ocasio-Cortez e Marcelo Lins segue em *off*.

ML: Que o diga a deputada americana Alexandria Ocasio-Cortez, que antes de chegar ao congresso foi garçoneiro e tem uma forte identificação com o eleitorado formado por jovens, negros e imigrantes.

Imagens do Reino Unido e de parlamentos de diversos países e Marcelo Lins em *off*.

ML: Para ter a dimensão da participação feminina nos parlamentos mundiais, pedimos ao nosso Ariel Palacios para checar a quantas anda a divisão e o tratamento dado a homens e mulheres em congressos mundo afora. E os números

são surpreendentes. Quem você imagina que está na frente nessa classificação? Estados Unidos ou Ruanda, em termos de equilíbrio?

Imagem em plano conjunto mostrando o apresentador e os convidados do programa no estúdio.

ML: Para tirar essa e outras dúvidas, na escalação de hoje do Globo News Internacional temos a nossa correspondente no centro do poder americano...

Imagem em plano médio de Raquel Krähenbühl.

ML: ...Raquel Krähenbühl.

Imagem em plano médio de Guga Chacra.

ML: Guga Chacra, lá de Nova York.

Imagem em plano médio de Marita Graça.

ML: E aqui comigo, a jornalista e supervisora dos programas internacionais da Globo News, Marita Graça. Obrigado a todo mundo!

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Na única superpotência do mundo não tem sido simples a tarefa das mulheres na política, mas elas vêm ampliando o alcance de sua atuação e a presença no congresso com pautas distintas e representando interesses de grupos dos mais diversos. A gente pinçou então, pra dar uma noção, quatro dessas mulheres que dão a ideia da rica diversidade hoje presente. Vamos dar uma olhada.

Infográficos aparecem na tela mostrando deputadas e senadoras dos Estados Unidos. O fundo é cinza e as fotos da deputada Nancy Pelosi, da senadora Elizabeth Warren, da senadora Kamala Harris e da deputada Alexandria Ocasio-Cortez também. Embaixo de cada foto, o cargo de cada uma delas, o partido entre parênteses e, abaixo, a idade.

ML: Olha quem são as mulheres fortes na política americana hoje. Nancy Pelosi, presidente da Câmara, a Elizabeth Warren, senadora democrata referência, a Kamala Harris, da nova onda, uma senadora que aparece muito forte no partido

Democrata e a figuraça Alexandria Ocasio-Cortez, a jovem deputada de 29 anos de posições muito assertivas, né?

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Filha de mãe porto-riquenha, ela faz parte de uma ala mais à esquerda, dentro do partido Democrata e promete ser a cara de uma nova América. Vamos dar uma olhada no que pensa Alexandria Ocasio-Cortez.

Entra VT que mostra diversos momentos e falas da deputada americana Alexandria Ocasio-Cortez. Inicialmente, a deputada está sentada em seu lugar na Câmara fazendo um pronunciamento.

Alexandria Ocasio-Cortez (AOC): Então, eu uso meu dinheiro sujo de lobistas de financiamento de campanha para subornar pessoas que preciso subornar e me eleger, e agora estou eleita, estou dentro, e tenho o poder de conseguir *lobby*² e formatar as leis que governam os Estados Unidos da América. Fabuloso. Agora, existe algum limite concreto que eu tenha, talvez a senhora Hobert-Flynn saiba, algum limite concreto que eu tenha em termos de qual legislação eu possa mexer, há algum limite nas leis que eu possa redigir ou influenciar, especialmente se eu estou baseada nos grupos de interesse especiais que eu aceitei para financiar minha campanha e me eleger?

Imagem em plano médio da deputada Karen Hobert-Flynn.

Karen Hobert-Flynn (KHF): Não há limites.

Imagem da deputada Alexandria Ocasio-Cortez.

AOC: Então não há limite algum. Eu posso totalmente ser financiada por petróleo e gás, posso totalmente ser financiada pelas grandes indústrias farmacêuticas, chegar ao poder, redigir leis sobre isso e não há limite algum sobre isso, de forma alguma?

² O termo lobby é definido no âmbito da ciência política como a influência em determinado procedimento de tomada de decisões políticas, em conformidade a uma orientação e interesse, seja ele social ou econômico. Outro significado aplicado ao termo é a de ser uma atividade de pressão a grupos, cujo objetivo é interferir em suas decisões, geralmente em função e favores particulares de grupos específicos. Disponível em: <<https://novaescolademarketing.com.br/comunicacao-corporativa/afinal-o-que-e-lobby/>> Acesso em 13 out 2019.

Imagem em plano conjunto no estúdio mostrando todos os participantes do programa.

ML: Ta aí a Alexandria! Então, vamos começar nossa rodada de comentários. A gente vai voltar a falar dela mais um pouquinho, daqui a pouco, mas, antes, eu queria começar com a Raquel, lá de Washington, que tá aí acompanhando esse cenário já há vários anos na política americana, se você tem sentido, Raquel, nesses últimos tempos, de fato, uma mudança, uma presença maior das mulheres, quer dizer, a gente sabe que os números dizem isso, mas, você tem notado uma mudança no cotidiano, aí em Washington?

Imagem em plano médio de Raquel Krähenbühl.

Raquel Krähenbühl (RK): Sim, a gente percebe, Marcelo. Oi, Marcelo, Marita, Guga, prazer estar aqui com vocês e a gente percebe que as mulheres (entra GC: Raquel Krähenbühl – Washington), realmente, elas têm, especialmente nesse ano, quando os Democratas retomaram o poder da Câmara com a maioria ali e com muitas mulheres e elas têm sido os destaques esse ano aqui nas manchetes dos Estados Unidos, têm avançado, têm conseguido colocar em pauta muitos assuntos muito polêmicos que não chegavam ao plenário ali da Câmara, como questões de armas, também questões do aborto. Até essa semana mesmo foi aprovada uma resolução para condenar vários tipos de ódio, então a gente percebe sim a presença das mulheres, mas é interessante a gente notar também, Marcelo, que a Nancy Pelosi é a presidente da Câmara, a única mulher que foi presidente da Câmara, ela tá no Congresso...

Imagens de Nancy Pelosi discursando no Congresso.

RK: ...desde 1987, desde dois anos antes do nascimento da Alexandria Ocasio-Cortez, então há uma grande diferença também dessa nova geração que chega pra geração de mulheres que têm dominado aqui a cena política de Washington. Então, a Nancy Pelosi, eu considero ela a mulher mais poderosa de Washington nesse século e há uma diversidade não só de geração, mas também de ideologia dessas mulheres que tão chegando hoje e das que já estão em Washington há bastante tempo, há mais de trinta anos.

Imagem volta para o estúdio, em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Mas, Marita, fala um pouquinho mais pra gente da Ocasio-Cortez, já que a Raquel estava falando.

Imagem em plano conjunto.

ML: ideologia muito forte, ela é uma pessoa mais à esquerda dentro do partido Democrata, surpreende não só os Republicanos, mas até os próprios Democratas, né?

Imagem em plano médio em Marita Graça.

Marita Graça (MG): Ela está provocando arrepios nos dois lados, eu diria. Ela (entra GC: Marita Graça – Jornalista) chegou chegando. Ela não tem papas na língua, ela não suaviza o discurso, ela bate de frente no *twitter* com a filha do Trump, Ivanka Trump.

Imagens da deputada Alexandria Ocasio-Cortez nas eleições e em seu gabinete no Congresso.

MG: Ela fez campanha pro Bernie Sanders, né? Ela é do Bronx e ela é uma pessoa impressionante e está tendo uma atenção da mídia que está incomodando os próprios Democratas. Ela tá recebendo muita atenção. Pra você ter uma ideia, você estava falando da Nancy Pelosi, concordo com você, é a mais poderosa, realmente, política da história recente do país, mas ela tem quinhentos mil seguidores a mais no *twitter*, a Alexandria, que a Nancy Pelosi, olha que coisa!

Imagem em plano conjunto.

MG: Então, logo que ela chegou aquele canal *FOX News*, que é bastante Republicano, só falava dela, eles estavam obcecados e eles acabaram chamando mais atenção, querendo combatê-la e ela foi ficando mais forte...

Imagens da deputada Alexandria Ocasio-Cortez em programas de televisão.

MG: ...e já se estranhou lá com a Nancy Pelosi, mas agora acho que elas estão mais afinadas.

Imagem volta para o estúdio em plano conjunto.

ML: Agora, Guga, Kamala. A Kamala é a sua Democrata de estimação. Porque?

Imagem em plano médio de Guga Chacra.

Guga Chacra (GC): Não é democrata de estimação. É que a Kamala Harris, a gente (entra GC: Guga Chacra – Nova York) vê que a Ocasio-Cortez, sem dúvida alguma, está influenciando bastante o partido Democrata e chegou como jovem, mas claro que ainda ninguém cogita que ela possa, sequer...

Imagens da deputada Kamala Harris em campanha.

GC: ser candidata numa primária Democrata e muito menos que vença essa primária. A Nancy Pelosi já é uma política experiente, mas, obviamente, não tem a menor probabilidade de entrar numa primária Democrata, a Kamala Harris não! É um nome muito forte, quer dizer, se você for construir uma candidata, um candidato forte pro partido Democrata nas eleições do ano que vem, seria a Kamala, por todo o histórico dela. Ela é filha de imigrante, um acadêmico jamaicano, professor em Stanford, que veio para os Estados Unidos, conheceu a mãe dela, que também é uma acadêmica, de origem indiana, eles se separaram, a Kamala cresceu no Canadá, voltou pros Estados Unidos, estudou em Washington, foi pra Califórnia, fez Direito. Lembrando que Direito, nos Estados Unidos, não é na graduação. Você faz depois de se graduar, virou *Attorney General*, procuradora geral da Califórnia, um cargo importantíssimo. Se elegeu senadora por esse, que é o maior estado dos Estados Unidos...

Imagem em plano médio de Guga Chacra.

GC: ...não chega a ser tão do centro do partido Democrata, como Joe Biden, é um pouquinho mais pra esquerda, mas é mais moderada. Ela entra com muita chance! Tem muito carisma. Então, a Kamala com certeza vai ser um dos nomes fortes nas primárias Democratas. Lembrando que há outras mulheres muito fortes. A Elizabeth Warren, um pouco mais à esquerda do que a Kamala, a Klobuchar, um pouco mais pro lado moderado, tem a Tulsi Gabbard, mas daí é uma outra história... Enfim, mas ela entra como nome forte entre as mulheres.

Imagem em plano conjunto.

ML: Vamos ficar de olho nela também, porque, de fato, o discurso da Kamala é mais palatável e isso faz dela uma potencial candidata.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: Agora, a representatividade das mulheres no mundo vem aumentando ao longo dos anos, isso é claro. Mesmo assim, na maioria dos países, incluindo o Brasil, o quadro tá longe de ser ideal, de ser representativo da realidade que a gente tem nas ruas, na população. A gente deu ao nosso Ariel Palacios, que hoje não tá aqui no telão, mas sempre está com a gente, a tarefa de dar uma olhada em como anda a relação entre mulheres e congressos no mundo. E ele encontrou algumas surpresas.

Entra reportagem de Ariel Palacios. O repórter está em frente a um monumento em uma praça de Buenos Aires.

Ariel Palacios (AP): Na primeira metade do século passado o sufrágio universal e secreto (entra GC Ariel Palacios – Buenos Aires) se generalizou, mas era um universal de meia tigela, já que as mulheres, exceto em um punhado de países, não podiam votar. Em meados do século começaram a ter o direito ao voto, mas, em diversos países, demorou para que também pudessem ser votadas. Os homens predominaram e predominam no âmbito parlamentar em todo o planeta, mas isso está mudando por diferentes motivos. Como por exemplo, os novos paradigmas sociais em Ruanda, (entra GC com o número 1, seguido pela bandeira do país e Ruanda. Ao lado, a porcentagem de mulheres no parlamento) após o genocídio dos anos noventa, que levou as mulheres dali a terem um peso enorme na reconstrução. Esse parlamento hoje conta com 61,3% de legisladoras, *pole position* mundial. Outro caso é o México, (entra GC com o número 2, seguido pela bandeira do país e México. Ao lado, a porcentagem de mulheres no parlamento) com 48,2% de peso feminino no parlamento. Deve-se a lei, que determina que metade da lista de candidatos dos partidos devem ser mulheres.

Imagens do parlamento da Suécia.

AP: Na Suécia, (entra GC com o número 3, seguido pela bandeira do país e Suécia. Ao lado, a porcentagem de mulheres no parlamento) a proporção é de 47,3%, decorrente da liberdade nesse país desde o início do século XX.

Imagens das ruas da Argentina.

AP: Na Argentina, (entra GC com o número 4, seguido pela bandeira do país e Argentina. Ao lado, a porcentagem de mulheres no parlamento) por lei, a proporção de mulheres no parlamento é de um terço, mas uma nova lei elevou a proporção para 50% e, desta forma, nas eleições de outubro, os partidos, nas listas de candidatos, deverão intercalar homens e mulheres. O Brasil está em pior situação do que o parlamento *fake* da Coreia do Norte, (entra GC com o número 5, seguido pela bandeira do país e Coreia do Norte. Ao lado, a porcentagem de mulheres no parlamento) que tem apenas 16,3% de deputadas. O Congresso brasileiro tem (entra GC com o número 6, seguido pela bandeira do país e Brasil. Ao lado, a porcentagem de mulheres no parlamento) 15%.

Imagem volta para o estúdio em plano conjunto.

ML: Você vê números impressionantes, né Marita?! E essa coisa de colocar metas, a Argentina quer 50% de mulheres e pra isso colocou essa meta, no Brasil você tinha que ter 30% de candidatas aqui e a gente viu que isso foi utilizado aqui e ali, aparentemente, para candidaturas não tão verdadeiras. E, mesmo assim, esses números mostram uma realidade que às vezes é surpreendente. Ruanda, o México com 48%, mas no geral o total mesmo são poucas mulheres nos congressos.

Imagem em plano médio de Marita Graça.

MG: No geral o número é horrível. Eu estava vendo um estudo da ONU em novembro, e as mulheres parlamentares no mundo eram só 24% dos parlamentares.

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Só 24%? É muito pouco.

Imagem em plano médio de Marita Graça.

MG: É muito pouco! Em vinte e poucos anos dobrou esse número. Em noventa e cinco eram 11%, mas mesmo assim ainda é muito pouco.

Imagem em plano conjunto.

ML: Ainda é pouco. Mas algumas imagens ficaram fortes e mostram que isso tá mudando, aos poucos, mais devagar do que precisaria, né Raquel? Se a gente

pensar naquela imagem das deputadas levantando durante o *State of the Union* desse ano, o discurso do Trump ali...

Imagem das deputadas americanas se levantando no Congresso durante discurso de Donald Trump.

ML: ...a gente via a presença feminina bem forte.

Imagens das deputadas americanas na Câmara.

RK: É! E naquele momento ali elas estavam comemorando todas de branco, né, um marco. Esse ano completam 100 anos, aniversário de 100 anos que as mulheres conquistaram o direito de votar. Então, até tem uma foto da Nancy Pelosi batendo palma, (entra GC: comentários, críticas e sugestões: tel: 4002 – 2884 e falecomaglobonews.com.br) parece que ela tá batendo palma pro presidente, realmente, porque naquele momento o presidente lembrava disso, que é um número recorde. Mas, como a Marita falava, é ainda um número baixo. Apenas 25% das mulheres ocupam o Congresso. São 25 no Senado, do número de 100, (entra GC: para rever este programa: globonewsplay.com.br) e são 102 na Câmara...

Imagem em plano médio em Raquel.

RK: Mas, como eu falava, essa eleição de meio de mandato, em novembro do ano passado, foi histórica, né. Naquela noite, os americanos aprovaram, colocaram na Câmara mais de 100 mulheres! Hoje são 131 no total, mas é importante a gente lembrar também a diferença gritante entre os partidos. São hoje 106 mulheres Democratas no Congresso e apenas, eu tenho o número aqui, apenas 21 Republicanas. Então, tem ainda um longo caminho pela frente, mas essa eleição foi representativa e eu acho que muito desse lado Democrata que a gente vê aprovando mais mulheres tem também muito a ver protesto à retórica do presidente contra minorias, também até mulheres, que levou muitas mulheres minorias a se mobilizar. Teve um ativismo muito grande e elas chegaram com força ali também conseguindo mobilizar um grande eleitorado, Marcelo.

Imagem de Marcelo Lins em plano médio.

ML: Vamos mudar de assunto aqui, porque no Canadá, o primeiro ministro, Justin Trudeau enfrenta a primeira grande crise e vê, também, com ela, a força das

mulheres. Visto por muita gente como um símbolo político jovem, íntegro e também ligado à diversidade, Trudeau é suspeito de fazer vista grossa, pra dizer o mínimo, pra pressões feitas sobre uma ministra. Pressões que vieram de uma empreiteira suspeita de corrupção. No centro do escândalo...

Imagens de Jody Wilson-Raybould andando na rua.

ML: ...a agora ex-ministra da Justiça, Jody Wilson-Raybould. Ela foi pressionada a fechar os olhos para acusações que levariam ao processo por corrupção contra uma grande empreiteira canadense. A gente já viu um filme parecido com esse em algum canto, né?

Imagens de Jane Philpott fazendo um pronunciamento.

ML: Ela acabou renunciando e foi seguida nesse ato pela Jane Philpott, que era Secretária do Tesouro, que tem *status* de ministra também. Ela disse simplesmente ter perdido a confiança na capacidade do governo Trudeau de lidar com esse problema e com a corrupção.

Imagens do primeiro-ministro canadense Justin Trudeau num pronunciamento.

ML: Pesquisas indicam que o caso já influencia negativamente a popularidade do primeiro ministro. Isso, em pleno ano eleitoral.

Imagem em plano conjunto.

ML: Meu caro Guga Chacra, o Trudeau durante muito tempo, quer dizer, desde que ele foi eleito pelo menos, é encarado assim: fez questão de fazer um gabinete mais diverso possível e quando perguntado por que era tão diverso ele disse que era porque estávamos nesses tempos, em que a diversidade é importante. Agora duas mulheres fortes, importantes do governo dele renunciaram e ele enfrenta essa oposição que tem a ver com a integridade. Como é que você vê essa primeira crise na imagem e no governo Trudeau?

Imagem de Guga Chacra em plano médio.

GC: É uma crise muito grave pro Trudeau. A imagem dele já está afetada, especialmente pela parte da transparência toda nesse episódio. Faltou um pouco de transparência por parte do Trudeau,

Imagens de Justin Trudeau em pronunciamentos.

GC: que quando foi eleito entrou com esse discurso, de dizer que seria diferente a antecessores, de combate à corrupção. Pegou muito mal a pressão que parte do gabinete dele, pelo menos, fez contra a ministra. Também afetou um pouco que ele se identifica como feminista e defensor de minorias e foi uma ministra que tem origem indígena, é mulher e depois a outra mulher. Quer dizer, é algo que afeta também o Trudeau. Talvez ele consiga sobreviver nesse momento, nos próximos meses, mas a imagem dele entra deteriorada pras eleições parlamentares em outubro. O partido Liberal, o partido dele, liberal que no sentido canadense é mais progressista...

Imagem em plano médio em Guga Chacra.

GC: ...centro-esquerda, corre um risco, sim, de perder a eleição.

Imagem de Marcelo Lins em plano médio.

ML: Pois é! E aqui fala que na política canadense, a própria Jody Wilson-Raybould vem ganhando força também como uma potencial candidata aí nessas eleições que devem acontecer até outubro.

Trilha do programa em *background*.

ML: No próximo bloco, mais histórias de mulheres fortes na atual cena política internacional. E o nome da vez será...

Imagens da primeira-ministra britânica Thereza May.

ML: ...Thereza May. A primeira-ministra britânica que resiste à tormenta do *Brexit* e, por enquanto, se mantém no cargo e mantém também o respeito mesmo entre opositores. O Globo News Internacional faz um breve intervalo e a gente tá de volta, já, já!

Roda vinheta do programa para o intervalo.

Roda vinheta do programa para voltar do intervalo comercial.

Segundo Bloco

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: GloboNews Internacional de volta e o nosso tema hoje (entra GC: Marcelo Lins) é a participação das mulheres e as mulheres fortes na política mundial. E Thereza May, a primeira-ministra britânica, vem resistindo bravamente a frente de um governo muito fragilizado pelo tenso processo do *Brexit*, o divórcio com a União Europeia. De Londres, a correspondente Cecília Malan, fala da primeira-ministra que é vista por alguns como uma pessoa confiante e por outros também como muito teimosa.

Imagens da correspondente Cecília Malan em plano médio na redação da Rede Globo em Londres.

Cecília Malan (CM): É comum ouvir por aqui que Thereza May tem um dos piores empregos do mundo. Ela herdou o cargo e, com ele, o maior desafio político da história britânica moderna: desfazer uma união de 46 anos e concluir o divórcio do Reino Unido com a União Europeia. Isso porque o primeiro ministro que inventou o *Brexit*, David Cameron, abandonou o barco.

Imagens de protestos na Inglaterra.

CM: A missão cabeluda foi dada por 52% dos britânicos que votaram no plebiscito de 2016. Uma vitória apertada, que muita gente argumenta foi baseada em promessas impossíveis, fantasiosas mesmo. Mas Thereza May assumiu a missão com unhas, dentes e apesar de ter feito campanha pra ficar no bloco europeu, com total convicção de respeitar a democracia.

Imagens de pontos turísticos de Londres.

CM: Agora, foram inúmeros contratemplos, ela perdeu a maioria na eleição que convocou em 2017 e seguiu governando capenga.

Imagens do parlamento britânico.

CM: Enfrentou um voto de confiança do próprio partido e ganhou. Depois ainda encarou a desconfiança do parlamento no governo dela e sobreviveu de novo. Ao fim de dois anos de negociações com os europeus, a primeira-ministra apresentou os termos do divórcio dizendo que era o melhor acordo possível, mas o plano sofreu

a maior derrota da história no parlamento. Uma humilhação que já teria feito muito primeiro-ministro entregar o cargo, mas não Thereza May.

Imagem em plano conjunto.

ML: Pois é! Goste ou não dela, teimosa e confiante, o fato é que Thereza May é resiliente. Vem demonstrando um poder de sobreviver ali apesar de tudo, né Marita?!

Imagem em plano médio em Marita.

MG: Nossa! Impressionante! Eu admiro muito essa mulher, porque ela não era a favor da saída, (entra GC: Marita Graça – Jornalista) e ela luta...

ML: Uma briga que não era dela.

MG: Uma briga que não era dela, ela respeitar o resultado e tá indo às últimas consequências. Eu vi ela numa coletiva essa semana, na semana da mulher...

Imagens de Thereza May no parlamento britânico.

MG: ...ela tentando convencer as pessoas a aprovar essa saída, numa coletiva dizendo pra ela: “A senhora só tomou pergunta de uma jornalista mulher”, (entra GC: comentários, críticas e sugestões: tel: 4002 – 2884 e falecomaglobonews.com.br) daí ela diz “Eu respondi a todas as perguntas, eu sou uma primeira-ministra mulher!”.

Marcelo Lins ri.

Imagem em plano conjunto.

ML: Ou seja, espaço ali tem. Você pode discutir outras coisas, política, ideologia e tudo mais. Agora, Guga, uma outra mulher forte na política europeia, ainda que a Thereza May seja forte mais como personagem do que talvez a força política dela, que a gente não sabe exatamente até onde vai, é a Angela Merkel, a chanceler federal alemã, a primeira-ministra da Alemanha, que está, digamos assim, na parte final da sua carreira política, mas ainda mantém alguma força nesse cenário europeu. E é ela que vem brigando, inclusive, pra manter a União Europeia mais unida, né?

GC: Sem dúvida! Foi a grande figura política da Europa nesse século, (entra GC: Guga Chacra – Nova York) sem dúvida alguma, a Angela Merkel, independente se é homem, independente de ser mulher, mas agora tá chegando ao fim. Ela própria anunciou, será substituída por uma mulher também, mas tá encerrando esse período.

Imagens de Angela Merkel.

GC: Por um momento chegou a ser a grande líder do Ocidente, muito importante defesa dos valores ocidentais e, acima de tudo, de defesa da União Europeia.

Imagem em plano conjunto.

ML: Uhum. E, finalmente, Raquel, um último pitaco aqui sobre esse cenário das mulheres conquistando espaço nos Estados Unidos. A gente sabe que é diverso também esse panorama nos Estados Unidos. Há lugares bem mais liberais, lugares muito conservadores. Mas, você, mulher, imigrante, brasileira, trabalhadora no coração da política americana, você sentiu muita diferença entre o tipo de machismo que enfrentava aqui no Brasil e o tratamento que recebe nos Estados Unidos? Como profissional, como mulher...

Imagens de ruas nos Estados Unidos.

RK: Sem dúvida, Marcelo! Eu acho que os Estados Unidos... a sociedade americana... lida com a mulher de uma maneira menos machista que a brasileira, infelizmente.

Imagem em plano médio de Raquel.

RK: A gente, no Brasil, (entra GC: Raquel Krähenbühl – Washington) em vários aspectos da vida a gente tem que, no dia-a-dia, lidar com situações bastante constrangedoras, mas eu acho que a maneira que o homem trata a mulher aqui é um pouco mais sutil. Inclusive, hoje um amigo meu, do governo americano, me mandou um e-mail sobre a diferença de salário das mulheres no Brasil, que elas recebem muito menos que os homens e ele falou que isso é uma vergonha. E isso é diferente aqui nos Estados Unidos também, Marcelo.

Imagem em plano conjunto.

ML: Exatamente. Então, vamos ficar com isso, de olho, porque os Estados Unidos, pela diversidade, acaba servindo como referência como importante democracia no mundo. Um último pitaco da Marita, nossa convidada especial.

Imagem em plano médio de Marita.

MG: É um pitaco sobre o *Me Too*, que fez uma vítima, mais uma vítima, que é o Mario Batali, né?

Imagens de Mario Batali.

MG: Que é aquele dono de um império de restaurantes, né? Que teve que abrir mão de toda a parte dele por causa de denúncias de assédio que vieram à tona há um ano e pouco, né?

Imagem em plano médio em Marita.

ML: Pois é.

MG: Então, o *Me Too* realmente é um movimento muito importante que fez uma diferença enorme para nós mulheres, né Raquel?

Plano conjunto em todos os participantes.

ML: Então, eu acho que dá pra dizer que veio pra ficar. É claro que tudo tem que ser apurado, denúncia tem que ser investigada, mas todas elas comprovadas, tem que ter punição muito dura pra de fato mudar uma cultura que não é só americana, brasileira, é uma cultura mundial de, enfim, opressão da mulher que está mudando aos poucos.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: Então, a gente poderia ficar discutindo isso aqui durante horas, porque o assunto mulher, política, mulher no mundo (entra GC: para rever este programa: globonewsplay.com.br) e as relações com os homens também rende muito mais. Mas, o Globo News Internacional vai ficando por aqui.

Trilha do programa em *background*.

ML: A gente se despede agradecendo a todos, agradecendo a Raquel, lá em Washington, ao Guga, em Nova York, você, Marita, aqui.

Imagem de Marcelo Lins em plano médio.

ML: E termina o programa com a imagem de uma jovem liderança feminina que vem se destacando na política internacional de forma peculiar, é Greta Thunberg,

Imagens da menina Greta Thunberg.

ML: que apenas com 16 anos, novíssima, ela é um ícone da luta contra o aquecimento global por liderar uma greve na porta da escola dela dizendo “pra que ir à aula se não teremos futuro?”. Foi seguida por milhares de estudantes de diversos países da Europa, falou em sessão da Cop24, a conferência do clima, e foi recebida com honras pelo presidente francês Emmanuel Macron. Greta, uma jovem, uma moça, uma mulher do século 21. Parabéns a ela e a todas as mulheres.

Imagem mostra todos os participantes.

ML: Obrigado a todo mundo que ajudou a fazer este programa e você, que nos acompanha até aqui. Que surjam muitas Gretas no mundo, né Marita? Muito obrigado e até a próxima!

O programa encerra com os créditos finais subindo e imagens do estúdio e dos jornalistas ao fundo.

b) Programa *Os Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* – 12 de março de 2019 – Tempo: 23'16”

Marcelo Lins (ML): Boa noite, todo mundo! Vai começar agora o Globo News Internacional.

Roda vinheta de abertura do programa. Roda trilha sonora do programa em background (música ao fundo, em volume baixo). Marcelo Lins está enquadrado em plano médio na mesa em que o apresentador e convidado do programa se posicionam. Nesta edição, participam como convidados o jornalista André Fran, Guga Chacra, jornalista e correspondente em Nova York e Ariel Palacios, jornalista e correspondente em Buenos Aires.

ML: Globo

News Internacional no ar numa edição mais do que especial dedicada à Arábia Saudita, com um olhar curioso e exclusivo da equipe do programa “Que Mundo É Esse?”, que acabou de voltar do país.

Imagem em plano conjunto mostrando o estúdio, o apresentador, o convidado e a plateia do programa.

ML: E com mais novidade, já que hoje o programa tem plateia! São estudantes de Relações Internacionais da FGV aqui do Rio, e também da PUC.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: A gente vai falar das riquezas, do petróleo, de uma monarquia absolutista envolvida em disputas regionais (entra GC: Marcelo Lins), e uma guerra, com desafio de mudar a imagem do país em meio a muitas desconfianças.

Imagens da bandeira da Arábia Saudita e imagens aéreas do país. Em seguida, imagens de usinas e petrolíferas. Também aparecem imagens do príncipe do país e de mulheres e suas famílias em shoppings.

ML: A Arábia Saudita se diz comprometida com a repaginação, que inclui abertura para o exterior, deixar pra trás a dependência do petróleo e a imagem de reino das mil e uma noites. Investe em energias renováveis, lidera o ranking mundial de importadores de armamentos e tem como homem forte um príncipe sorridente conhecido pela mão pesada contra opositores. E a situação das mulheres? Somente há pouquíssimo tempo o país passou a permitir que elas dirigissem automóveis. As mulheres também já podem ir a estádios de futebol, mas ainda tem muito, muito a conquistar.

Imagem volta ao estúdio em plano geral, agora também com as imagens dos correspondentes no telão.

ML: Na escalação de hoje do Globo News Internacional temos Guga Chacra, lá em Nova York. O Ariel Palacios, em Buenos Aires, e o nosso viajante profissional da turma do “Que Mundo É Esse?”, André Fran. Olá a todos!

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: O líder de fato da Arábia Saudita hoje é o herdeiro direto de Ibn Saud, que fundou o reino em 1932, outro dia, portanto. Aos 33 anos, o príncipe Mohammad Bin Salman está à frente de um ambicioso plano de modernização, mas age como representante legítimo de uma monarquia absolutista guiada por uma interpretação radical do Islamismo. Ele prometeu varrer a corrupção e, pra isso, não hesitou em prender muitos parentes e manter relações próximas com figuras bastante controversas como Donald Trump, Vladimir Putin e Xi Jinping.

Entra reportagem sobre a Arábia Saudita do jornalista André Fran. Sempre em *off*, com imagens do príncipe e do país. Em seguida, imagens gráficas mostrando o mapa do país e alguns gráficos e símbolos para representar riqueza, para ilustrar a fala do repórter. No fundo, música em background.

André Fran (AF): Mohammad Bin Salman, ou MBS como é mais conhecido, alterou a linha de sucessão da dinastia saudita e prendeu membros da própria família, ok, num hotel de luxo, pra se tornar o príncipe herdeiro e homem forte do país. Entre seus objetivos tá diminuir a dependência do país pelo petróleo, já que o preço vem caindo no mercado internacional há alguns anos. Por isso, a importância de abrir mercados de entretenimento, facilitar o acesso das mulheres na economia e todas aquelas mudanças que a gente já falou. E também abrir o país ao turismo pra faturar uma grana com isso como seus vizinhos.

Imagem volta ao estúdio em plano geral.

ML: Então, eu passo a bola para o nosso querido Guga Chacra, lá em Nova York, que eu sei que é um estudioso de assuntos do Oriente Médio e de Bin Salman também. Guga, o que você pode acrescentar sobre essa figura que ganhou tanta proeminência na Arábia Saudita e no Oriente Médio como um todo?

Imagem em plano médio em Guga Chacra, seguido de imagens para ilustrar a fala.

Guga Chacra (GC): Oi, Lins. Oi a todos, à plateia... (entra GC: Guga Chacra – Nova York) Parabéns pelo excelente programa, Fran, que eu assisti o primeiro episódio. Bom, o Bin Salman é um líder sanguinário, é o ditador de fato da Arábia Saudita, príncipe herdeiro, mas quem manda no país é ele.

Imagens de várias cidades da Arábia Saudita. Logo após, imagens do príncipe-herdeiro do país em pronunciamentos.

GC: Ele leva adiante uma sangrenta guerra, onde ele comete atrocidades e crimes de guerra no Iêmen. Ele sequestrou o primeiro-ministro do Líbano, Saad Hariri, ele prendeu uma série de pessoas como o Fran já falou, alegando que era pra combater corrupção, mas, na verdade, muitos deles eram rivais políticos da linha de sucessão do antigo rei, do rei Abudullah. Ele ordenou o assassinato do Jamal Khashoggi, jornalista dissidente saudita e colunista do *Washington Post* no consulado da Arábia Saudita em Istanbul. Isso, segundo o Serviço de Inteligência dos Estados Unidos. E, além disso, ele apoia grupos de radistas anti-Assad na Síria. Continua difundindo a ideologia Al-Rabita. Embora tenha dado algumas liberdades pras mulheres na Arábia Saudita, ele prende uma série de mulheres defensoras dos direitos humanos, inclusive dos direitos das mulheres, como a Samar Badawi, que foi muito premiada nos Estados Unidos e está presa. Quer dizer, ele mantém um regime ditatorial dentro da Arábia Saudita.

Imagem em geral.

ML: Se não fosse um reino, seria um ditador acabado. A imagem dele, vocês viram bastante nessa viagem pra lá, Fran?

Imagem em plano médio de André Fran.

AF: Tem muito daquele culto a personalidade que a gente vê em diversos outros lugares (entra GC: André Fran) autoritários, né? Com líderes populistas, como é o caso do Bin-Salman. Você vê que apesar de todas essas atrocidades que o Guga fala, quais são os dois grandes pilares da Arábia Saudita? O petróleo, a riqueza, e o extremismo religioso al-rabista. Então, na sociedade ultraconservadora da Arábia Saudita, essas pequenas concessões dele são bem vistas. As pessoas acham que aquilo ali é uma pequena migalha, que é um absurdo se você considerar que a Arábia Saudita foi um dos últimos países do mundo a deixar uma mulher dirigir, que agora elas frequentam estádios, mas em setores específicos com autorizações especiais. Eles pensam que isso já é alguma coisa, então as pessoas “não, as nossas mudanças tem que ser feitas realmente devagar, a coisa tá dando certo... é

estável”, enquanto isso ele faz todas essas atrocidades que o Guga falou. Inclusive, prendendo as ativistas que outro dia estavam lutando pela liberdade de dirigir.

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Ou seja, tem esse sorriso, mas tem mão pesada, é ditador... é difícil. E pra conhecer um pouquinho melhor da Arábia Saudita, vale ter um olhar um pouco mais abrangente da região, sobre seus vizinhos. Odiada por alguns países, com relacionamentos difíceis, o reino está no centro de alguns conflitos históricos. Vamos dar uma olhada no mapa.

Entra infográfico com mapa do Oriente Médio em cinza com indicações do nome de cada país. Em vermelho, o território da Arábia Saudita.

ML: Olha aí, temos aí o Oriente Médio, temos ali o Mar Vermelho, o Mar Morto. A Arábia Saudita fica no meio ali, fazendo fronteira com o Iêmen, que está em guerra, ao Sul. O Omã, os Emirados Árabes Unidos, todos os países do golfo ficam logo ali do lado. Não tá longe do Irã, que é o grande antagonista, o Iraque logo acima, Jordânia... e do outro lado ali, do Mar Vermelho temos o Egito, temos o Sudão, a Etiópia e tudo mais. É uma região explosiva, não é mesmo, Ariel? Esse contexto todo ajuda a gente a entender um pouquinho mais de que país estamos falando.

Imagem em plano médio de Ariel Palacios.

Ariel Palacios (AP): Pois é. É um país com os seus paradoxos, porque, por um lado, é inimigo de Israel, mas Israel e Arábia Saudita (entra GC: Ariel Palacios – Buenos Aires) possuem inimigos em comum, como o Irã. Então, há uma certa parceria, digamos assim, levando em conta que o inimigo do meu inimigo acaba virando uma espécie de amigo. É um dos países com maior área territorial no mundo.

Imagens aéreas da Arábia Saudita. Após, imagens nas ruas de diversas cidades do país.

AP: Ali dentro do contexto do Oriente Médio, a gente vê o tamanho da Arábia Saudita e é uma potência (entra GC: comentários, críticas e sugestões: tel: 4002 – 2884 e falecomaglobonews.com.br) econômica, então, como está ali no documentário do Fran, já estão pensando em (entra GC: para rever este programa:

globonewsplay.com.br) como ir se desvinculando gradualmente do petróleo e se sustentar de outras formas quando o petróleo não puder mais sustentar o país, quando o petróleo não for mais importante ou quando as reservas acabarem. Já estão pensando inclusive no futuro, e tem o vínculo com os Estados Unidos, um vínculo que vem desde quarenta e cinco. O Roosevelt, em seus últimos anos de vida, se encontrou com o rei saudita e desde então os dois países são aliados. Então, é um dos casos de ditaduras das quais, no entanto, apesar do discurso democrático, os Estados Unidos tem uma fortíssima aliança.

Imagem em plano geral.

ML: E o Ariel disse bem, potência econômica. 260 bilhões de barris de petróleo de reserva, a segunda maior do mundo. A primeira é a Venezuela, com 300, mas com muitas dificuldades, a Arábia Saudita é o maior exportador. Também o maior importador de armas... E essa relação com os Estados Unidos, 32 é criada a Arábia Saudita, o reino, 38 a descoberta do petróleo lá.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: Desde então, os americanos lá. Vocês viram muito símbolos desses?

Imagem em plano médio em André Fran.

AF: Muitos! Até porque a Guerra do Golfo é emblemática também. Se a gente lembrar a década de 90, quando a Arábia Saudita fica do lado dos Estados Unidos causando uma estranheza ali, uma situação complicada com os vizinhos. E a gente viu no mapa também, e a gente pode perceber que em cada um dos vizinhos como é que tá a mão forte da Arábia Saudita presente. Na Guerra da Síria, no bloqueio ao Catar e na Guerra do Iêmen, no conflito do Iêmen, que a gente, por sorte, nesse nosso estilo de mostrar as pautas através da vivência, indo num kart pra falar do petróleo, indo num estádio de futebol pra falar das mulheres, a gente deu a sorte de encontrar com os iemenitas e aí explorar toda a situação, toda a participação da Arábia Saudita nesse conflito, que é terrível, como o Guga citou. Eles são acusados de bombardeio à divisa, aí você tem bombardeio a funeral, casamento, até ônibus escolar comprovado que teve apoio de armamento da Arábia Saudita nesse conflito.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: Guerra sempre é horrível. Guerra sem formação é mais horrível ainda, que é o que tá acontecendo no Iêmen. Outra questão importante: direito das mulheres. Essa é uma questão sensível em qualquer lugar e sensível aqui no Brasil e é muito mais sensível numa sociedade como a saudita. Só pra dar um exemplo simples, um homem, que tem o direito já de casar com quatro mulheres ao mesmo tempo, pode pedir o divórcio sem precisar de nenhum tipo de consentimento da outra parte. A lei diz que, no máximo, as mulheres, a mulher, no caso, deve ser notificada, por exemplo, por uma simples mensagem de SMS.

Entra reportagem de André Fran com imagens graficamente produzidas pela ONG *Human Rights Watch* de mulheres em vestes típicas do país. Em seguida, imagens de mulheres nas margens de um rio na Arábia Saudita. Por fim, imagens do *Twitter* de Rahaf Mohammed pedindo ajuda e da garota chegando ao aeroporto do Canadá.

AF: As mulheres na Arábia Saudita ainda precisam de autorização legal de um homem para exercer uma série de atividades, como pedir divórcio, ter acesso à universidade, arranjar emprego ou até viajar para fora. Tudo em função de uma interpretação radical das leis islâmicas feita pelo governo do país. Mas, também, por uma sociedade extremamente patriarcal e religiosa. Uma combinação que fez com que recentemente várias jovens tenham fugido do país e buscado asilo no exterior, que foi o famoso caso de Rahaf Mohammed, de 18 anos, que fugiu para a Tailândia e se trancou em um quarto de hotel, de onde lançou uma campanha no *Twitter* pedindo asilo no Canadá. Ela dizia que se voltasse para o seu país seria morta pela sua família e que queria fugir de uma vida de escrava, como ela mesma classificou a realidade de uma mulher na Arábia Saudita.

Imagem volta para o estúdio um plano geral.

ML: E para quem não sabe ou não percebeu, o que a gente está passando aqui entre uma conversa e outra são trechinhos do “Que Mundo É Esse?”, que a gente tirou especificamente para este programa.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: E vamos aproveitar, já que a gente pediu para o povo participar também pelas redes sociais, a gente tem uma pergunta aqui mandada pela Debi Camargo que é exatamente sobre a questão das mulheres. E num dia tão emblemático também,

numa semana tão emblemática, ela pergunta: “existem Marielles na Arábia Saudita? As mulheres têm alcançado protagonismo e articulação política de alguma forma? Ha repressão violenta em relação a isso?”. O que você viu lá?

Imagem de André Fran em plano médio.

AF: Elas tem direito até de ocupar cargos menores e locais. Em eleições, elas podem concorrer a cargos municipais, por exemplo. No caso de virar uma Marielle, um símbolo mais ativista, é muito mais difícil.

Imagens diversas de mulheres na Arábia Saudita. Todas usando burcas e hijabs³.

AF: Como a gente citou aqui, agora, as ativistas pelos direitos das mulheres dirigirem na Arábia Saudita ficaram presas. Presas durante mais de um ano e foram soltas recentemente, depois que as primeiras mulheres estavam começando a dirigir. Então, essa questão da mulher ter um protagonismo, de lutar pelos seus direitos não existe. É uma sociedade extremamente ultraconservadora e não é nem por medo da opressão do governo, mas por conta da sociedade patriarcal ultraconservadora. Pra elas é uma desonra para família se ela andar descoberta, por exemplo. Se ela tirar uma foto do rosto dela e publicar numa rede social. Então, é um conjunto de fatores ainda mais complicado do que a gente vê, por exemplo, no Irã, que é o antagonista principal da Arábia Saudita na região, mas que as mulheres já fazem o seus protestos, já tem um pouco mais de liberdade.

Imagem em plano geral.

ML: Sem dúvida. Guga, se a gente acha que... realmente acha não... a realidade aqui no Brasil, as mulheres tem uma luta enorme e histórica para conquistar mais espaço, direitos, representatividade que merecem, na Arábia Saudita é essa discussão está muito lá atrás ainda, né?

Imagem em plano médio de Guga Chacra.

³ O "hijab" tem origem na palavra árabe "hajaba", que significa esconder, se ocultar dos olhares, estabelecer distância. Este véu esconde os cabelos, as orelhas e o pescoço, e só deixa visível o rosto. Costuma ser usado em conjunto com uma túnica ou um casaco impermeável. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/09/os-diferentes-veus-islamicos-hijb-niqab-chador-e-burca.html>> Acesso em 13 out 2019.

GC: Está atrás até mesmo de outros países da região. O Fran estava citando o Irã, eles estão mais atrasados do que o Irã, muito mais atrasados do que outros países da região, como Líbano, como a Jordânia, que já são atrasados em relação às nações ocidentais.

Imagens de mulheres sauditas dirigindo.

GC: Realmente, é um dos países mais atrasados de todo planeta em relação aos direitos das mulheres. Esse avanço que teve ainda é muito pequeno. Continua sendo intolerável a situação das mulheres na Arábia Saudita.

Imagem em plano geral.

ML: Exatamente, é “intolerável” a palavra. E Ariel, queria complementar com alguma coisinha rápida?

Imagem em plano médio em Ariel Palacios.

AP: Sim. Lembremos o seguinte: Arábia Saudita teve escravidão até 1962 e, segundo a Freedom House, a Arábia Saudita é o sétimo país mais totalitário do mundo. Só é superado pela Guiné Equatorial, Turcomenistão, Coreia do Norte, Eritreia, Sudão do Sul e a Síria. É, digamos mais do que uma ditadura. É uma monarquia absolutista, tal como eram em 1600 as monarquias europeias.

Imagem em plano geral.

ML: Pois é. Quando ditadura é um jeito de amenizar a situação do país dá pra ter noção do que a gente está falando, né?

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Agora, em meio aos esforços para mudar a imagem que eles estão fazendo agora, a Arábia Saudita alimenta a desconfiança. E o assassinato do jornalista Khashoggi no consulado da Arábia Saudita de Istanbul, na Turquia, não ajudou em nada, para dizer o mínimo. Além disso, o reino de maioria Sunita disputa espaço e hegemonia com o Irã, Xiita, e mergulhou numa guerra sangrenta lá no Iêmen.

Imagens de destroços no Iêmen e de pessoas em meio ao conflito.

ML: Rico em história, mas o país mais pobre do Oriente Médio, o Iêmen vive o que a ONU já classificou como a pior crise humanitária da atualidade. De um lado as forças oficiais do governo apoiadas por uma Coalisão Sunita, liderada pela Arábia Saudita. Do outro, a milícia rebelde Huti, que é formada por Xiitas e recebe um apoio oficial, ou oficioso, do Irã. Uma guerra terrível né? E uma crise humanitária que vem junto, né Fran?

AF: É uma das maiores, se não a maior, crise humanitária do nosso tempo como ONU já classificou. E essa questão que também é problemática, que também é pra mostrar a relação da Arábia Saudita com os vizinhos, o Irã principalmente, Xiita. E, no caso do Iêmen, os Huti, os rebeldes, que também são Xiitas contra o governo, que é apoiado pela Arábia Saudita. E é interessante a gente destacar essa questão dos xiitas também na Arábia Saudita. Existe uma comunidade xiita, mas que as pessoas sofrem com preconceito, com a perda de direitos e até com a pena de morte, que lá é aplicada quase que a revelia, com inclusive a decapitação em praças. A gente vai mostrar essa praça durante a série... Mas os Xiitas usam, como tem esse preconceito todo com eles... Olha só, você foi acusado de roubar alguma coisa, mas, na verdade está sendo culpado, está sendo punido por ser Xiita.

ML: Guga, complementando?

Imagem em plano médio de Guga Chacra.

GC: Não... É que, na verdade, o Huti tem esse apoio do Irã, mas não é o apoio similar ao que o Irã dá ao Hezbollah. Os Huti, na verdade, eles seguem uma vertente Al-zaid, uma vertente do Islamismo, que muitas vezes as pessoas associam aos Xiitas, mas não é por isso a relação do Irã exatamente com eles. Não é uma relação que eles dão aquele mesmo apoio que eles dão o Hezbollah, que eles armam, que eles treinam, tudo. Então, é um apoio bem menor do que o que Arábia Saudita concede as forças do Hadi, Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi, que é o presidente do Iêmen né, mas que controla muito pouco território e não tem popularidade nenhuma no país.

Imagem em plano geral.

ML: São nuances no meio de uma situação pra lá de complexa. E daqui a pouco, a gente continua o nosso papo com o Fran, também com Ariel e também com o Guga,

revelando algumas novas curiosidades e também falando da próxima temporada do “Que Mundo É Esse?” que você vai ver logo, logo aqui na Globo News. No próximo bloco, a gente vai falar também sobre a imagem de futurista que a Arábia Saudita quer projetar pro mundo, com todas as dificuldades... E isso até 2030. Globo News Internacional faz um breve intervalo e volta já, já.

Trilha em *background* e roda vinheta do intervalo.

Segundo Bloco.

Imagem em plano geral.

ML: Globo News Internacional de volta com uma edição pra lá de especial. Hoje, a primeira com plateia. Espero que a primeira de muitas, com plateias qualificadas, estudante de Relações Internacionais da FGV do Rio e da PUC do Rio também. Em foco, a Arábia Saudita, o país que está aí no noticiário e que também é o foco da próxima temporada do “Que Mundo É Esse?”.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: A gente já falou do passado, (entra GC: Marcelo Lins) falamos um pouco também do presente da Arábia Saudita... E, o que será que dá pra esperar do reino no futuro, ou pelo menos, o que é que a monarquia espera?

Entre a reportagem de André Fran, sempre em *off*. As imagens são aéreas de cidades do país e de pontos turísticos.

AF: Do alto, uma visão geral da capital Ryad e a oportunidade de fazer uma análise geral, também, do início dessa nossa viagem pelo reino da Arábia Saudita. A gente sentia que esses pequenos passos de abertura social tinha muito de interesse econômico por trás, nada como avançar em direção ao progresso, com abertura de cinemas, shows, entrada de estrangeiros no país, turismo, e, com isso, estimular as áreas de turismo, exatamente, o entretenimento, os esportes e tudo mais. Reformas sociais com interesses econômicos por trás. Uma vez que o projeto do líder de fato do país, o polêmico príncipe Mohammed Bin-Salman e sua visão pra 2030 é diminuir a dependência do reino Saudita no petróleo. De bobo e de bonzinho ele não tem nada.

Imagem em plano geral.

ML: Pois é. De bonzinho a gente viu pouquíssima coisa. E já que a gente vai falar de futuro, já que estamos falando do olhar pra frente, eu pedi aqui pra Clara deixar o lugar mais confortável na plateia e vir aqui um pouco menos confortável na frente das câmeras fazer uma pergunta.

Imagem em plano médio na estudante Clara.

Clara: Os jovens costumam ser os agentes de mudança no mundo e eu gostaria de saber se na Arábia Saudita parece que isso também se dá ou se eles têm uma tendência a serem conservadores assim com os pais e as gerações mais antigas?

Imagem em plano geral.

ML: Muito obrigado, Clara. Fran, parece?

AF: Na experiência que a gente teve, não. É muito difícil, não só pelo medo da opressão do governo, mas também por ser uma sociedade ultraconservadora como um todo. Então, muitas vezes, o medo do jovem é do que aquilo vai chocar a família, do que aquilo vai parecer para a sociedade. Vai ferir a honra do pai, por exemplo. A gente conheceu uma menina, o nosso Palito, que faz o programa com a gente, do “Que Mundo é Esse?” conversou com a menina que falou pra ele assim: “olha, se você botar no ar, botar na internet as imagens que você fez da gente meu pai vai me matar” aí foi uma questão... “mas teu pai te ama, ele não vai te matar”, “não, mas mesmo assim, ele me ama, mas ele vai me matar”, porque essa questão do conservadorismo ligado a honra, ligado ao que a pessoa parece perante a sociedade. Então, é complicado. Não é como no Irã, por exemplo, que a gente sempre faz um paralelo, que tem um certo ativismo, que tem a presença da juventude nas ruas, fazendo campanha no *Instagram*. É bem complicado na Arábia Saudita.

ML: É bem complexo, né? Ariel, Mohammed Bin-Salman não faz tanto tempo assim esteve na Argentina. Ele foi vender também um pouco do país e essa visão 2030. O que você percebeu nessa passagem dele por aí?

Imagem em plano médio de Ariel Palacios.

AP: Foi uma passagem complicada, porque foi depois da morte do jornalista Khashoggi, né? (entra GC: Ariel Palacios – Buenos Aires) Houve até um pedido à promotoria federal argentina para que o Bin Salman. Não um pedido para ele ser preso, mas um pedido para ele prestar depoimento obrigatoriamente. Claro que por ele ter imunidade diplomática, por ele ser o príncipe herdeiro, evidentemente, esse pedido nem sequer foi levado em conta. Ele veio vender a sua imagem, perdão, a imagem da Arábia Saudita na reunião do G20, mas o problema...

Imagens do jornalista Jamal Khashoggi.

AP: ...a morte do Khashoggi, o escândalo que isso havia gerado, acabou levando o príncipe Bin Salman a um perfil muito baixo, um *low-profile* enorme, durante a sua estadia em Buenos Aires. Ele ficou dentro da embaixada da Arábia Saudita, que é a cinco quarteirões daqui de casa, e praticamente só saía dali pra reunião do G20 e voltava pra embaixada. Então, por outro lado, os outros chefes de Estado que estavam aqui não queriam uma foto assim muito empática com ele. Vladimir Putin fez a foto, evidentemente, mas os outros preferiram não ficar muito perto dele.

Imagem em plano geral.

ML: Guga, na sua opinião, podemos esperar alguma mudança mais profunda na Arábia Saudita no futuro? Podemos esperar alguma coisa em relação especificamente ao Brasil, as relações comerciais que temos com eles... Ou você acredita ainda que a monarquia tem fôlego e tem arma suficiente, poder, pra permanecer tão forte quanto ela parece hoje?

Imagem em plano médio em Guga Chacra.

GC: Olha, primeiro, (entra: Guga Chacra – Nova York) o Brasil não é uma grande prioridade pra Arábia Saudita, mas uma coisa assim que vai ser muito importante é quando o rei Salman morrer, ou se ele antecipar a sua sucessão pro filho dele. Mas, se ele morrer sem ter passado pro Mohammad Bin Salman a sucessão, pode haver uma disputa, sabe se lá o que vai acontecer, né? Pode ser uma mudança muito grande, vai ser um momento muito determinante pro futuro da Arábia Saudita. E eu só queria acrescentar eu vi o primeiro episódio do “Que Mundo é Esse?” e insisto: vale muito a pena assistir o programa. Está fantástico! Está de parabéns o Fran, o Cebrian, o Felipe e o Michel, viu? De verdade, foi muito bom programa mesmo.

Imagem em plano geral.

ML: Sem dúvida, Guga! E é um programa raro! É raríssimo você ter turistas na Arábia Saudita, mais raro ainda ter jornalistas, gente documentando, jornalistas brasileiros então... A equipe brasileira inteira na Arábia Saudita é raríssimo. Nesses dias que vocês estiveram por lá, Fran, a visão 2030 apareceu bastante? Eu vi que aparecia aqui ali pelas ruas o símbolo, isso está realmente um marketing forte?

Imagem em plano médio em André Fran.

AF: Está um marketing fortíssimo. E o marketing ligado (entra GC: André Fran) diretamente à imagem do MBS, do Mohammad Bin Salman.

Imagens de feira tecnológica na Arábia Saudita com projeções para o futuro.

AF: É o grande trunfo dele nesse sentido, tanto econômico, quando social. Ao mesmo tempo que ele vai tirar essa dependência econômica, ele está fazendo avanços sociais que no fim das contas tem um interesse econômico também. Que é abrir o mercado para as mulheres, que é abrir o mercado pra entretenimento, que é abrir pro turismo e que foi o pretexto que fez a gente entrar na Arábia Saudita. Como você falou, é raríssimo, é difícil a gente conseguir imagens, saber que tudo (entra GC: comentários, críticas e sugestões: tel: 4002 – 2884 e falecomaglobonews.com.br) que a gente conseguir registrar lá é interessante. Eu me lembro de você falando (entra GC: para rever este programa: globonewsplay.com.br) “se vocês ligarem a câmera e mostrar eles atravessando a rua já é interessante porque ninguém conhece”, realmente, é muito fechado.

ML: O cotidiano, né?

AF: Então, na fórmula aí, que foi a fórmula dos carros elétricos, que está emitindo um visto especial pra gente poder entrar a título de assistir aquela corrida, ela era toda coberta de visão 2030. Era um dos grandes eventos que ele está sediando, que a Arábia Saudita tá sediando pra se mostrar mais aberta ao mundo, mais aberta ao turismo, mas que a gente sabe todos os interesses que tem por trás.

Imagem em plano geral.

ML: Mais do que isso, a partir do dia 19, quando estreiar a novíssima temporada do “Que Mundo é Esse?”, vinte e uma e trinta, aqui na Globo News. A gente podia falar de Arábia Saudita, Oriente Médio e mundo durante muito tempo, mas, infelizmente, essa edição especialíssima do Globo News Internacional vai ficando por aqui. Eu agradeço, então, ao Guga, ao Ariel e ao Fran, a todo mundo que viabilizou esse estúdio aqui, aos estudantes de Relações Internacionais que vieram prestigiar também. Agradeço, também, a você que acompanha gente, que acompanha o programa até aqui, e a gente termina esse programa com uma seleção de imagens dos quatro episódios do “Que Mundo é Esse?”, que começa no próximo dia 19 de março. Até a próxima!

Imagens da bandeira da Arábia Saudita de vários ângulos diferentes, imagens de áreas rurais do país e de um dos jornalistas do “Que Mundo É Esse?” olhando para o horizonte, com a bandeira do país no fundo. Para finalizar, imagem de uma pintura do príncipe Mohammed Bin Salman pintada em um prédio. Em seguida, sobem os créditos finais e, ao fundo, o estúdio.

c) Programa *A Importância da Ajuda Humanitária* – 29 de março de 2019 –
Tempo: 24’37”

Primeiro Bloco:

Roda vinheta de abertura do programa. Roda trilha sonora do programa em background (música ao fundo, em volume baixo). Marcelo Lins está enquadrado em plano médio na mesa em que o apresentador e convidado do programa se posicionam. Neste programa, participam como convidados André Fran, jornalista, Carolina Batista, representante do Médicos Sem Fronteiras, Guga Chacra, jornalista e correspondente em Nova York, e Ariel Palacios, jornalista e correspondente em Buenos Aires.

Marcelo Lins (ML): Olá! (Entra GC: Marcelo Lins) Globo News Internacional no ar. De olho em alguns dos fatos e personagens mais importantes da atualidade no mundo, sempre com a visão particular dos nossos comentaristas, convidados e correspondentes.

Imagens de resgates humanitários em Moçambique e atendimentos médicos.

ML: A tragédia que se abateu sobre o sudeste da África, especialmente Moçambique, na passagem do ciclone Idai, trouxe com ela a destruição e também grandes desafios. No rastro do ciclone, há muito a reconstruir e doenças que ameaçam mais de três milhões de pessoas, quase metade delas crianças. A Unicef, fundo das Nações Unidas para a infância, lançou um apelo mundial por mais ajuda humanitária. Vamos falar do trabalho de uma das mais importantes organizações não governamentais em ação por lá, com larga experiência também em países como Somália, Haiti, Líbia, Congo, entre muitos outros. Equipes dos Médicos Sem Fronteiras trabalham para garantir ajuda em meio à fome, doenças e guerras. Vamos tentar entender o funcionamento e a logística desse grupo formado no início dos anos 70 por médicos e jornalistas.

Imagem em plano geral.

ML: Na escalação de hoje do Globo News Internacional: Guga Chacra, no seu posto em Nova York, Ariel Palacios, nosso correspondente em Buenos Aires, o André Fran da turma do “Que Mundo é Esse?”, e da nossa também, e uma convidada especial Carolina Batista, dos Médicos Sem Fronteiras. Muito obrigado a todos!

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: A devastação provocada pelo ciclone Idai deixou mais de 700 mortos, esse é o número oficial, entre três países e esse número tende a crescer. Passado o primeiro momento de choque e destruição, a grande preocupação em Moçambique é com o surto de cólera. O país já contabiliza os primeiros casos e teme a epidemia. E o nosso enviado especial, Vinícius Assis, acompanha a situação.

Entra reportagem de Vinícius Assis.

Imagens aéreas de Beira, abrigos e dos destroços em Moçambique.

Vinícius Assis (VA): Beira, a segunda cidade mais importante de Moçambique, economicamente falando, foi muito castigada. Essa importância é basicamente por causa do porto, que atende também países vizinhos. Ainda faltam energia elétrica e água encanada em várias regiões da cidade, onde o rastro de destruição até agora é visto nas ruas. Como se não bastasse tudo o que foi destruído pelo ciclone por aqui, epidemia de cólera agora é outro problema. O número de casos aumentou

assustadoramente nos últimos dias e há centenas de pessoas sentindo diarreia, um dos sintomas da doença. Na segunda-feira, começa uma campanha de vacinação com a distribuição de 900.000 doses mandadas pela Organização Mundial da Saúde. São cerca de 130.000 pessoas que ainda vivem em abrigos improvisados. Situação precária de saneamento e alimentação. Quase 100.000 estudantes estão sem aulas, porque escolas foram destruídas ou, então, estão sendo utilizadas como moradia para quem perdeu tudo.

Entra sonora do Presidente de Moçambique Filipe Nyuse.

Filipe Nyuse (FN): A ação de emergência (entra GC: Filipe Nyuse – Presidente de Moçambique) entra numa nova etapa crucial, onde a principal ação consiste na assistência humanitária às famílias afetadas. Os trabalhos no terreno continuam de forma intensa com prioridade na reabertura das vias de acesso e o restabelecimento das comunicações, energia e abastecimento de água nesses pontos. Podemos afirmar com certeza que estamos perante um dos maiores desastres naturais que a memória de Moçambique tem.

Imagens aéreas de alagamentos e chegada de carregamentos com suprimentos.

VA: Diante dessa tragédia que afetou quase três milhões de pessoas no total, incluindo no Zimbábue e no Malawi, vários países e instituições estenderam a mão aos africanos prejudicados.

Imagem do repórter Vinícius Assis em Moçambique em frente a um prédio administrativo.

VA: É o ano de eleições aqui e pelo (entra GC: Vinícius Assis – Beira, Moçambique) que eu senti conversando com as pessoas, vendo o que tem saído na mídia, há um clima de desconfiança no ar, principalmente por parte da oposição de que o governo possa se aproveitar politicamente dessa situação. Como? Fazendo com que essa ajuda chegue de fato somente a quem se comprometer a retribuir com voto.

Imagem volta para o estúdio em plano geral.

ML: Bom, eu queria logo começar explorando um pouco a nossa convidada. Carol, a gente viu ali o Vinícius falando as dificuldades são imensas, né? Passado o primeiro momento do ciclone, de fato, fica muita destruição e muito trabalho a fazer e tem

ainda ingerência política, questões ali, locais. Qual é a grande dificuldade nessa hora pra uma organização, pro trabalho de uma organização como o Médicos Sem Fronteiras numa zona dessas?

Imagem em plano médio de Carolina Batista.

Carolina Batista (CB): Bom, primeiro, obrigada pela oportunidade de estar aqui falando um pouco do trabalho de Médicos Sem Fronteiras em Moçambique agora. Bom, (entra GC: Carolina Batista – Médicos Sem Fronteiras) como se viu aí, Moçambique, a cidade de Beira, uma cidade portuária, uma cidade muito importante em Moçambique, com ao redor de 500.000 pessoas que vivem ali, nesse momento o que se vê, o que as equipes que estão lá no campo veem é que mais de 90% das edificações no lugar...

Imagens aéreas de Beira mostrando destroços, alagamentos e ajuda humanitária.

CB: ...foram destruídas, estou falando de escolas, hospitais, clínicas, lugares onde as pessoas poderiam se abrigar então isso gera, evidentemente, uma crise talvez sem precedentes ali naquela região, as pessoas estão desabrigadas, estão desalojadas e agora com o advento de que a água contaminada e essa aglomeração de pessoas facilita já os casos que estão começando a surgir de cólera e outras infecções, que colocam uma camada a mais de desafios pra poder gerar a ação humanitária e a ajuda médica para essas pessoas.

ML: E já aproveitando, eu lembro a você, vai aparecer aí o site do Médicos Sem Fronteiras, o momento ainda é de ajudar os irmãos moçambicanos, (entra GC: Médicos Sem Fronteiras - www.msf.org.br) então dá pra entrar no site e checar que tipo de ajuda é mais necessária e como fazer essa ajuda chegar até quem precisa dela. A gente vai mostrar de novo esse site ao longo do programa.

Imagem em plano geral.

ML: Guga, como se não bastasse isso tudo e as dificuldades as quais a Carol falou, tem exatamente a questão política, num momento em que Moçambique vinha ali sendo, o governo moçambicano, a gente viu o presidente falando, sendo acusado também de suspeita de corrupção, há uma ação de guerrilhas, de grupos armados

radicais islâmicos no Norte de Moçambique, exatamente a região mais rica do país, ou seja, é uma chamada crise que tem múltiplas facetas, né?

Imagem de Guga Chacra em plano médio.

Guga Chacra (GC): É uma crise. O país já passava por uma crise como você fala, (entra GC: Guga Chacra – Nova York) mas é interessante que no caso de Beira havia um trabalho conjunto da Prefeitura de Beira com o Banco Mundial, justamente pra evitar problemas relacionados às mudanças climáticas, mas que foi insuficiente na questão do ciclone Idai, então é muito triste por isso, mas é um país que passa por dificuldades de qualquer maneira, é uma nação mais pobre e que agora com essa tragédia se acentua ainda mais.

Imagens de crianças moçambicanas brincando em abrigos e de entrega de mantimentos para a população atingida pelo ciclone.

ML: Sem dúvida. O Guga falou, né Fran? A ONU que é tão desprezada em tantos momentos, a gente viu ali um helicóptero do Programa Mundial de Alimentação da ONU, a gente sabe que a ONU procura trabalhar nessas horas de crise, ou seja, mostra a importância desse organismo multilateral que pode atuar acima de questões políticas, acima de questões locais.

Imagem em plano médio em André Fran.

André Fran (AF): Exatamente. Desses lugares que a gente costuma passar e, geralmente, saindo de conflitos ou enfrentando desastres naturais e suas consequências, a gente sempre vê a organização ONU e o Médicos Sem Fronteiras (entra GC: André Fran) também sempre presentes, mas é legal destacar também a presença dos civis voluntários, né? As pessoas que se mobilizam pra ir até o outro lado do mundo, às vezes sair da Europa, tem muito voluntário vindo da Europa. É uma coisa meio característica deles mesmo, de ajudar nesses locais em situação mais complicada. Esse pessoal dos Direitos Humanos, que defende minoria, que é do politicamente correto que é tão criticado hoje em dia, mas quando o negócio pega quem arregaça as mangas e a gente sempre encontra nessas nossas viagens é o pessoal da MSF, da ONU e esse pessoal também.

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Eu já vou botar o Ariel na conversa, mas, antes, eu queria tocar num outro ponto que é o Brasil nisso tudo, porque além de anunciar a liberação meio protocolar de 100 mil euros, quer dizer, é uma quantia pequena, que é de um fundo da comunidade dos países de Língua Portuguesa, pra Moçambique, o Brasil também está mandando mapas, que ajudam na localização, pra achar rotas pra chegar ajuda a quem precisa e também medicamentos. E o governo brasileiro prometeu fazer mais, não está claro quanto e quando. O foco que se sabe é o resgate de vítimas e corpos em centenas de vilarejos atingidos pela tragédia. Está a caminho de Moçambique uma guarnição do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais,

Imagens de bombeiros brasileiros em resgates em Minas Gerais.

ML: que trabalhou também na tragédia da Vale lá em Brumadinho. São vinte homens especializados em operações de busca, salvamento e também gestão de desastre. Ariel, você queria complementar alguma coisa? Pode pegar esse ponto, pode pegar o anterior.

Imagem em plano médio de Ariel Palacios.

Ariel Palacios (AP): O fato que Moçambique é um país muito sofrido. Ele padeceu a uma guerra civil e começou logo depois a independência... uma guerra civil que começou em 1977 (entra GC: Ariel Palacios – Buenos Aires) e foi até 1992, ou seja, um saldo de 900 mil mortos em combate ou por fome. E, além disso, é uma guerra civil que gerou cinco milhões de pessoas refugiadas internas, que tiveram que se deslocar de suas aldeias e de suas cidades, então o país com um elevado sofrimento, um país que, na década passada, conseguiu eliminar a totalidade, mais de 100 mil minas explosivas, que havia gente caminhando pelas ruas de Moçambique, a gente pode ver muitas pessoas, especialmente acima de trinta, sempre pessoas com quarenta ou cinquenta anos de idade, que não tem as pernas, ou que não tem um braço, porque perderam neste tipo de explosões. E só pra relembrar: o Brasil foi o primeiro país que reconheceu Moçambique como estado independente nos anos 70, e nesse lugar, em 1972, o inconfidente mineiro Thomás Antonio Gonzaga foi deportado e ali viveu durante vinte anos.

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Pois é. O Ariel lembrou bem. O Brasil foi o primeiro a reconhecer. E o Brasil, que à época era ditadura militar, a ditadura implantada com o golpe de 64, e, mesmo assim, não hesitou em reconhecer, por conta de questões diplomáticas da atuação do Brasil junto à África, querendo estar mais perto, reconheceu logo Moçambique, que tinha ali um grupo chegando ao poder de orientação socialista. A gente preparou, pra voltar a falar aqui da nossa seara de ajuda e tudo mais, um gráfico que mostra onde atuam hoje os Médicos Sem Fronteiras e são mais de setenta países. Vamos dar uma olhada no mapinha.

Entra infográfico com mapa mundi com o título “Atuação dos Médicos Sem Fronteiras no Mundo”. Em seguida, os países nos quais a entidade atua ficam em vermelho, enquanto o resto do mapa é cinza.

ML: Olha aí. A atuação dos Médicos Sem Fronteiras se espalha, né? Tem na América do Sul, tem América Central com o México também, a África obviamente está em vermelho ali... Muitos países com a atuação do Médicos Sem Fronteiras. São áreas de risco, de crise profunda, especifica circunstancial por conta de desastres ambientais e coisas do gênero, mas também países em guerra. Tem atuação na Rússia também, nos antigos territórios soviéticos, tem atuação na Ásia Central, tem atuação na Europa também, por conta dos refugiados, né Carol? Quer dizer, é uma gama de atuação, não é só desastre ambiental, mas é também crise humanitária em todas as suas formas.

Imagem em plano médio de Carolina Batista.

CB: Certamente. Eu acho que o que move o Médicos Sem Fronteiras e os mais de 45 mil (entra GC: Carolina Batista – Médicos Sem Fronteiras) pessoas que trabalham pra nossa organização ao redor do mundo é a necessidade das pessoas. Necessidade não só de emergências, como situações como Moçambique, mas também situações crônicas, né?

Imagens de resgates médicos realizados pelo Médicos Sem Fronteiras em Moçambique.

CB: Como por exemplo, (entra GC: Imagens: Médicos sem Fronteiras) só pra dizer que o MSF já atua há mais de uma década em Moçambique oferecendo tratamento pra HIV e pacientes com HIV e AIDS avançados, né. Moçambique é um dos países

com a maior prevalência do mundo, né, 13% da população de 15 a 49 anos tem a doença, né, e (entra GC com os dizeres: comentários, críticas e sugestões:, e na linha de baixo, tel: 4002 – 2884 e falecomaglobonews.com.br) por ano mais de 35 mil pessoas morrem de alguma infecção. Então, a gente atua em diferentes *fronts*, mas sempre com o objetivo de atender as necessidades dos pacientes e não só estar ali oferecendo atenção médica humanitária, mas também, eu acho que é muito importante, é servir de porta-voz pra essas pessoas. Visibilizar o invisível.

Plano médio em Carolina Batista.

CB: Dar voz, dar rosto a essas pessoas que muitas vezes são esquecidas, elas não são lembradas quando a gente fala de crise, como o Congo, Ebola, Moçambique, Líbia, refugiados... Quem são essas pessoas? E eu acho que o papel muito importante dos Médicos Sem Fronteiras é dar rosto, dar nome a essas pessoas e dizer ao mundo que elas existem e que as suas necessidades devem ser atendidas independente de poderes políticos, de cor, de religião e que a necessidade paute o que a gente faz no terreno.

Imagem em plano geral.

ML: Muito importante esse ponto, né Fran, que a Carol tá pegando. Quer dizer, o fato do Médicos Sem Fronteiras ter sido fundado numa junção de médicos e também de jornalistas pode parecer meio curioso pra muita gente, mas faz todo sentido quando a gente sabe da necessidade não só de fazer, de botar a mão na massa de ser pragmático e agir logo, mas também de dizer que está fazendo pra chamar atenção do mundo.

Plano médio em André Fran.

AF: Exatamente. A Carol falava do esquecimento, de que muitas vezes passa um pouco pelo jornalismo isso, né? (entra GC: André Fran) Da manchete daquela semana, da notícia que tá bombando, que tá todo mundo olhando, daquela tragédia que depois passa um tempo, a gente comentava isso, acaba caindo no esquecimento.

Imagens de voluntários do Médicos sem Fronteiras carregando mantimentos e da entrega dos mantimentos aos afetados pelo ciclone.

AF: Eu fui também, nessa viagem que a gente fez pela África, lendo notícias de iniciativas boas da própria África, que muitas vezes eram pra resolver problemas como as epidemias que afetam tanto a África, foi a gente chegar ao Instituto Pasteur, no Senegal, e perceber que os próprios africanos estavam desenvolvendo as maiores tecnologias pra combater epidemias como o Ebola. Inclusive na época do Zika vírus aqui no Brasil, que afetou muita gente, que muita gente tava alarmada, foram eles, esses africanos de Senegal, do Instituto Pasteur, que vieram pra cá ensinar o pessoal da Fiocruz como tratar com isso, como lidar com essa situação, ou seja, é legal ver também que apesar dos problemas da África não serem, muitas vezes, criados pela África, os africanos que estão resolvendo e combatendo essas mazelas.

Plano Médio em Marcelo Lins.

ML: Então, já que você tocou no assunto de doenças também, ainda na África, vale a pena a gente lembrar de uma outra frente de atuação dos Médicos Sem Fronteiras e outras organizações também, que é a República Democrática do Congo, que está sofrendo nesse momento com o segundo maior surto de Ebola da história. Já são mais de mil infectados confirmados e mais de 600 mortes oficialmente confirmadas também.

Imagens de hospitais que foram destruídos em função do ciclone no país e de instalações improvisadas para isolamento de pacientes, realizadas pelos Médicos Sem Fronteiras.

ML: Essa doença que é altamente contagiosa e tem como principais sintomas iniciais uma febre hemorrágica que é muito forte, esses sangramentos todos, causa vômitos, diarreia e todos esses sangramentos. Ebola mata mais de metade dos infectados, daí a gravidade e a urgência de se atuar. Para piorar, muitos hospitais e postos de saúde foram atacados por grupos armados desde o início do ano na República Democrática do Congo. Ou seja, meu caro Guga, não basta ter gente pra ajudar, tem que torcer ali para que não haja conflito armado nas regiões que estão sendo afetadas por uma tragédia como uma epidemia de Ebola, pra conseguir fazer a ajuda chegar e cuidar da população civil.

Plano médio em Guga Chacra.

GC: Exato. É interessante que as pessoas muitas vezes não prestam atenção na Guerra do Congo, (entra GC: Guga Chacra – Nova York) que é super sangrenta e que acaba agravando esses problemas. E é interessante, também, uma questão, Lins, que é o seguinte, em relação a Médicos Sem Fronteiras, para ajudar o Médicos Sem Fronteiras, uma coisa que muitas pessoas fazem, eu faço também, é dar como presente uma doação pro Médicos Sem Fronteiras. Você dá uma doação em nome de outra pessoa ali, então um amigo secreto de final de ano, de presente de aniversário, que, indiretamente, está ajudando essa organização que é importantíssima. Quem viaja, sabe bem do papel deles.

Imagem em plano geral.

ML: Bom, como é tudo ao mesmo tempo, agora, não basta o surto de Ebola, segundo maior da história na República Democrática do Congo, que vive um conflito também, a gente tem um outro grande conflito que é pouco falado, ou que aparece e depois desaparece no noticiário, que é a Guerra do Lêmen, onde os Médicos Sem Fronteiras também estão atuando. E ali também há questões com Cólera, estão com falta de água potável, remédio, chegada de ajuda.

Plano médio em Carolina Batista.

CB: Com certeza, a gente acredita hoje, né, dentro do Médico Sem Fronteiras que a crise do Lêmen, sem dúvida, é a maior crise humanitária hoje, né, porque ela na verdade tem uma sobreposição de diferentes situações, (entra GC: Carolina Batista – Médicos Sem Fronteiras) como refugiados, né, muitas pessoas estão tentando fugir do Lêmen, mas o Lêmen também recebe um número considerável de pessoas tentando, até pela própria localização, entre a África e o Oriente Médio,

Imagens de destroços no Lêmen, de pessoas sendo socorridas e de enfermarias improvisadas.

CB: é um lugar sempre em ebulição socioeconômica, política e, sem dúvida nenhuma, esse ano a gente já reportou ali mais de oito mil casos de Cólera. Já tivemos que usar, enfim, medicamentos e formas de tratar essas pessoas, que vem há anos sendo massacrados por conflito muito sangrento e muito esquecido. Então, além disso, é claro que os edifícios, todas as estruturas principais de saúde do país foram destruídas, então a gente também tem que ser muito criativo na maneira de

como alocar os profissionais de saúde, como apoiar as populações locais, muitos médicos e muitos profissionais de saúde no país não atuam mais. A gente tem relatos de pessoas que trabalham há anos sem receber nada, né, então pra você ver que até no momento assim, de tanta tragédia humana e tanta miséria, a solidariedade deles próprios vem à tona, né. Então, a gente trata de pessoas com desnutrição gravíssima. No ano passado, Médicos Sem Fronteiras tratou mais de cinco milhões de pessoas com desnutrição grave, né, com alta taxa de mortalidade, entre crianças e adultos. Então, é uma crise sem dúvida nenhuma sem precedentes a qual a gente infelizmente escuta muito pouco.

Imagem em plano geral.

ML: É verdade. (entra GC: Médicos Sem Fronteiras - www.msf.org.br) Agora, o mais dramático é que a desnutrição é algo de fácil solução, mesmo assim, é muito difícil fazer essa solução chegar muitas vezes. Guga, você queria complementar uma coisinha? Depois eu tenho uma perguntinha pra fazer pra Fran aqui também.

GC: Queria perguntar, na verdade, se Arábia Saudita e os Hutis, quem atrapalha mais o trabalho do Médicos Sem Fronteiras lá, ou se eles permitem o trabalho do Médico Sem Fronteiras?

ML: Você tem alguma ideia assim, Carol?

CB: Bom, na verdade, a gente tenta, como eu falei antes, nosso objetivo, realmente, é trabalhar com as equipes locais e assegurando a independência e a neutralidade, né, e tentar, na verdade, negociar com as pessoas do local e achando maneiras muitas vezes criativas de atuar e de ser possível responder as necessidades dos pacientes, né?!

ML: Só uma coisinha pra fechar, a temporada que está no ar do “Que Mundo É Esse?” é a Arábia Saudita, vocês foram lá há pouco tempo. Na Arábia Saudita, a questão da guerra do Iêmen aparece no noticiário assim, ou também é deixada de lado pela monarquia?

AF: Totalmente deixada de lado. Até fazendo um comentário em relação ao que o Guga falou, eu tenho contato de uma amiga que trabalha, no caso na ONU, e ela faz a checagem da checagem Saudita da ajuda humanitária que chega até o Iêmen. Ou

seja, muitas vezes, os Sauditas estão checando e falando: “não, esse navio aqui não pode passar porque ele tem armas, porque tem alguma coisa assim”. Na verdade, é só mantimento que está indo e eles estão fazendo isso justamente pra deixar o lêmen na situação mais terrível ainda de fome, de miséria. E aí, a ONU faz essa checagem: “não, isso aqui você tem que liberar, que isso aqui ajuda humanitária”. Ou seja, muitas vezes, a gente nem imagina o trabalho que o MSF e a ONU tem que fazer pra resolver esse problema pelo mundo, né?

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: Muito complexo, a gente vai ficar de olho. Mas a gente tem que seguir em frente, porque no próximo bloco (roda trilha em *background*) a Venezuela e as novas preocupações do presidente americano Donald Trump em relação ao nosso vizinho. No momento, essa preocupação tem a ver com a presença de militares russos em solo venezuelano, que alimenta temores de novos atritos entre Caracas, Washington e também Moscou. O Globo News Internacional faz um breve intervalo e volta já, já.

Roda vinheta para o intervalo.

Roda vinheta de volta do intervalo.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: Globo News Internacional de volta e é hora de falar um pouco da Venezuela e das questões que rondam os destinos do país.

Imagens de Donald Trump recebendo Fabiana Rosales e de aviões russos na Venezuela.

ML: Essa semana, o presidente americano Donald Trump recebeu a mulher do líder opositor Juan Guaidó, autoproclamado o presidente interino da Venezuela. Na conversa com Fabiana Rosales, Trump mandou um recado direto para os russos. Ele mandou avisar que quer que os militares de Vladimir Putin saiam da Venezuela. Era uma referência a dois aviões da Força Aérea Russa que pousaram em Caracas trazendo oficiais e outros militares direto de Moscou, além de um carregamento também que ninguém sabe exatamente do que se tratava. O governo venezuelano disse que é apenas mais uma etapa de um acordo de cooperação militar e técnica, em vigor desde o início dos anos 2000 e que a presença militar russa não tem

vinculação a possíveis operações militares nesse momento. A gente sabe que isso é difícil. Ariel, Venezuela, um novo capítulo, novas tensões, nenhuma solução à vista. Guaidó agora privado oficialmente pelo regime Maduro de direitos políticos, ele não pode ocupar cargos públicos pelos próximos 15 anos, como se não bastasse isso tudo, essa tensão por conta da presença militar russa.

Plano médio em Ariel Palacios.

AP: Pois é. Bom, a questão da suspensão (entra GC: Ariel palácios – Buenos Aires) dos direitos políticos de Guaidó durante 15 anos é mais um capítulo de uma queda de braço interminável. Nenhum dos dois lados consegue dar um golpe retumbante, contundente, no outro.

Imagens de Juan Guaidó em manifestações e em pronunciamentos.

AP: É como a Guerra das Trincheiras na Primeira Guerra Mundial, um desgaste enorme mútuo, sem avanço concreto de nenhum dos dois lados. E esta medida do governo, na verdade, é mera formalidade, porque Guaidó, o Parlamento que ele representa, o poder deste Parlamento já foi anulado por Maduro há dois anos. O Parlamento se reúne, vota, aprova leis, mas Maduro as ignora totalmente. Então, no fim das contas, é uma espécie mais de, é mais uma tentativa de intimidar Guaidó do que algo concreto, mas enfim, a situação está numa espécie de Estado de Paralisia no qual agora se acrescenta a tensão devido à presença russa. E os russos dizem que tem convênios com os venezuelanos e que eles não vão embora dali.

Imagem em plano geral.

ML: Pois é, situação complexa. Carol, Médicos Sem Fronteiras também presente nessa crise da Venezuela. A gente sabe que organizações não governamentais como MSF e outras, Cruz Vermelha, não participaram daquela tentativa de chegada de ajuda humanitária, entre várias aspas, porque se tratava de uma ajuda vinda por um dos lados envolvidos diretamente, mas há outras formas que vocês têm conseguido atuar por ali.

Plano médio em Carolina Batista.

CB: Sim, sim. Médicos Sem Fronteiras está atuando na Venezuela em quatro diferentes projetos, diretamente ou indiretamente, através do apoio a organizações

locais. Alguns projetos desses tem foco mais em saúde reprodutiva (entra GC: Carolina Batista – Médicos Sem Fronteiras) atendimento também a vítimas de violência, né, a gente vê ali, observando picos de violência, né, por conta de toda essa ebulição socioeconômica e política do país e também tem atuado em algumas regiões do país, principalmente na região do estado de Bolívar atendendo diretamente pessoas com Malária. Então centenas de milhares de pessoas que já foram atendidas e tratadas pra Malária na Venezuela, (entra GC com os dizeres: comentários, críticas e sugestões, e na linha de baixo, tel: 4002 – 2884 e falecomaglobonews.com.br) por equipes de Médicos Sem Fronteiras, que, justamente, esses casos vêm em decorrência de toda essa crise e essa deterioração do sistema de saúde local.

ML: E como se não bastasse tudo, (entra GC com os dizeres: para rever este programa e na linha de baixo, globonewsplay.com.br) se a gente for olhar um pouco mais pra cima, Estados Unidos, ali a crise da fronteira, o Guga tem acompanhado também, constrói ou não constrói o muro, o Trump dizendo que está com grana pra construir, mas o fato aqui está uma crise ali de funcionários também, né, tem um grande fluxo de refugiados, gente que está detida e você não vê muito como avançar na ajuda dessas pessoas ali também.

Plano médio em André Fran.

AF: É, a gente aborda diversos aspectos diferentes, desde a venda do petróleo que caiu quase que um terço, a questão humanitária e tudo mais e a (entra GC: André Fran) gente acaba passando batido em alguns problemas, que talvez seja um deles que eu vou destacar, que seja um que é difícil remediar mesmo com ajuda humanitária, ou o que seja, que é o Cartel de Los Soles, que aí depois o Ariel me corrige a minha pronúncia, mas que é o cartel envolvido no narcotráfico, que tem esse nome Cartel dos Sóis, em referência a patente militar que, na Venezuela, são sóis ao invés de estrelas, então, ou seja, a questão de narcotráfico que tá movimentando 500 milhões de dólares por ano na Venezuela. Claro que fica na mão de um segmento criminoso envolvido, que teria esse envolvimento com militares de alta patente. Ou seja, situação ainda mais difícil nesse cenário caótico da Venezuela pra tentar resolver.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: Fica o compromisso aqui de a gente voltar com o Globo News Internacional a esse tema e a outros que a gente abordou apenas na superfície agora, mas eu agradeço a participação de cada um dos participantes, com perdão da redundância. Guga, em Nova York, Ariel, em Buenos Aires, Fran, muito obrigado, Carol Batista, muito obrigado, pelos Médicos Sem Fronteiras contando um pouquinho. O Globo News Internacional vai ficando por aqui, a gente agradece também a toda equipe e aos colaboradores que viabilizaram essa edição dentro do estúdio, no *switcher* e vai encerrando o programa com um respiro, uma obra de arte, que já é, também...

Imagens da escultura *The Vessel*, em Nova York.

ML: ...um ponto turístico na chamada capital do mundo New York City, chamado *The Vessel*, (roda trilha em *background*) ou a nave, uma mega estrutura, mega escultura, projetada pelo designer inglês Thomas Heatherwick, recentemente aberta ao público em Manhattan, às margens do rio Hudson. A ideia é que a circulação do público pelos 154 lances das escadarias e nas dezenas de mirantes que tem ali complemente a obra, criando também novos pontos de vista e também de discussão e alimentando questionamentos sobre contextos e perspectivas, que é o que a gente procura fazer também. Fica dica e fica a ideia. Muito obrigada você que nos acompanhou até aqui e até a próxima edição do Globo News Internacional.

Sobe créditos finais com música e imagens da escultura *The Vessel*.

d) Programa *A Onda de Extrema-direita que Avança Pelo Mundo* – 19 de abril de 2019 – Tempo: 21'45"

Primeiro Bloco:

Roda vinheta de abertura do programa. Roda trilha sonora do programa em *background* (música ao fundo, em volume baixo). Marcelo Lins está enquadrado em plano médio na mesa em que o apresentador e convidado do programa se posicionam. Nesta edição, participam como convidados o jornalista André Fran, Ariel

Palacios, jornalista e correspondente em Buenos Aires, e Daniel Wiedemann, jornalista e coordenador do escritório da Rede Globo em Nova York.

Marcelo Lins (ML): Olá! Globo News Internacional no ar. (entra GC: Marcelo Lins) De olho em fatos e personagens importantes da atualidade no mundo. E hoje, a gente vai falar de eleições, e, nelas, da onda de extrema-direita que vem marcando a política mundial nos últimos anos.

Imagens de comícios partidários na Espanha, de manifestações em favor da separação da Catalunha e de eleições na Finlândia.

ML: Na Espanha, a eleição do final do mês deve ser das mais disputadas da história. Os socialistas do premier Pedro Sánchez lideram as pesquisas, mas entre os partidos que mais crescem, está o VOX, formado no ano passado por correntes mais à direita do tradicional partido popular. O líder do VOX, Santiago Abascal, copia Donald Trump ao defender a construção de um muro para separar territórios espanhóis do Marrocos, Ceuta e Melilla, do continente africano. Foco também na pequena Finlândia, que também acaba de passar por uma eleição. Os vencedores sociais-democratas obtiveram a vantagem mínima sobre os ultradireitistas do Partido Verdadeiros Finlandeses. Eles perderam, mas devem levar adiante no Parlamento suas principais bandeiras: o endurecimento das políticas para imigração e o combate, questionamento, à política de mudanças climáticas. Pra descontrair, vamos trazer ainda curiosidades sobre a Páscoa.

Imagem em plano geral.

ML: E na escalação de hoje temos: lá de Nova York, Daniel Wiedemann, com penteado diferente, mas a mesma elegância de Guga Chacra, Ariel Palacios, do seu observatório privilegiado latino-americano em Buenos Aires, e André Fran, que durante suas muitas viagens ao longo da vida, certamente esteve em alguns lugares que serão mencionados hoje. E antes de fechar o foco nos casos mais atuais específicos, vale a pena gente dar uma olhada no avanço da ação da extrema direita em algumas regiões do mundo, notadamente do hemisfério norte.

Entra mapa da Europa em cinza. De acordo com o que o apresentador fala, os países citados são pintados de vermelho e sua bandeira e nome aparecem do lado esquerdo da tela.

ML: Olha aí o mapa. Nesse mapa, a gente tem o que aconteceu nos últimos anos. Na Suécia, com os democratas, que são na verdade oriundos de um partido neofascista. Na Polônia, com as políticas também anti-imigrantes. A Holanda viu o crescimento da extrema direita. Assim como a Alemanha, muito ainda focada nos imigrantes. A Hungria é um dos principais baluartes dessa onda. A Itália, que dentro do governo tem a extrema-direita muito forte. A Grécia, com a Aurora Dourada. A França, Marine Le Pen já teve mais força, mas continua forte também, até nos movimentos dos coletes amarelos. E a Espanha, da qual vamos falar mais um pouco. Já, já, a gente vai comentar esse mapinha todo, essa onda toda.

Imagem em plano médio de Marcelo Lins.

ML: Pra falar um pouco mais, porque no dia 28 de abril a Espanha renovou seu parlamento e, com isso, vai escolher também o novo chefe de governo, que é chamado de Presidente do Governo, cargo que é equivalente ao cargo de primeiro-ministro. Depois dos problemas da economia, a partir da crise de 2008, e das muitas turbulências com separatistas, o país agora registra outro fenômeno: a volta da extrema-direita.

Imagens de manifestações políticas na Espanha do partido VOX e do partido Socialista.

ML: O Podemos, que é de esquerda, e foi a sensação nos últimos anos vem perdendo terreno, tanto para o socialistas, mas também para os nacionalistas, que procuram se vender como modernos, mas não deixam de estar ligados a valores conservadores tradicionalíssimos e até mesmo ao passado franquista do país. É nesse contexto que se insere o VOX que também é ultranacionalista e tem entre os lemas “uma Espanha para os espanhóis” e pretende suspender o status autônomo da Catalunha. Então, começamos a rodada aqui com o nosso espano parlante Ariel Palacios.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: VOX é, de fato, um fenômeno, ele tem, Ariel Palacios, ele teve, há poucas eleições atrás, uma representatividade muito pequena, nem conseguiu. Agora, já tem cadeira no Senado garantida, enfim, tem de ficar de olho mesmo, porque seus propósitos são muito extremados.

Plano médio em Ariel Palacios.

Ariel Palacios (AP): Pois é. É um partido muito peculiar, não havia existido nada similar (entra GC: Ariel Palacios – Buenos Aires) desde a volta da democracia na Espanha há quatro décadas, né? Ele se tonificou especialmente graças ao debate surgido, à polêmica surgida na Espanha pelo separatismo Catalão. É uma coisa interessante, porque nos discursos e nos debates na campanha eleitoral espanhola, a economia não foi o principal assunto.

Imagens de Santiago Abascal em pronunciamento e manifestações do VOX.

AP: É uma campanha na qual se vocifera, exatamente isso, não é que se discute, se vocifera pela identidade, e também aí pela questão catalã. O VOX, por exemplo, rejeita qualquer concessão aos catalães e aos outros setores separatistas que não tiveram muito ibope nos últimos tempos, mas por isso exatamente os catalães. E declara ser, também, contra a integração feita pela União Europeia. É um partido que é antifeminista, que defende as touradas. As touradas são condenadas no resto da União Europeia, mas esse setor na Espanha a defende como valor tradicional.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: O nome na frente do VOX é Santiago Abascal, e, por isso, o líder da extrema-direita na Espanha hoje ganhou direito de estar no nosso raio-X neste programa.

Roda vinheta do Raio-X.

Entra infográfico com foto de Santiago Abascal, idade, cargo, local de nascimento, formação acadêmica, ideais políticos e frase preferida, nas cores cinza e vermelha.

ML: Olha aí, Santiago Abascal, líder do partido VOX. Ele tem 43 anos, nasceu em Bilbao, no País Basco, uma dessas regiões autônomas, ele é sociólogo de formação, já se mostrou, sempre que pode, contra as leis que permitem mudança de gênero e aborto no sistema público de saúde também. E a frase preferida dele não deixa dúvidas: “sou defensor da discriminação”.

Imagem em plano geral.

ML: Olha aí, Daniel, aproveitando a sua rara presença aqui entre nós e agradecendo já, o Abascal, ele tem uma outra característica, e ele imita muito o Donald Trump,

notadamente na ideia de que muros ajudam a resolver problemas. Então, se o Trump quer porque quer aquele muro dele pra deixar os mexicanos e centro-americanos de fora, o Abascal quer aproveitar e pegar aqueles dois territórios que a Espanha tem no norte do Marrocos, Ceuta e Melilla, e aumentar o muro, já tem uma grade enorme ali. Eles querem fazer um muro ainda maior, que figura, né?

Imagem em plano médio em Daniel Wiedemann.

Daniel Wiedemann (DW): A outra coisa que ele copia do Trump é o lema, né, porque ele fala (entra GC: Daniel Wiedemann – Nova York) “a Espanha em primeiro lugar”, a mesma coisa que “*America First*”, América em primeiro lugar. Então, ele tem essa vertente nacionalista muito parecida com o Trump, ele fala abertamente, inclusive, que se esmera, que se espelha no Trump.

Imagens do partido VOX.

DW: E essa ideia de ser um revisionista um pouco da história, né, querendo... reivindicar, digamos assim, um orgulho espanhol de outras épocas, como na época do Franco. Então, a gente vê, assim, um fenômeno, que está acontecendo aqui, está acontecendo no resto do mundo e preocupa não só porque é o nacionalismo, não é isso, mas é o fato de eles estarem querendo excluir outros grupos que acabam vendo virando alvo, né?

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: Agora, se a Espanha está no meio da campanha, do processo eleitoral, a Finlândia já se decidiu, pelo menos por enquanto, e por uma margem bem apertadinha.

Imagens do partido social democrata finlandês.

ML: Na votação no final de semana, a vitória foi do Partido Social Democrata, lá no fim da semana passada, mas foi por bem pouco, apenas dois décimos de diferença pro partido da extrema-direita, que cresceu bastante com apoio popular e que surpreendeu até muitos analistas.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: A Finlândia, né Fran, que aparece sempre naquelas listas dos países mais felizes, mais desenvolvidos, mais bem educados, com sistema de saúde que mais funcionam e mesmo num país desses, a gente vê que o discurso extremista, que o discurso ultranacionalista, excludente, também ganha força e ele é excludente em outras questões também, né?

André Fran (AF): É. E, de novo, a gente vê a mesma coisa. (entra GC: André Fran) Saem das pautas realmente relevantes e ficam nessas pautas de exemplos de extremismo e que propõe aquelas soluções fáceis pra problemas complexos, na verdade, coisa que não existe.

Imagens de capas de jornais finlandeses e de ruas na capital do país.

AF: No caso da Finlândia, tem muito da questão da imigração, como toda a Europa, principalmente no norte da Europa, mas eles focaram muito, no caso, na questão climática também. E eu achei curioso, por um lado que eles começaram a falar. E aí você vê como é que o discurso é comum... aquecimento Global... eles não chegam a negar. Acontece em muitos casos pelo mundo, mas falam que é uma besteira das elites pra oprimir o trabalhador, que ele sim será prejudicado, que vai aumentar combustível, taxar automóvel, o preço dos alimentos vai subir... e aí eles fizeram uma ameaça gravíssima, Lins, que eles falaram que vai subir até o preço da ração dos *pets*, né, dos animais domésticos, que os cachorros terão que ficar veganos (risos), pensa só o cachorro doméstico do pessoal virar vegano. Realmente, é uma ameaça cruel.

Imagem em plano geral.

ML: Agora, Daniel, aproveitando aí... Estados Unidos, eleição só em 2020, mas já tem campanha rolando. Trump arrecadando mais que os Democratas, os Democratas aparecendo candidato que a cada dia surge um pré-candidato novo, né, e aparentemente com todos os problemas que o Trump amealhou ao longo deste primeiro mandato, ele vai ser sim o homem a ser batido por quem quer que seja nas próximas eleições.

DW: Aqui nos Estados Unidos não tem a menor dúvida que o Trump é o cara a bater. (entra GC: Daniel Wiedemann – Nova York) Ele é o favorito, ele, apesar de todos os problemas que a gente vê no sentido... eleitorais do Trump, né? Que ele

não tem o apoio da maioria da população, ele tem vantagem hoje em dia, porque tá muito pulverizado o lado Democrata. Enquanto não aparecer um candidato de peso do lado Democrata, o Trump vai continuar sendo o favorito, na minha opinião, o que é interessante dele. Nessa semana teve um editorial interessante no *New York Times* sobre isso é que ele não é o presidente do povo, ele é o presidente da base dele. É muito claro que a única tática que ele tem é conquistar e manter esse amor, isso que a base eleitoral tem por ele, né?

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: É uma paixão, um fanatismo, uma fidelidade a toda prova, vamos ficar de olho ainda... a gente segue falando de política, de política na América Latina, mas misturando tudo, misturando Odebrecht, Lava Jato, corrupção... porque essa semana também foi marcada pela morte, o suicídio, do ex-presidente peruano Alan García. Ariel Palacios.

Imagem em plano médio em Ariel Palacios.

AP: Alan García recebeu a polícia em sua casa, a princípio ele achava que era só uma operação para busca de documentos, depois a polícia lhe informou que ele seria detido pelo prazo de dez dias, ele pediu licença para ir a um quarto, telefonar aos advogados, mas na realidade o que ele fez foi dar um tiro em sua própria cabeça, foi levado urgentemente ao hospital e poucas horas depois ele morreu. É o primeiro caso de um presidente envolvido no *affair* Odebrecht que acaba com sua própria vida. E quem também estava no hospital era o ex-presidente, também peruano, Pedro Pablo Kuczynski, que tem oitenta anos e passou mal, teve um pico de pressão quando ficou sabendo que a sua prisão de dez dias poderia ser aumentada para três anos e ele, depois disso, foi para o hospital em Lima e esteve na UTI.

Imagem em plano médio em Marcelo Lins.

ML: Pois é, ou seja, presidente, ex-presidente peruano não tá fácil essa vida. Se a gente acha que é só aqui no Brasil, né? A Lava Jato, a Odebrecht, seus tentáculos todos fizeram muito estrago no Peru. Toledo segue foragido, certo?

Imagem em plano geral.

AP: Toledo continua foragido e Ollanta Humala, ele e sua mulher haviam estado presos durante mais de nove meses, agora estão em liberdade, mas sempre correndo risco de poder voltar para a cadeia.

Imagens de vitrines com enfeites de Páscoa.

ML: Agora, vamos desanuviar aqui um pouquinho também, porque no próximo bloco tem o nosso tradicional Papo de Boteco e os nossos participantes vão falar de algumas curiosidades desse período de renovação que é a Páscoa. O Globo News Internacional faz, então, um breve intervalo e volta já, já.

Roda vinheta para o intervalo.

Roda vinheta de volta do intervalo.

Segundo Bloco.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: Globo News Internacional de volta pra aquela hora em que os nossos participantes trazem algumas curiosidades, mas também com muita informação e leveza. E hoje a gente vai falar da Páscoa no nosso Papo de Boteco.

Entra vinheta com três balões de fala em vermelho, cada um com uma palavra dentro, compondo o título 'Papo de Boteco'; ao fundo, a trilha é de pessoas conversando e rindo.

Imagem em plano geral.

ML: Eu vou começar essa rodada de curiosidades jornalísticas com o nosso Ariel Palacios. Ariel.

Plano médio em Ariel Palacios.

AP: Bom, o meu boteco tem a ver com a fauna pascal, integrada (entra GC: Ariel Palacios – Buenos Aires) por dois peculiares coadjuvantes: coelhos e galinhas, essas últimas representadas por ovos.

Imagens de coelhos.

AP: Os coelhos aparecem por associação com a Virgem Maria, porque existia a crença, por parte de pensadores romanos como Plínio e Plutarco de que esses primos do Pernalonga poderiam se reproduzir sem perder a virgindade...

Plano médio em Ariel Palacios.

AP: ...e eles, além de serem símbolo da fertilidade e da renovação, também eram associados com a Santíssima Trindade. E aí entram as galinhas! Os cristãos ortodoxos, de jejum durante a Quaresma, não comiam os ovos, mas as galinhas continuavam pondo os ovos e, como não existiam geladeiras, a alternativa para não desperdiça-los na Idade Média era fervê-los para comê-los quando terminasse o jejum e, como era uma ocasião especial, os pintavam para decora-los e os comiam dias depois.

Imagens de ovos de chocolate e ovos pintados.

AP: Até aí, Lins, a coisa tinha um tom religioso, mas lá pelo século XVII começa o *spin-off* gastronômico, quando ave e mamífero fazem uma espécie de *co-working*, no sacro império romano-germânico,

Imagem em plano médio de Ariel Palacios.

AP: Nesse país surge um *storytelling* na qual uma mulher sem dinheiro algum para comprar doces auxílios faz uma surpresa, escondendo no quintal ovos pintados. As crianças descobrem os ovos e vem, casualmente, um coelhinho passando do lado. Eles acham que o coelho havia colocado os ovos. A mãe, que não havia pensado nesse coelho, nada diz. Aí, eles preparam um ninho para o coelho, amanhã à noite, a mãe coloca ali outros ovos pintados. E no século XIX, com a expansão de umas saborosas *startups* da época, as docerias, com produtos de chocolate, feito com cacau providente das Américas, surgem então os coelhos e os ovos de chocolate, Lins.

Plano geral.

ML: (risos) Sensacional, Ariel! Aprendi muitíssimo agora, é galinha, é coelho, é cacau das Américas, enfim. Tem muito pra gente estudar. E agora, o Guga, vocês viram, não está aqui, o Daniel tá substituindo, mas mesmo curtindo as merecidas

férias, ele mandou um papo de boteco de Páscoa, direto da Turquia. Manda ver, Guga!

Entra vídeo de Guga Chacra na Igreja de São Jorge, na Turquia.

Guga Chacra (GC): Bom, essa daqui é a Igreja de São Jorge, sede do patriarcado de Constantinopla, (entra GC: Guga Chacra – Istanbul, Turquia) o patriarcado mais importante da Igreja Ortodoxa, o patriarcado que é o primeiro entre os iguais. Existe também o patriarcado de Damasco, o patriarcado de Jerusalém, de Alexandria, o patriarcado da Sérvia, da Rússia, da Ucrânia, mas o mais importante é o de Constantinopla, patriarcado primeiro entre os iguais. Lembrando que Constantinopla, hoje Istambul, foi a capital do Império Bizantino por cerca de mil anos, até haver a queda de Constantinopla e os otomanos dominarem a cidade, mas mesmo após o domínio otomano, os grego-ortodoxos continuaram vivendo aqui, com patriarca aqui na cidade, até hoje tem a sede do patriarcado aqui. Fica no Golden Horn, que é aquela baía, a parte europeia da cidade, mais distante, um pouco, das grandes atrações turísticas como a Mesquita Azul, o Grand Bazaar, Santa Sofia e a Rua Istiklal.

Plano geral.

ML: Podem achar alguém tão respeitoso, mas mais respeitoso do que o Guga num ambiente de oração e fé, como é a Igreja lá em Istambul vai ser difícil. Guga ali, com o seu tom de voz bem baixinho. Agora, Fran, você também tem um papo de boteco que vem de longe.

Plano médio em André Fran.

AF: Pois é. Eu, pra ficar (entra GC: André Fran) na Páscoa e manter o estilo viajante, eu fui pra Ilha de Páscoa. Ilha de Páscoa que eu não conheço, mas tenho muita vontade de conhecer, então por isso eu sei bastante da história, dos mistérios, dos detalhes. Aquela ilha, que é uma província chilena, fica ali mais ou menos a três mil quilômetros da costa do Chile, onde tem aqueles moais, aquelas estátuas com aquelas caras gigantescas de pedra que ninguém sabe como foram levantados, dada a tecnologia na época.

Imagens das estátuas na Ilha de Páscoa.

AF: Se foram usadas cordas, rodas ou troncos. Enfim, e que na verdade, se chama Rapa Nui, na língua original. Por ser uma ilha muito isolada e habitada, ela sempre foi meio que o microcosmo do nosso planeta, né, ela já sofreu com desflorestamento, escassez de alimento, aí teve guerra civil, onde inclusive todos aqueles moais foram derrubados, quando foi descoberta, entre aspas, a ilha pelos europeus, os moais tavam todos caídos, depois é que eles foram erguidos de novo. Mas, um dado curioso é que se fosse ano que vem, eu não poderia usar a Ilha de Páscoa como aqui um boteco pascal. Por quê? Porque agora ela vai voltar ao nome original de Rapa Nui, uma decisão de 2016 do congresso chileno, que Sebastian Piñera falou que agora vamos voltar a chamar de Rapa Nui, atendendo a um anseio da população local. Hoje que já é misturado, nativos e chilenos, mas os originais, os nativos ali da Ilha de Páscoa, de Rapa Nui vão agora ter o nome original celebrado de novo na ilha.

Plano geral.

ML: Olha aí, um papo da futura ex-Ilha de Páscoa. Agora, Daniel Wiedemann, participação especialíssima, manda ver!

Imagem em plano médio em Daniel Wiedemann.

DW: Não tenho comparação aqui, em termos de informação, aqui com a minha que é quase só brincadeira. Eu vou falar o seguinte: aqui, primeira coisa, (entra GC: Daniel Wiedemann – Nova York) é que quando se fala em Páscoa nos Estados Unidos, a gente não tem o ovo de chocolate como contou a belíssima história do Ariel Palacios. Aqui sim, a gente pinta os ovinhos, acha e tal, mas não tem aquele ovo de chocolate que nem tem ai no Brasil, que tem quase todo mundo na nossa cultura católica. Acho que os americanos, eles tem uma ligação mais religiosa no fundo, no fundo, com a Páscoa, então não tem essa ganância toda no chocolate. Mas, uma coisa que quem mora em Nova York não tem como não fazer a ligação é entre a Páscoa e o Pessach, que é o rito de passagem, na verdade, dos judeus que saíram, fugiram da escravidão do Egito, foram pra terra prometida guiados por Moisés e é mais ou menos na mesma época do ano. Também é um ritual, digamos assim, primavera. Nessa vez, agora, nesse ano, cai exatamente na sexta-feira da paixão, é quando é o início do Pessach e como, na época, os judeus tiveram que

sair com muita rapidez, é o que dizem as escrituras, não deu tempo do pão crescer, então eles não podem comer nada com levedura.

Imagens do Matzah.

DW: Então, o que os judeus comem nessa época do ano é o Matzah, que é um biscoitão, tô cometendo um sacrilégio aqui, é um grande *cream cracker*, (risos) é isso que é a comida mais tradicional, né? E é uma coisa que aqui em Nova York a gente vê em toda esquina nessa época do ano.

Imagem do desfile de Páscoa em Nova York.

DW: A outra coisa que é interessante em Nova York, agora no domingo de Páscoa, tem sempre, isso já é tradicional, tem um desfile que acontece, não é um desfile mais uma vez dos ovos de Páscoa, é uma coisa que as pessoas se fantasiam, principalmente pra mostrar os chapéus. Isso só nova-iorquino, porque a ligação com a Páscoa eu não sei qual é, mas os chapéus ficam sendo sempre assim, enfeitados com ovinhos, com muitas flores e é assim que o nova-iorquino celebra a Páscoa aqui nessa cidade.

Plano médio em Marcelo Lins.

ML: Sensacional, Daniel! Mais curiosidades da Páscoa, do Pessach, então desejamos felicidades pra todos. Eu já vou encaminhando quase pro final dessa edição do Globo News Internacional, mas com uma história de fé, esperança e renascimento. Renascimento de uma catedral gótica destruída por um incêndio e reconstruída em todo seu esplendor, eu estou falando de Notre Dame de Reims, construída no século XII, onde antes havia uma igreja do século V, por sua vez construída sobre ruínas do Império Romano. Notre Dame de Reims é a catedral dos reis franceses, homônima da catedral Notre Dame de Paris, que também haverá de ser reconstruída. Ela foi palco da coroação de trinta e um monarcas franceses, e como sua homônima de Paris,

Imagens do incêndio na Catedral de Notre Dame de Reims.

ML: essa catedral quase desapareceu, em 1914, no início da Primeira Guerra Mundial, foi alvo da artilharia alemã, na sequência foi devastada por um incêndio. Os trabalhos de reconstrução começaram em 1919, quase um ano depois do final do

conflito e a catedral foi reaberta em trinta e oito, a beira da segunda guerra. Como acontece agora, a reconstrução foi largamente financiada por doações de gente comum e de milionários, como o magnata do petróleo David D. Rockefeller e também como Notre Dame de Paris, Notre Dame de Reims recebeu da UNESCO, em 1991, o título de patrimônio da humanidade.

Plano conjunto.

ML: Então, eu agradeço a todos que participaram desse programa, ao Daniel, ao Ariel e ao Fran e a você que nos acompanha até agora. (roda trilha em *background*)
A gente fica com um pouco mais na Notre Dame de Paris,

Imagens do incêndio da Catedral Notre Dame de Paris.

ML: que também vai passar por um processo de reconstrução, por pelo menos cinco anos, e que volte a todo seu esplendor gótico. Boa Páscoa a todos, ainda pra quem tá curtindo, e até a próxima.

Imagens igreja de Notre Dame de Paris, durante o incêndio. Em seguida, sobem créditos finais.

A partir da observação, a técnica de entrevista se mostra pertinente para poder ter um melhor conhecimento de quem participa do programa e sobre o processo de produção. Isto será enfatizado no subtítulo a seguir.

2.2.3 Entrevista

Uma técnica que auxiliará na pesquisa é a entrevista. Segundo Gil (2008), a técnica da entrevista se refere à formulação de perguntas do investigador para o investigado. É uma forma de diálogo assimétrico, onde uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte da informação. As entrevistas mais estruturadas são as que preparam em maior grau as respostas que devem ser obtidas, já as menos estruturadas são desenvolvidas de maneira mais espontânea,

sem estarem sujeitas a um modelo pré-estabelecido. A partir disso, o autor explica que a entrevista pode ser classificada em diferentes tipos, conforme a sua estruturação:

- a) *Entrevista informal*: é o tipo menos estruturado. É considerada uma visão mais geral do problema pesquisado e busca a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado;
- b) *Entrevista focalizada*: é livre como a entrevista informal, porém enfoca em um tema mais específico. O entrevistador deixa o entrevistado falar livremente sobre o assunto. É mais utilizada em situações experimentais;
- c) *Entrevista por pautas*: apresenta certo grau de estruturação, já que é guiada por uma relação de interesse que o entrevistador deve explorar. As pautas são ordenadas e relacionadas entre si. O entrevistador deve fazer poucas perguntas e deixa o entrevistado responder conforme os assuntos. É mais recomendada para situações em que a fonte não fica à vontade para responder perguntas mais rígidas;
- d) *Entrevista estruturada*: é desenvolvida a partir de uma relação de perguntas, em que a ordem e redação permanecem iguais para todos os entrevistados. Pela possibilidade do tratamento quantitativo de dados, é a mais adequada para o desenvolvimento de levantamentos sociais. As respostas obtidas são padronizadas, mas não possibilitam a análise com maior profundidade.

Para Gil (2008), é difícil determinar a maneira correta de conduzir uma entrevista, pois isso depende dos objetivos e das circunstâncias. Além disso, o autor explica que a entrevista pode assumir diferentes formas, sendo que cada uma delas exige habilidade do entrevistador para ser conduzida.

Para esta pesquisa, as entrevistas realizadas são do tipo *estruturada*. Um questionário padrão foi elaborado e as entrevistas foram realizadas por e-mail, *WhatsApp* e *Skype*. As fontes de informação escolhidas para a aplicação da entrevista serão detalhadas no próximo subtítulo.

2.2.3.1 Fontes de Informação

Para essa etapa, os jornalistas escolhidos foram André Fran, jornalista e comentarista do programa Globo News Internacional; Marcelo Lins, apresentador e editor do Globo News Internacional; Guga Chacra, correspondente em Nova York e participante fixo do programa; e Ariel Palacios, correspondente em Buenos Aires e participante fixo do programa.

Foram elaborados dois questionários para esta pesquisa; um para o apresentador e participantes fixos e outro para o convidado especial. As entrevistas foram desenvolvidas para ser encaminhadas por e-mail. A pesquisadora entrou em contato com o jornalista André Fran, por meio do *Twitter*, e ele passou seu contato. O envio do primeiro e-mail, perguntando se ele aceitaria conceder entrevista ocorreu no dia 16 de agosto de 2019. A pesquisadora solicitou o contato dos outros três participantes e ele enviou. André Fran respondeu aos questionamentos da pesquisadora pelo aplicativo *WhatsApp*, por meio de mensagens de áudio em 09 de setembro de 2019.

A primeira tentativa de contato com Ariel Palacios, Guga Chacra e Marcelo Lins foi no dia 23 de agosto de 2019. No mesmo dia, o jornalista Ariel Palacios aceitou responder os questionamentos por *Skype*. A entrevista foi gravada no dia 19 de setembro de 2019 e está disponível nos anexos da monografia. O jornalista Marcelo Lins respondeu às perguntas por e-mail no dia 13 de outubro, após três tentativas de contato. Todos os arquivos de áudio e e-mail estão disponíveis nos apêndices da monografia.

O contato com o jornalista Guga Chacra não foi possível. A pesquisadora entrou em contato, por e-mail, no dia 23 de agosto de 2019, pela primeira vez. No dia 12 de setembro, uma segunda tentativa foi feita e não foi respondida. A última tentativa de contato ocorreu em 06 de outubro de 2019, também sem resposta.

A seguir, será apresentado um pequeno currículo de cada um dos entrevistados, retirado do site Portal dos Jornalistas:

- a) **André Fran**⁴: é diretor, escritor, palestrante e cofundador da Base#1 Filmes. Jornalista e publicitário de formação. É um dos criadores da série “Não Conta lá em Casa”, de viagens aos destinos mais polêmicos do mundo no canal GNT. É coautor, apresentador e diretor do programa “Que Mundo é Esse?” da Globo News e é um dos comentaristas do Globo News Internacional;
- b) **Ariel Palacios**⁵: é formado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina, local onde nasceu. Fez curso de Máster de Jornalismo no jornal El País, em Madri, Espanha. Começou trabalhando para o jornal O Estado de S.Paulo, em 1995 como freelancer, sendo contratado pouco depois. Em 1996, passou a ser também correspondente da rádio CBN e, em seguida, do canal de televisão Globo News. Continua trabalhando para a Globo News. Em dezembro de 2014 deixou o jornal O Estado de S.Paulo, período em que cobriu da Argentina, o Uruguai, o Paraguai e o Chile. Recebeu em 2014 o Prêmio Comunique-se de Melhor Correspondente de Mídia Impressa Brasileira no exterior. Atualmente, reside em Buenos Aires, na Argentina, de onde é correspondente;
- c) **Marcelo Lins**⁶: é bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Por mais de dois anos trabalhou em Londres, Reino Unido, para a BBC, uma emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido, como editor, roteirista, repórter e produtor do serviço internacional da emissora, *World Service BBC*. Na British Broadcasting Corporation, ficou de julho de 1995 a agosto de 1997. No mesmo ano, iniciou, no Rio de Janeiro, a trajetória na Rede Globo/Globo News. Foi editor-chefe do *Jornal das Dez* e, em 2012, foi convidado pela então diretora da Globo News, Eugênia Moreyra, a dar sua contribuição na área de programas. Passou a atuar também em algumas reportagens

⁴ EU SOU FAMECOS, André Fran abre sua bagagem de histórias. Disponível em: <<http://portal.eusoufamecos.net/tag/abre-aspas/>> Acesso em 14 nov 2019.

⁵ PORTAL DOS JORNALISTAS, **Ariel Palacios**. Disponível em <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/ariel-palacios/>> Acesso em 14 nov 2019.

⁶ PORTAL DOS JORNALISTAS, **Marcelo Lins**. Disponível em <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/marcelo-lins/>> Acesso em 14 nov 2019.

especiais e exclusivas do programa *Milênio* da Globo News. Em 2019, é apresentador do Globo News Internacional, do Hub Globo News e participa do Estúdio I.

2.2.3.2 Questionários Aplicados

a) *Entrevista com Ariel Palácios*

Pesquisadora (P): De que maneira você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido, exemplo debate, entrevista, ou mistura vários formatos criando um novo?

Ariel Palácios (AP): Eu acho que é basicamente um programa de análise da política internacional, do que aconteceu naquela semana da emissão, ou do que está acontecendo, ou está para acontecer nos dias seguintes, então basicamente, é um programa de análise. Não chega a ser um programa de debate, porque é um programa muito curto, então é basicamente de análise. E entrevistados, existem algumas pessoas que, às vezes, são convidadas e que fazem suas próprias análises, então não sei se daria para classificar de entrevista, eu acho que é mais uma pessoa que é convidada para fazer a sua análise. Acaba sendo uma entrevista, mas é uma mini-entrevista, né? Mas é basicamente, acima de tudo, um programa de análise sobre política internacional, mais do que debate ou entrevista, é um programa de análise. Digamos, uma forma de explicar algum detalhe adicional, mais analítico, os fatos que a pessoa leu naquela semana.

P: Você acredita que o programa Globo News Internacional se diferencia de outros com a mesma abordagem, talvez pela maneira como vocês tratam sobre os assuntos?

AP: Não acompanho o que os outros canais fazem no Brasil. Poderia dizer que, em relação ao que acontece, digamos, em programas transmitidos no resto do planeta, eu acho que se parece com alguns programas. Programas de análise de notícias internacionais. O que eu vejo às vezes é que em outros países há programas que são feitos por um analista só. Neste caso, somos em vários, cada um com a sua área de especialidade, mas também às vezes, dando um pitaco sobre outra área,

porque, digamos, o Guga Chacra, que é um especialista em Estados Unidos e Oriente Médio, ele morou na Argentina e entende muito sobre a Argentina. Eu cubro América Latina, mas há algumas coisas de política europeia que me interessam informalmente, então às vezes eu faço algum comentário complementar, não é o comentário principal, mas eu posso dar algum pitaco sobre alguma coisa que é de política europeia, mas é basicamente cada um se concentra em sua área específica.

P: Você considera que os temas e a maneira como vocês falam sobre eles, faz um contraponto ao *hard news*? E de que modo isso é importante?

AP: Não é um contraponto, é um complemento. Você tem por um lado o *hard news*, e por outro lado uma análise tentando ir mais profundamente, mais além do *hard news*. Então, eu diria que é um complemento muito necessário, até porque a política internacional tem uma série de complexidades que às vezes não dá tempo de explicar com detalhes no *hard news*. Às vezes, umas nuances que são muito interessantes, que no programa dá para explicar com mais detalhe. E, às vezes, também explicar outras conexões desses fatos do *hard news*, dessas notícias com outras coisas, com a área econômica, ou mais com a área política, ou mais com a área cultural. Então, por exemplo, se no *hard news* eu conto que o dólar disparou na Argentina, às vezes na parte da análise eu posso explicar melhor por que existe uma conexão tão profunda, que é sociocultural, dos argentinos com o dólar. Algo que não se parece da relação dos brasileiros com o dólar, então, digamos, são características muito específicas. Então, na parte da análise a gente consegue explicar melhor para o público para que ele perceba por que tem essa grande diferença. Por que quando o dólar sobe na Argentina dispara o preço de tudo. No Brasil, se o dólar sobe ou se o dólar cai não necessariamente vai disparar o preço nos supermercados no dia seguinte. Aqui por exemplo, sim, isso pode acontecer, então aí a gente explica com mais detalhes essa parte mais analítica o porquê de isso acontecer.

P: Na sua opinião, o Globo News Internacional tem uma preocupação com o público e seu entendimento? Você acredita que o programa tem uma preocupação com a questão educativa?

AP: Sim, eu acho que quando a gente explica, seja uma análise ou seja no *hard news*, a gente explica para o grande público. Não estamos explicando para outro

analista ou para outro especialista, isso no jornalismo de forma geral. No programa, em outros jornais, num jornal impresso, num programa de rádio, a gente sempre está explicando para outras pessoas. Quando a gente entrevista alguém, a gente faz as perguntas para que essa pessoa possa explicar, às vezes é um especialista em bolsa, por exemplo, a pessoa começa a falar com linguagem muito econômica, a gente tenta levar a entrevista de forma com que a pessoa que está ouvindo possa entender aquilo do qual ela está falando. Por exemplo, se eu falo sobre o peronismo, eu tenho que explicar o que é esse movimento político para o ouvinte ou para o leitor entender do que se trata. Sempre no jornalismo é necessário explicar para o grande público, a não ser que seja uma publicação especializada, onde você tem publicações desde a área médica, destinadas para médicos, você tem uma série de publicações da área rural, que são para pessoas da área rural, agricultores, agrônomos, enfim. Então, você tem algumas publicações que são muito específicas, mas, de forma geral, o jornalismo sempre é pensando no grande público. Eu me refiro ao jornalismo como um todo, não estou me referindo ao canal. E no caso do programa, é para explicar para o grande público.

P: Na sua avaliação, como é o Globo News Internacional? Você acredita que pela sua característica de ampliar os conteúdos, ele consegue aumentar a compreensão do espectador sobre temas que estão distantes de sua realidade?

AP: Eu acho que sim. Porque a gente tenta explicar com mais detalhes aquilo que a gente já contou no *hard news*.

P: De que forma você se prepara para o programa? Com quantos dias de antecedência você recebe a pauta? Recebe algum complemento?

AP: Às vezes com alguns dias de antecedência, às vezes no dia anterior e às vezes alguns detalhes no dia. Mas, geralmente, é no dia anterior. Porque tem um detalhe importante, as notícias mudam dia a dia, se atualizam dia a dia. Então, é difícil prever com tanta antecedência alguma coisa. A gente pode ter certeza que, por exemplo, numa semana nós vamos falar sobre 'X' assunto, mas, às vezes, a gente não tem uma ideia. Digamos, a gente sabe que vai falar sobre Rússia, por algum motivo específico, mas o detalhe do que a gente vai falar, por exemplo, a relação Rússia e Estados Unidos, mas como as coisas vão mudando e se atualizando ao longo dos dias, tem detalhes, há certas nuances, há certos assuntos, que são

definidos mais em cima da hora. E, às vezes, acontecem coisas muito importantes e é necessário dar uma mudada no plano original, mas quase sempre com dois dias, um dia de antecedência, já se tem uma ideia básica dos assuntos que vão ser tratados. Às vezes, tem assuntos que tem uma espécie de data marcada. Por exemplo, haverá eleição em tal país, tal dia... O programa é, digamos, três dias antes das eleições, a gente sabe, inevitavelmente, que a gente vai falar sobre a preparação daquele país para as eleições.

P: Você acredita que é importante este formato de programa, com especialistas em diversos assuntos internacionais, e com convidados especializados?

AP: Sim. De forma geral, é um pessoal tremendamente bem preparado. Não digo de mim, digo dos outros. É toda uma turma altamente preparada... O Marcelo Lins, o Guga, o Tanguy, o André Fran, a Leila Sterenberg... Acho também que quando você define um time que vai participar de um programa, assim como um time de futebol, quando você reúne uma equipe o importante é que essa equipe esteja bem entrosada, para que o programa possa fluir bem. É o caso do Marcelo, ele e a Leila conhecem bem o nosso estilo, então sabem muito bem como levar. Sabem que um vai falar muito, outro vai falar menos, então é interessante por esse lado. É muito interessante saber como conduzir um programa, não só falar em um programa, como é o meu caso, mas também quem comanda. É como se fosse o maestro. Isso é muito importante para que flua tudo muito bem.

b) Entrevista com André Fran

Pesquisadora (P): Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?

André Fran (AF): Eu acho que o Globo News Internacional tem um formato bem definido de mesa de comentaristas. Tem o apresentador Marcelo Lins e revezam comentaristas falando sobre temas de política internacional com entradas de outros jornalistas correspondentes pelo mundo.

P: Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?

AF: Eu acho que a diferença é mais pela temática e pelo perfil do grupo de jornalistas que está ali para falar sobre política internacional.

P: Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao *hard news*?

AF: Eu acho que esse é um dos grandes diferenciais e atrativos do programa. É você poder, num programa semanal, apesar da curta duração, se aprofundar mais em um dos temas que está sendo debatido no dia-a-dia, que está sendo mostrado no dia-a-dia, você poder ter a possibilidade de se aprofundar, entender um pouco mais sobre ele, trazendo pessoas que estão acompanhando mais de perto ou um especialista naquele tema específico.

P: Ao ser convidado para participar do programa, de que forma você se prepara para a discussão do tema? Existe apoio por parte da equipe de produção do programa?

AF: Na verdade, a gente fica sabendo dos temas que a produção, diretor e o pessoal da Globo News preparou, do tema ou da lista de temas mais ou menos um dia antes, que é para o programa não ficar tão frio. Os temas não são decididos com tanta antecedência e aí a gente mais comenta baseado na nossa experiência pessoal, nos assuntos que a gente já está lendo, pesquisando e tendo contato no dia-a-dia. Claro que sempre trazendo algo relacionado ao seu histórico profissional, algo que eu já fiz, um país onde eu já estive, uma causa que eu já reportei, enriquece mais ainda no meu caso específico.

P: Especificamente no programa sobre a Arábia Saudita, você foi convidado também por ter produzido conteúdo sobre o tema para o “Que Mundo é Esse?”? Você acredita que essas parcerias são importantes para discutir sobre os temas?

AF: Como eu já sou comentarista fixo do Globo News Internacional e também sou diretor e apresentador do “Que Mundo é Esse?”, a gente aproveitou para fazer um *cross*, que a gente chama, que é misturar dois programas, né. Então, fez um Globo News Internacional tratando de um tema bastante atual, que no caso era a Arábia

Saudita e toda a questão envolvendo o assassinato do jornalista Khashoggi, a relação do príncipe Mohamed Bin Salman com outros países do mundo pra também trazer à tona esse que era o mesmo tema da nova temporada do Que Mundo É Esse?. Então, é legal para discutir o tema e ter esse intercâmbio de programas mostrando, às vezes, o mesmo tema mas de perspectivas e abordagens bem diferentes.

P: Como você vê o programa na perspectiva do espectador? Na sua opinião, o Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?

AF: Eu acho que é uma preocupação bem importante do Globo News Internacional e um desafio conseguir fazer isso, né. Você, em pouco tempo, apresentar um tema, dar uma visão geral sobre ele e conseguir se aprofundar nele, ao mesmo tempo, sem perder o aspecto da atualidade, de aquele tema ainda estar repercutindo na mídia no Brasil. Então, acho que é uma tarefa difícil, mas que o programa consegue cumprir muito bem.

P: Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

AF: Eu acho que sim. Acho que o programa consegue pegar como ponto de partida alguns temas que estão sendo debatidos pelo *hard news* do próprio canal e no mundo e, ao mesmo tempo, dar uma visão geral sobre eles e se aprofundar neles com os comentaristas e jornalistas correspondentes de cada questão.

c) Entrevista com Marcelo Lins

Pesquisadora (P): Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?

Marcelo Lins (ML): É, como digo logo na abertura uma conversa... “sobre alguns dos temas e personagens mais relevantes da semana no mundo”. Isso deixa aberta a possibilidade de um programa temático, e a partir de um único tema desdobrar a discussão em vários. Mas não exclui a alternativa de ser uma espécie de revista, juntando vários temas. Nas duas hipóteses, contamos com a expertise dos

participantes, a colaboração dos correspondentes, a presença eventual de convidados e os recursos gráficos e de imagens à nossa disposição.

P: Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?

ML: Sim, acho que dá para dizer que é diferente. Principalmente por causa de uma de suas características mais marcantes, a informalidade na abordagem dos temas e a preocupação em, sempre que possível, relacionar o que acontece no mundo ao Brasil e/ou a uma experiência pessoal.

P: Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao *hard news*?

ML: Sim, ou melhor, mais até do que um contraponto, acho que o programa acaba sendo um complemento ao *hard news*, sempre marcado pelo imediatismo. O GNews Inter funciona quando conseguimos fazer alguma ou algumas das seguintes coisas: contextualizar a notícia e mostrar outras facetas para além das mais óbvias e evidentes, chamar a atenção para algum personagem, retomar o fio histórico de um fato, localizá-lo no mundo e em relação ao Brasil.

P: Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?

ML: Mais do que produção, exige que a equipe pense mais em formas menos corriqueiras de abordar os mesmos temas já noticiados. Não é quando pensamos em um programa temático, o que é mais raro, todos ficamos atentos ao noticiário e, na quarta-feira, batemos o martelo sobre os temas que serão abordados, os colaboradores que participarão naquela semana, o que vamos ter em forma de VT, o que será mostrado como gráfico, se teremos entrevistas e por aí vamos definindo.

P: Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-produção e exibição)?

ML: O núcleo duro do programa é muito enxuto, para dizer o mínimo, de fixo mesmo, apenas três pessoas para desencadear o processo todo: um

apresentador/editor, um editor executivo e um editor de texto especializado em notícias internacionais. São esses que fazem o desenho inicial do programa da semana. Contamos ainda com o auxílio da coordenação de Inter do canal, para viabilizar a escalação de correspondentes e de profissionais de apoio em Nova Iorque, São Paulo e onde mais for necessário. A eles, se juntam ainda na fase de pré-produção dois editores de imagens, em turnos divididos em dois ou três dias, e o apoio do Acervo (para imagens de arquivo) e de profissionais especializados em trilhas, para eventuais músicas. Na gravação, contamos com o pessoal do estúdio (cinegrafistas, iluminador, técnico de áudio) e do switcher, que coordena os trabalhos (diretor de TV, técnico de áudio, produtor, coordenador, técnico em videografismo, assistente). Gravado o programa, um editor de texto e um editor de imagem se juntam para o processo de finalização. Já que o programa costuma ser gravado como se fosse ao vivo o principal trabalho na finalização é botar o produto no tempo a ele destinado pela programação do canal. É claro que podem ser feitas mudanças na edição, acrescentadas ou retiradas imagens, melhorada alguma intervenção gráfica, acrescentada alguma informação faltante. O programa sai da ilha num disco ótico que vai para a programação e dali, para a exibição, um processo que envolve um profissional na programação e mais um ou dois na exibição.

P: Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?

ML: O programa, como, aliás, qualquer programa, só faz sentido se a perspectiva de quem o assiste for levada em conta. Daí a preocupação em evitar chavões, em ser didático na apresentação de contextos e objetivo na abordagem. Se isto for feito corretamente, estaremos preenchendo também uma dimensão pedagógica e minimizando a possibilidade de haver dúvidas interpretativas. Posso falar por mim sobre os resultados positivos dessa preocupação, já que com certa frequência recebo feedbacks de estudantes que assistiram ao programa em sala de aula, ou a quem o professor indicou o programa para estudar tal ou tal tema.

P: Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

ML: Avalio como um bom programa jornalístico, agradável objetivo e informativo. Não tenho um estudo científico sobre isso, me baseio, portanto nos índices de audiência, que são bons dentro do universo da tv por assinatura, e pelo retorno que tenho das mais diversas pessoas, nas ruas, em escolas e universidades, eventos ligados a jornalismo que frequento e no próprio ambiente de trabalho. As pessoas usualmente elogiam a informalidade e a quantidade de informações que conseguimos reunir e compartilhar a cada programa. E quando desconhecidos vêm falar comigo, normalmente é para elogiar esse trabalho. Sempre haverá, principalmente nas redes sociais, quem tenha a opinião oposta, ou acuse o programa e o canal de um sem-número de posições ou posturas que sei que não temos. Faz parte e sempre dá para aprender algo com as críticas. Com ataques não, mas com críticas, positivas e negativas, sempre. E de todos os críticos, talvez eu seja o mais implacável. Tenho noção da boa qualidade do programa, e do podcast que agora também fazemos, mas também sei que poderemos sempre melhorar. Portanto, seguindo com a ideia de descomplicar, de dar os contextos factuais e históricos, de traçar as possíveis consequências de acontecimentos internacionais no Brasil, seguiremos em frente.

A partir da descrição da metodologia da pesquisa, será possível apresentar os capítulos resultantes da revisão bibliográfica. Conteúdo das próximas páginas da monografia.

3 HISTÓRIA DO JORNALISMO INTERNACIONAL NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Este capítulo tratará sobre a evolução da televisão no Brasil, resgatando historicamente fatos e acontecimentos que marcaram a história deste meio de comunicação, dando enfoque ao jornalismo internacional na televisão aberta e por assinatura e o canal de notícias Globo News, que é o objeto de estudo desta monografia.

3.1 TELEVISÃO ABERTA

A história da televisão brasileira começa entre o final da década de 1940 e início de 1950. De acordo com o pesquisador Sérgio Mattos, no artigo *A Evolução Histórica da Televisão Brasileira* (2010), foi por iniciativa do empresário e jornalista Assis Chateaubriand, que junto da empresa americana *RCA Victor*, adquiriu cerca de 30 toneladas de equipamentos para iniciar uma emissora, a TV Tupi. Segundo o pesquisador, o crescimento da televisão no Brasil se remete ao favoritismo político, pois concedia licença para exploração de canais sem um plano pré-estabelecido.

A televisão foi considerada um artigo luxuoso nos primeiros dez anos de existência no Brasil. Segundo a autora Vera Íris Paternostro, na obra *O Texto na TV – Manual de Telejornalismo* (2006), em 1954, por exemplo, existiam 12 mil aparelhos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1958, este número aumentou para 78 mil. De acordo com a pesquisadora, nesta época, a programação tinha um caráter elitista, com artistas e técnicos do rádio e do teatro e com uma programação que envolvia entrevistas, debates, teleteatros, *shows* e música erudita. Com o passar do tempo, o preço dos televisores foi baixando e se tornando mais acessível e grande parte das emissoras passou a se instalar nos mais diversos estados do país.

Conforme Paternostro (2006), a consolidação da TV no Brasil aconteceu pelo seu caráter comercial, começando a briga pela audiência. Mattos (2010) explica que, ao longo da história da televisão, o governo foi o maior anunciante individual, nos níveis federal, estadual e municipal. Nos primeiros anos, os programas eram identificados pelos nomes de seus patrocinadores, como Telenotícias Panair,

Repórter Esso, Telejornal Bendix, Reportagem Ducal, entre outros. É importante destacar que apesar de ainda não se caracterizar como jornalismo internacional, os programas eram patrocinados por empresas estrangeiras e este fato colaborou para que investimentos em cobertura jornalística de eventos internacionais ocorressem no país.

O autor Pedro Aguiar, no artigo *Por uma história do Jornalismo Internacional no Brasil* (2008), explica que nas redações do Brasil, a editoria Internacional

foi uma editoria de constituição tardia: só a partir do final dos anos 1950, com a modernização das técnicas e dos processos jornalísticos, é que se destacam equipes especializadas nesta cobertura (embora o noticiário exterior estivesse presente desde o início) (AGUIAR, 2008, p. 5).

O pesquisador explica que a primeira editoria de Internacional em um jornal brasileiro foi criada no Jornal do Brasil em 1958. E que outro fator relevante era o início da política desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek, que incluía a facilitação à importação de equipamentos e serviços do exterior, incluindo as assinaturas de publicações estrangeiras.

Nesta época, conforme Aguiar (2008), o aspecto econômico assumiu um papel de orientador na cobertura internacional, fazendo com que os correspondentes escrevessem não só sobre política internacional, mas também para a editoria de Economia.

Nos anos de 1960, chegaram ao país os primeiros equipamentos de *videotape* (VT), um equipamento eletrônico que possibilitava a gravação de áudio e vídeo gerados por uma câmera. A TV Tupi foi a primeira emissora a utilizá-los. Na ocasião, gravou a festa de inauguração da capital federal, Brasília, e esta foi exibida em várias cidades do Brasil. Segundo Paternostro (2006), o VT pode ser considerado uma revolução na produção de conteúdo no telejornalismo brasileiro, porque atualizou operações, racionalizou a produção, economizou custo e tempo, além de melhorar a qualidade dos programas.

De acordo com João Batista Natali, no livro *Jornalismo Internacional* (2004), a tecnologia ainda era escassa para a produção de conteúdo internacional na década de 1960. Os filmes com acontecimentos relevantes eram transportados de avião e

estavam sujeitos a uma defasagem de, no mínimo, vinte e quatro horas. As imagens tornavam-se algo mais documental. Um exemplo citado pelo autor é o fuzilamento, em 1959, de partidários de Fulgêncio Batista, em Cuba, depois de o ditador ter sido deposto pela guerrilha de Fidel Castro.

Em 1965, a emissora das Organizações Globo surgiu no Rio de Janeiro. A TV Globo entrou no ar em 26 de abril e

começa com uma programação voltada para a linha popular [...] e, associada ao grupo norte-americano Time-Life, parte para a implantação do esquema de *network*, comprando ou contratando emissoras pelo país (as afiliadas) para expandir o seu sinal (PATERNOSTRO, 2006, p. 33).

Na mesma época, foi constituída a Empresa Brasileira de Telecomunicações, a Embratel, que interligou o país por meio de linhas básicas de micro-ondas, além de aderir ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações, o *Intelsat*. No ano de 1969, a Globo lançou seu primeiro programa em rede nacional, o Jornal Nacional (JN). Aguiar (2008) destaca que o JN foi um fomentador da editoria *Internacional* na televisão brasileira. Paternostro (2006) afirma que o JN foi o primeiro a mostrar imagens de fatos internacionais no mesmo momento em que eles aconteciam.

Segundo Mattos (2010), ainda no ano de 1969, um dos eventos mais importantes da história moderna, a chegada do homem à lua, é transmitida ao vivo, via satélite, para os espectadores do Brasil. Em 1970, os brasileiros também puderam assistir à Copa do Mundo de Futebol, realizada no México, que foi exibida ao vivo para todo o país.

Já em 1972, a primeira transmissão em cores do país foi realizada pela TV Difusora, de Porto Alegre: o desfile de abertura da Festa Nacional da Uva em Caxias do Sul, que contava com a presença do presidente Emílio Médici. Segundo Mattos, esse pode ser considerado um dos marcos mais importantes da televisão brasileira.

No mesmo ano, de acordo com Mattos (2010), a Rede Globo transmitiu um programa em cores para o Canal 8, de Caracas, na Venezuela, com imagens da fase final do VII Festival Internacional de Canção Popular. Segundo o autor, essa é

considerada a primeira transmissão internacional em cores feita diretamente do Brasil.

De acordo com Aguiar (2008), durante a Ditadura Militar, de 1964 a 1985, muitas publicações sobre política brasileira e outros temas latentes da época foram vetados, estimulando a cobertura internacional. Na época, muitos criticavam que os jornais, rádios e televisões estavam mais preocupados com o que ocorria no mundo do que com o que ocorria no Brasil. Nesta mesma época, o presidente Emílio Médici fez um comentário sobre o Jornal Nacional, em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo, em 22 de março de 1973, que ilustraria o momento da imprensa brasileira em relação à editoria *Internacional*:

enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranquilizante após um dia de trabalho (ABREU, 2000, apud AGUIAR, 2008, p. 7).

No ano de 1973, a primeira novela em cores foi ao ar, produzida pela TV Globo, *O Bem Amado*. Ainda na década de 1970, a televisão passou por uma grande mudança. As emissoras criavam a programação nacional, uma mesma programação para a emissora-sede e as outras sucursais de sua rede. De acordo com Paternostro (2006, p. 34), “definia-se então a penetração dos padrões do eixo Rio-São Paulo em todo o país, uma vez que as sedes das redes se encontravam nessas cidades”. Mattos (2010) explica que a primeira metade da década de 1970 foi marcada como a fase em que a televisão deixava a improvisação e adotava padrões norte-americanos de administração, tornando este um veículo de comunicação cada vez mais profissional. A partir disso, vários programas que requeriam mais produção e equipamentos começaram a ser criados na televisão brasileira, como por exemplo, o *Fantástico*, da Rede Globo. O programa, que segue sendo exibido pela emissora, também foi um dos que mais influenciou na produção de conteúdo internacional. As grandes reportagens do *Fantástico*, feitas pelos correspondentes da Rede Globo, são um marco importante na editoria *Internacional*.

Na década de 1980 chegou ao fim a história da primeira emissora de televisão do Brasil. A TV Tupi foi cassada pelo governo por problemas financeiros. Suas emissoras foram divididas em dois grupos empresariais, Sílvio Santos e Adolfo

Bloch. Em 1981, a TVS, do Rio de Janeiro, passou a integrar o grupo do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de Sílvio Santos, que rapidamente conseguiu atingir altos índices de audiência. A Rede de Televisão Manchete, pertencente ao grupo Bloch, foi inaugurada em 1983 e se diferenciava pela programação repleta de documentários e programas de produtoras independentes, como *Conexão Internacional*, *Xingu*, *Pantanal*, entre outras. A TV Globo lançou as primeiras minisséries, que se tornariam a grande novidade da televisão no país. Segundo Paternostro (2006), as baseadas em clássicos literários eram as de maior sucesso, como *Morte e Vida Severina*, *O Tempo e o Vento* e *Grande Sertão: Veredas*. De acordo com Mattos (2010), o crescimento da televisão brasileira nesta fase pode ser medido pelo número de televisores em domicílios no Brasil. No censo de 1980, o registro era de 55% de domicílios equipados com o aparelho, de um total de 26,4 milhões de residências, apontando um crescimento de 1.272% entre os anos de 1960 e 1980, conforme Mattos (2010).

No final desta década, o SBT era vice-líder de audiência no país, com uma programação quase totalmente popular, e, neste sentido, Sílvio Santos sugeriu um projeto que, segundo Paternostro (2006), era audacioso: a criação de um telejornal sério e de credibilidade, que poderia atrair formadores de opinião e mudar a imagem da emissora. Para a autora, o *Telejornal Brasil* foi responsável por introduzir a figura do âncora no telejornalismo brasileiro, que embora fosse comum nos moldes norte-americanos, ainda não existia no país.

Na década de 1990, a televisão brasileira, com a tendência de desenvolvimento global, começava no Brasil uma nova fase, que permitia estabelecer bases para o surgimento da televisão por assinatura. Além disso, a TV tornava-se veículo cada vez mais comum para os brasileiros e já transmitia ao vivo eventos esportivos e acontecimentos internacionais. Para Paternostro (2006), este momento foi um divisor em torno do mercado, porque com a televisão por assinatura cada vez mais próxima, as emissoras de TV aberta precisaram se reinventar para manter a audiência. Segundo a autora, “com a implantação da TV por assinatura, o público tem a ofertas de canais variados, nacionais e estrangeiros, programação segmentada e globalizada, mas o preço da assinatura não faz o mercado crescer conforme o esperado” (PATERNOSTRO, 2006, p. 35-36).

Nesta mesma época, duas importantes leis que diziam respeito à televisão foram aprovadas no país, a Lei 8.389, de 31 de dezembro de 1991, que regulamentou o Conselho de Comunicação Social; e a Lei 8.977, de 06 de janeiro de 1995, que regulamentou a televisão por assinatura. Essa segunda, de acordo com Mattos (2010), é das mais democráticas e avançadas do mundo, pois abriu perspectivas inéditas para o exercício da cidadania e para gerar expansão no mercado da comunicação. Devido ao aumento significativo das emissões por assinatura, a televisão aberta registrava queda na audiência. De acordo com o autor, a televisão por assinatura foi uma das grandes responsáveis pelas transformações sofridas pelo veículo no final do século.

No ano de 1999, a Rede Globo anunciou a criação da TV Globo Internacional, com canal em português. Era uma estratégia para aumentar a presença dos jornalistas da emissora no exterior e alcançar a audiência de brasileiros que moravam fora do país ou que se interessavam por notícias internacionais. De acordo com a jornalista Patrícia Poeta, em entrevista concedida à pesquisadora Denise Fernandes Britto, para o artigo *O papel do correspondente internacional na editoria exterior* (2003),

o correspondente de televisão tem envolvimento mais abrangente com o noticiário do que o repórter de TV que está no Brasil. Nas redações, o trabalho é menos compartimentado. O repórter precisa estar envolvido em todo o processo. E o começo é a sugestão de pauta, sendo ou não factual (POETA, 2003, apud BRITTO, 2003, p. 2-3).

Segundo Mattos (2010), no ano de 2001, os telespectadores do mundo todo puderam assistir ao ataque terrorista ao *World Trade Center*, em Nova York. Neste dia, o Jornal Nacional registrou índice de 52 pontos de audiência, frente aos normais 44 pontos.

Na década de 2000, a televisão digital foi implantada no Brasil, promovendo mais uma revolução neste formato. A TV digital no país, segundo o Decreto 4.901, de 26 de novembro de 2003⁷, buscava promover a inclusão social, a diversidade cultural do país e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia. Dados divulgados

⁷ Presidência da República. **Decreto 4.901 de 26 de novembro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4901.htm> Acesso em 21 nov 2019.

pela Agência Brasil⁸, de uma pesquisa do IBGE realizada em 2014, mostram que 97,1% dos 67 milhões de domicílios brasileiros possuem televisão. Desses, 40% da população têm televisão digital aberta. Um quarto dos domicílios com aparelhos de TV, cerca de 15 milhões, possuía apenas TV analógica aberta. Em 2018, o sinal analógico começou a ser desligado em diversas cidades do país para que o digital seja o único em funcionamento.

No século XXI, entre os anos de 2000 e 2010, novos formatos foram criados, como por exemplo, as *WebTVs*. Conforme Mattos (2010), a convergência entre a Internet e a televisão nesta década era uma realidade. Desta maneira, as emissoras buscavam aumentar seu alcance com programas exibidos na *web*. Essa tendência segue até o ano de 2019, uma vez que os canais de televisão não transmitem conteúdo apenas nos aparelhos televisores, mas em sites próprios, como é o caso do *globoplay*, *mtvplay*, *espn agora*, entre outros.

Nos últimos anos, a televisão sofreu mudanças significativas em decorrência do avanço tecnológico e, segundo Mattos (2010), este cenário contribui para o surgimento de um ambiente de convergência midiática e de produção multimídia. Em função do surgimento da internet e da digitalização de conteúdos de áudio, vídeo e texto, muitas possibilidades surgem para produção de conteúdo.

Além disso, os aparelhos de televisão também sofreram mudanças, as televisões de plasma, tela plana e com imagem em alta definição já tomavam conta do mercado. O celular, que antes servia para ligações e mensagens, nesta década, tem servido como provedor de música, receptor de televisão, além de ser utilizado para produzir conteúdo audiovisual com maior agilidade e interagir com programas ao vivo, segundo Valdecir Becker, no artigo *A evolução da Interatividade na Televisão: da TV analógica à era dos aplicativos* (2013). De acordo com o autor, os aplicativos trazem ao universo da televisão as vantagens da conectividade e da troca de informações que são comuns na internet. De acordo com o autor, a utilização de dispositivos ou de várias telas muda a forma de assistir televisão, de

⁸ AGÊNCIA BRASIL. **IBGE**: 40% dos brasileiros têm televisão digital aberta. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embardada-ate-amanha-10h-0604#>>. Acesso em: 10 set 2019

modo a aumentar a quantidade de opções e de informações. O pesquisador destaca, porém, que

[...] por outro lado, também traz os problemas de dispersão de atenção e a facilidade em trocar de veículo. Em o conteúdo da TV não sendo atrativo, a facilidade em buscar outro programa, através de sugestões nas redes de contato, é grande (BECKER, 2013, p. 18).

Desta maneira, Becker pontua que a possibilidade de assistir televisão pelo celular pode ser positiva, mas traz riscos ao aparelho de televisão convencional.

A memória do jornalismo internacional em televisão depende muito dos registros armazenados após a introdução da tecnologia do *videotape* (VT). No caso da Rede Globo, uma grande parte do acervo foi perdida em um incêndio em 1976 na sede da emissora. Segundo Aguiar (2008), alguns fragmentos do Jornal Internacional, jornal que fazia quase que na totalidade cobertura de fatos ocorridos no exterior entre 1972 e 1975, estão arquivados. Porém, segundo o Memória Globo⁹, o Jornal Nacional só começou a ser arquivado diariamente em 1973. Já os arquivos da TV Manchete, que entre os anos de 1980 e 1990 investiu em jornalismo internacional, estão em situação precária desde a falência da Bloch Editores, uma vez que grande parte dos arquivos está no antigo prédio da rede que foi lacrado pela Justiça. As redes Bandeirantes e Record não abrem seus arquivos para pesquisa. As TVs Tupi e Excelsior tiveram seus arquivos distribuídos entre o Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, o Centro Cultural São Paulo e a Fundação Assis Chateaubriand, em Brasília.

Após entender o contexto histórico do jornalismo internacional na televisão aberta no Brasil, é importante contextualizar na televisão por assinatura, tendo em vista o objeto de estudo e o *corpus* desta pesquisa.

⁹ MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalismo-internacional.htm>> Acesso em 26 ago 2019

3.2 TELEVISÃO POR ASSINATURA

A televisão por assinatura, segundo Paternostro (2006), é um serviço que oferece ao cliente canais exclusivos, nos mais diferentes nichos através da tecnologia de satélite de comunicação.

De acordo com a autora, foi a partir de meados dos anos de 1970 que, com o avanço das tecnologias dos satélites de comunicação, os sistemas de transmissão se expandiram nos Estados Unidos. Nesta época, os telespectadores recebiam uma programação mais especializada, que incluía os primeiros canais temáticos, como os de previsão do tempo, economia e eventos culturais. Os sistemas de transmissão unificavam duas tecnologias: satélite e cabo. Os telespectadores recebiam uma programação diferenciada e pagavam por isso. Eles podiam receber em casa quantos canais quisessem. A partir disso, surgiu uma nova forma de assistir televisão, criada a partir da tecnologia de distribuição que, segundo Paternostro (2006), mudou a história da TV. A *Pay-TV* surgiu, o que hoje conhecemos como televisão por assinatura.

O crescimento da TV por assinatura criou um grande mercado que conseguiu mexer com a audiência fiel das grandes redes norte-americanas. No final dos anos 1970 existiam três grandes redes de TV aberta: ABC, NBC e CBS, que, juntas, somavam 91% da audiência no país, conforme Paternostro (2006). Nos anos de 1980, com o advento da televisão por assinatura, a audiência desses canais começou a cair até que a audiência se estabelecesse em 60% do total do país. A partir dos anos de 1990, a televisão a cabo já chegava a mais de 90% das residências norte-americanas e cerca de 70% possuía TV por assinatura, de acordo com dados da autora.

A televisão por assinatura tem uma característica importante que é a sua programação e a distribuição do conteúdo. De acordo com Paternostro (2006), esta modalidade atende interesses específicos do assinante, tem conteúdo dirigido, trabalha a programação de uma maneira menos agressiva do que a TV aberta e oferece melhor qualidade de imagem porque possui cabos especiais, além das micro-ondas e tecnologia de satélite.

A primeira rede a cabo de notícias 24 horas do mundo foi a *CNN*. Lançada em 1980, era uma emissora especializada em jornalismo. Em 1985, a *TBS, Turner Broadcasting System*, empresa dona da *CNN*, lançou a *CNNI — Cable News Network International*, que era uma rede de jornalismo 24 horas, nos moldes do primeiro canal, para cobrir o noticiário internacional e conquistar assinantes em todas as partes do mundo. A *CNNI* começou suas transmissões para a Europa e depois conquistou o mercado da Ásia. Segundo Paternostro (2006), uma das estratégias utilizadas para tornar o novo canal mais conhecido foi sua instalação em grandes hotéis de executivos. A autora destaca a cobertura do ônibus espacial *Challenger* entre as tantas realizadas pela *CNN*.

A primeira cobertura marcante da *CNN* foi em janeiro de 1986, quando explodiu o ônibus espacial *Challenger*, matando sete astronautas um minuto e pouco depois do seu lançamento. Era o único canal de TV presente na base da Flórida: suas imagens percorreram o mundo (PATERNOSTRO, 2006, p. 43).

A televisão por assinatura chegou com certo atraso no Brasil, quando se compara com os países vizinhos, como Argentina e Chile. Porém, segundo Paternostro (2006), este atraso pode ter proporcionado um impulso para o desenvolvimento deste tipo de produto no país.

Os Grupos Globo e Abril tinham interesse em implantar a TV por assinatura no país, aos moldes norte-americanos. Segundo a autora, a primeira experiência com televisão por assinatura no país foi em 1988, com a *Key TV*, que transmitia corridas de cavalo para alguns assinantes e para os Jockey Clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar disso, foi o Canal *Plus*, criado pelo empresário Mathias Machline, o primeiro canal por assinatura do Brasil, que oferecia uma programação com notícias esportivas, *hard news*, variedades e música pop. Conforme Paternostro (2006), todos os conteúdos eram importados de canais estrangeiros, como do esportivo *ESPN, CNN, RAI* e *MTV*.

Um ano mais tarde, em 1989, o Canal *Plus* foi comprado pelo grupo Abril e se transformou em TVA (TV Abril), que reformulou a programação e distribuía dois tipos de pacotes. A partir deste fato, segundo Natali (2004), o jornalismo internacional produzido no estrangeiro pode ser consumido pelos brasileiros, uma vez que canais

como *Deutsche Welle*, *CNN*, *BBC* e *Fox News* passavam a integrar a grade de programação da televisão brasileira.

Em 1991, o grupo Globo lançou o canal GloboSat. A inovação deste canal era seu sinal, recebido diretamente do satélite BrasilSat II, por grandes antenas parabólicas, as quais eram instaladas nos prédios e que também captavam o sinal aberto. Segundo Paternostro (2006, p. 46), “a GloboSat optou por programar seus canais (dar conteúdo diferenciado a eles)” e não somente ser uma distribuidora de canais estrangeiros. Em 1993, o canal foi desmembrado e passou a se concentrar apenas na programação dos canais do grupo Globo.

De acordo com Aguiar (2008), com a chegada da TV por assinatura e dos canais CNN, TVE espanhola e RTPi, por exemplo, no Brasil, foi possível acompanhar as primeiras coberturas de guerra *in loco* depois de longo tempo, como a Guerra do Golfo (1991, considerada a primeira “guerra ao vivo”) e as guerras da Iugoslávia (1993-1995 e 1999). Segundo o autor, os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos podem ser considerados um marco óbvio na evolução da cobertura jornalística. O pesquisador cita como veículos de referência neste período o canal Globo News, a Folha de S.Paulo, o jornal O Globo, a revista Carta Capital, além dos portais UOL, Terra, Carta Maior e G1, sendo que o único que é especializado em audiovisual é a Globo News.

Em 2001, a rede Bandeirantes estreou o canal de notícias BandNews. A rede Record lançou também, em 2007, seu canal de notícias 24 horas, o RecordNews.

Segundo Paternostro (2006), mesmo que a televisão por assinatura tenha chegado no Brasil com certo atraso, ela provocou uma mudança significativa no comportamento de uma faixa de público, porque “[...] as opções se ampliaram e oferecem a liberdade de escolher, sem restrições, o que realmente se quer ver na TV” (p. 43).

Em 2019, no total, o grupo Globo possui 30 canais, de acordo com o site oficial do Grupo¹⁰, incluindo o Canal Brasil e o Futura. O Telecine, uma associação

¹⁰ GRUPO GLOBO. **Quem somos?** Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/quem-somos/>> Acesso em 02 jul 2019.

da GloboSat com os maiores estúdios de Hollywood, também se dividiu em cinco canais temáticos de filmes.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)¹¹ mostrou que de 2016 para 2017, houve queda no alcance do serviço de televisão por assinatura. No ano de 2016, 33,7% dos lares brasileiros possuíam o serviço, e em 2017, 32,8%. A pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que os motivos alegados pelos brasileiros seriam o preço e a falta de interesse no conteúdo.

Após entender como se deu a evolução da televisão por assinatura no Brasil, é pertinente que se aprofunde o estudo acerca do objeto de estudo desta pesquisa, o canal *Globo News*.

3.2.1 A Globo News

O canal Globo News, o primeiro brasileiro de notícias 24 horas, entrou no ar em 15 de outubro de 1996. Segundo Paternostro (2006, p. 48), “a ideia era aproveitar grande parte das matérias dos repórteres da Rede Globo”. O primeiro programa foi o noticiário *Em Cima da Hora*, um jornal em cascata. De acordo com a autora, um espelho era feito para o jornal da manhã e ao longo do dia ele se transformava com a inclusão de novas reportagens e atualização dos assuntos nacionais e internacionais. A jornalista afirma que a Globo News se diferencia do canal aberto do grupo Globo porque a notícia é prioridade absoluta, não apenas parte da programação. O principal telejornal da emissora é o Jornal das Dez, que a pesquisadora descreve como

o Jornal Nacional da Globo News. Com uma hora de duração, além de noticiar, tem uma equipe de comentaristas para aprofundar e debater os principais assuntos. É ancorado do Rio de Janeiro, com apresentadores em Brasília, São Paulo e Nova York. É o primeiro e o único telejornal da TV fechada, que vai ao ar todos os dias da semana, em rede nacional (PATERNOSTRO, 2006, p. 48).

¹¹ AGÊNCIA BRASIL. Preço e desinteresse são motivos mais citados para não ter TV fechada. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-12/preco-e-desinteresse-sao-motivos-mais-citados-para-nao-ter-tv-fechada>> Acesso em 11 set 2019

Dezesseis dias depois do lançamento do canal, ocorreu o primeiro desafio da equipe formada por 150 jornalistas: a queda de um avião em São Paulo. Paternostro (2006) afirma que a programação normal foi abandonada para dar lugar à transmissão direta sobre o acidente, assim como fez a *CNN* na ocasião do 11 de setembro de 2001. Todos os recursos da emissora foram utilizados e os repórteres da Globo de São Paulo faziam entradas ao vivo informando e atualizando em tempo real os telespectadores.

Além desta, muitas outras coberturas importantes foram realizadas pela Globo News, como por exemplo, o acidente que matou a princesa Diana, na França, em 1997. Segundo Paternostro (2006), a Globo News colocou no ar a informação do acidente antes mesmo da Rede Manchete e da Rede Globo. Neste dia, a emissora deu vários *extra news*, em que repetiam a notícia e acrescentavam atualizações. Ao anunciar a morte da princesa, a programação da Globo News foi totalmente cancelada para transmitir ao vivo e durante todo o dia informações sobre o acontecimento.

O objetivo era manter o assinante bem informado sobre tudo o que estava acontecendo em relação à morte de Diana, durante toda a madrugada. A equipe que tinha entrado no plantão no sábado às 15h saiu da Globo News às 7h da manhã do dia seguinte, e teve muita gente que foi para a redação de madrugada para ajudar na cobertura. (PATERNOSTRO, 2006, p. 51).

Estas coberturas tornaram a emissora uma referência nas redações de jornais, rádios, revistas e outras televisões. Conforme Paternostro (2006, p. 52), a emissora “se consolidava como um canal de notícias, conquistava os assinantes com um jornalismo ágil, confiável e de credibilidade”. A autora explica que as transmissões ao vivo de acontecimentos no Brasil e no mundo passaram a ser grandes conquistas da Globo News.

Nenhum acontecimento de grande repercussão deixou de ser transmitido ou ter uma cobertura intensa. E também todos os grandes fatos internacionais foram mostrados com destaque na programação, com imagens geradas pelas agências internacionais de notícias, Reuters, APTV e CNN. (PATERNOSTRO, 2006, p. 52).

Dentre outras coberturas internacionais marcantes da Globo News¹², a jornalista Vera Paternostro destaca a invasão da casa do Embaixador do Japão no Peru por guerrilheiros do Tupac Amaru, em 1996, que manteve 400 reféns, incluindo a embaixatriz brasileira, com transmissão ao vivo da jornalista Renata Vasconcellos e depoimento da embaixatriz após ser libertada. No ano de 1997, a posse de Bill Clinton, com narração de Ricardo Lessa, em Washington, e comentários e análises direto do estúdio. Ainda em 1997, a volta de Hong Kong à China, com transmissão de duas horas e meia e tradução simultânea da jornalista Maria Beltrão.

O atentado ao *World Trade Center*, em Nova York, em 11 de setembro de 2001, que contou com programação de mais de dez horas ao vivo, com imagens da *CNN*, tradução simultânea dos fatos pela jornalista Leila Sterenberg, entrada de correspondentes por telefone e, após, análise e repercussão dos fatos por especialistas. Em 2003, a guerra entre Estados Unidos e Iraque, com transmissão de imagens de agências de conteúdo e da *CNN*. No mesmo ano, a prisão de Saddam Hussein, com cobertura de nove horas no ar, tradução de Leila Sterenberg e comentários e análises.

A morte do Papa João Paulo II e a eleição de Bento XVI, em 2005, com transmissão de cinco horas ao vivo, narração de Christiane Pelajo e comentários de especialistas. Em 2010, o resgate dos 33 mineiros chilenos, depois do acidente que os deixou presos em uma mina no Deserto do Atacama, com narração do jornalista Rodrigo Carvalho e trinta e três horas de cobertura especial. E em 2016, os ataques terroristas na França, ao jornal *Charlie Hebdo* e a uma casa noturna, na ocasião, a jornalista Carolina Cimenti estava em férias na França e fez a cobertura do momento do atentado.

Uma pesquisa realizada pelo Kantar Ibope Media, em 2019¹³, revela que a Globo News é o sétimo canal por assinatura com maior audiência no país, perdendo apenas para Sportv, Discovery Kids, Viva, Cartoon Network, AXN e TNT. É importante destacar que a Globo News é o único canal jornalístico entre os citados.

¹²MEMÓRIA GLOBO, **GLOBO NEWS 20 ANOS**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globonews-20-anos/globonews-20-anos/globonews-20-anos-coberturas.htm>> Acesso em 21 ago 2019

¹³ AUDIÊNCIA: CANAIS MAIS ASSISTIDOS DA TV POR ASSINATURA EM MAIO. Disponível em: <<http://anmtv.xpg.com.br/audiencia-canal-mais-assistidos-da-tv-por-assinatura-em-maio/>> Acesso em 02 jul 2019

Após o estudo da história do jornalismo internacional na televisão brasileira, aberta e por assinatura, e também da criação e evolução do canal de notícias Globo News, é possível avançar para o próximo tema, que é são os gêneros e formatos do conteúdo audiovisual.

4 GÊNEROS E FORMATOS DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Para a elaboração dessa pesquisa é necessária uma base de conhecimento acerca da televisão. Desta forma, neste capítulo serão apresentados os conceitos e a caracterização das categorias, gêneros e formatos do conteúdo audiovisual.

4.1 CONCEITOS

É normal no cotidiano das pessoas querer caracterizar tudo em grupos. De acordo com José Carlos Aronchi de Souza, no livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2004, p.37), “a separação dos programas de televisão em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes”.

A *categoria* engloba vários gêneros e é capaz de classificar grande parte dos programas televisivos. Segundo Souza (2004), a divisão de programas em categorias faz parte do processo de identificação do produto audiovisual. De acordo com o pesquisador, existem cinco categorias que abrangem grande parte dos gêneros: *entretenimento*, que busca surpreender e desafiar a audiência; *informação*, busca agregar conhecimento ao telespectador, *educação*, busca instruir o espectador, *publicidade*, que engloba filmes comerciais e chamadas de patrocínios, e *outros*, que contempla programas religiosos e eventos.

Souza (2004) entende que os gêneros são um conjunto de espécies que apresentam características em comum. Na comunicação, o pesquisador indica os gêneros como unidades de informação, que determinam a forma do conteúdo, tendo em vista o momento histórico da produção. Eles têm similaridades e, desta maneira, o telespectador consegue perceber suas semelhanças e diferenças. Para Arlindo Machado, na obra *A Televisão Levada a Sério* (2009), os gêneros orientam o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio: “é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores” (p. 68). O autor destaca que os gêneros não são sempre os mesmos, uma vez que se renovam a cada etapa do desenvolvimento da literatura especializada.

Após os gêneros, ainda há outra subdivisão, que são os formatos de conteúdo audiovisual. Segundo Souza (2004), existe muita semelhança entre os gêneros e os formatos na televisão, mas o autor os compara com classificações na área da Biologia, onde “várias espécies constituem um gênero, e os gêneros agrupados formam uma classe. Em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (p. 45). Desta maneira, o pesquisador explica que o termo formato, tanto em televisão quanto em rádio, é um nome utilizado para identificar a forma e o tipo de produção de um gênero de programa de televisão. O formato está sempre relacionado a um gênero e o gênero está sempre relacionado a uma categoria.

Souza (2004) entende que a divisão por categorias é necessária para classificar os gêneros. O autor define os formatos de exibição dos programas apresentados no Brasil da seguinte maneira:

- a) Categoria *Entretenimento*: programas de auditório, colunismo social, culinária, desenho animado, docudrama, esportivo, filmes, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quis show* (perguntas e respostas), *reality show* (tv-realidade), revista, série, série brasileira, *sitcom* (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia, variedades e *western* (faroeste);
- b) Categoria *Informação*: debates, documentários, entrevistas e telejornais;
- c) Categoria *Educação*: programas educativos e instrutivos;
- d) Categoria *Publicidade*: chamadas, filmes comerciais, políticos, sorteios e telecompras;
- e) Categoria *Outros*: transmissão de eventos, programas religiosos e especiais.

Apesar existirem categorias, gêneros e formatos para as produções audiovisuais, a evolução da tecnologia e do próprio jornalismo fomentam a criação de novas maneiras de se produzir conteúdo. A autora Elizabeth Bastos Duarte, no artigo *Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos* (2006), define que “[...] um gênero é, antes de tudo, uma estratégia de comunicabilidade, e é como marca dessa comunicabilidade que se faz presente e analisável no texto”, (p. 20). Segundo

a autora, os gêneros são categorias que se manifestam como subgêneros e formatos, desta forma, a pesquisadora explica que definir um conteúdo reduzindo suas características apenas a um modo de classificação impede a compreensão de sua função verdadeira.

Segundo Machado (2009), o conceito de gênero vem sofrendo questionamentos por parte da crítica estruturalista e do pensamento pós-moderno. Desta maneira, é importante destacar que os produtos audiovisuais do século XXI podem não se classificar nos mesmos moldes de categorias, gêneros e formatos que foram apresentados por pesquisadores em anos passados. O autor propõe que “quanto mais avançarmos na direção do futuro, mais o hibridismo se mostra como a própria condição estrutural dos produtos culturais” (2009, p. 68).

A palavra hibridismo, de acordo com o dicionário Michaelis (2008), deriva de híbrido, que significa um cruzamento entre espécies, raças ou variedades diferentes. Segundo Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro, no artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico* (2015), no telejornalismo, o hibridismo consiste na união de vários gêneros para a formação de um novo e a hibridização é a marca da televisão moderna. Para as autoras,

em meio a um ritmo frenético de produção e consumo, as fronteiras entre categorias se apagam, gêneros se misturam, formatos se fundem para formar novos formatos híbridos que se estabelecem em um espaço entre gêneros e contribuem para a espetacularização (TEMER; RIBEIRO, 2015, p. 3).

Duarte (2006) destaca que classificar um programa como informativo, ou então como entretenimento, não diz nada sobre ele, afinal, todos os programas trazem informações e tem o objetivo de entreter o público.

O autor Fraçois Jost, no artigo *Para Além da Imagem, o Gênero Televisual: Proposições Metodológicas para uma Análise das Emissões de Televisão* (2007), explica que é um equívoco acreditar que seja possível classificar de maneira única e estável os gêneros televisivos. O autor reforça sua ideia quando afirma que “poder-se-á compreender [...] que os gêneros são antes categorias, variando consideravelmente em função do uso que deles fazemos” (2007, p.102).

Duarte (2006, p. 22) complementa a ideia de Jost quando afirma que “[...] a televisão vem constituindo seus gêneros/subgêneros e formatos, cujas estratégias, configurações e regularidades adequam-se aos princípios e lógicas, possibilidades e restrições que regem o próprio funcionamento do meio”.

Neste contexto, a autora Renata Rezende, no artigo *A tecnologia e a transformação do dispositivo televisivo: produções sensórias no hibridismo realidade/ficção* (2012), acredita que o hibridismo do produto audiovisual já começa em sua concepção na fusão entre o texto e a imagem.

O desenvolvimento de tecnologias de produção de imagens cada vez mais avançadas vem configurando hibridismos não apenas na produção dos conteúdos televisivos, mas na apropriação por parte da recepção que, muitas vezes, não percebendo onde começa um gênero e termina o outro, configura a narrativa como pertencente a determinado mundo, ora da realidade, ora da ficção (REZENDE, 2012, p. 15).

Elizabeth Duarte, no artigo *Televisão: entre gêneros, formatos e tons* (2007), afirma que a noção de gênero, em televisão, deve ser entendida como um “feixe de traços de conteúdo e da comunicação televisiva que só se atualiza e realiza quando sobre ele se projeta uma forma de conteúdo e de expressão – representada pela articulação entre subgêneros e formatos [...]” (p. 5). De acordo com a pesquisadora, embora as deliberações em relação ao subgênero e formato pertençam a diferentes etapas do processo de produção audiovisual, estas são responsáveis pelas diversas e distintas configurações genéricas dos produtos televisuais.

Segundo Duarte (2007, p. 5), o “subgênero seria da ordem da atualização; o formato da ordem da realização. O subgênero é uma das possíveis atualizações de um gênero”. A autora ainda explica que a noção de subgênero engloba uma pluralidade de programas, porém o formato os diferencia. O termo formato, para a autora, identifica a forma e o tipo de produção de um programa. A pesquisadora afirma que “o formato é a realização dos subgêneros, na medida em que pode até mesmo reunir e combinar vários subgêneros em uma única emissão” (DUARTE, 2007, p. 6).

Em razão de o objeto de estudo ser um programa de caráter jornalístico, nesta pesquisa, serão aprofundados apenas os conceitos dos gêneros da categoria *Informação*.

4.2 CATEGORIA INFORMAÇÃO

Apesar de existirem muitos programas que visam apenas o entretenimento, a informação é essencial e está presente neles também. Os telejornais, debates, entrevistas e documentários são parte das programações dos mais diversos canais abertos, por assinatura e plataformas online.

Desta maneira, é importante conceituar e explicar cada um dos quatro gêneros da *Categoria Informação*, apresentados por Souza (2004).

4.2.1 Gênero Telejornal

Este gênero é classificado como um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador no estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes, conforme Souza (2004). O autor explica que para a execução do telejornal, as emissoras mantêm uma estrutura independente e com tecnologia para produzir conteúdos voltados à categoria informação.

De acordo com Souza (2004), os telejornais conquistaram grande importância na grade de programação e fizeram com que as emissoras investissem no jornalismo tanto quanto em outros gêneros.

Inicialmente, o formato dos telejornais era o noticiário, que consistia no apresentador lendo textos para a câmera, sem imagens ou ilustrações cobrindo a fala. Segundo o autor (2004), a base deste formato se mantém, porque, desde a criação, a fórmula básica dos telejornais consiste em um ou mais apresentadores que leem textos e anunciam as reportagens externas produzidas pelos repórteres. Neste formato, comentaristas especializados também podem aparecer.

Souza (2004) explica que o telejornalismo busca outros formatos além do telejornal.

Por isso, mantém-se em evidência em todas as grades de programação. São programas de debate e entrevista, mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais, que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras (SOUZA, 2004, p. 152).

Para o pesquisador, dentro do gênero telejornalismo, existem formatos que se firmam como gêneros de acordo com a sua importância, como por exemplo, debates e entrevistas e os documentários.

4.2.2 Gênero Documentário

O documentário, segundo Souza (2004), é o contrário da ficção, porque neste tipo de produção, o objetivo é ser fidedigno para com a realidade. De maneira geral, conforme o autor, os temas abordados em documentários apresentam certa importância histórica, social, cultural, política, científica ou econômica e buscam aprofundar situações do cotidiano, mas de uma perspectiva mais crítica.

De acordo com Souza (2004), este é um gênero que tem raízes no cinema e saiu das salas de exibição para as telas da televisão com o mesmo respeito dos documentários produzidos durante a Segunda Guerra Mundial, que tinham papel informativo e também ideológico.

Por se tratar de uma produção que demanda material diferenciado e profissionais capacitados, Souza (2004) explica que este tipo de produção tem orçamentos elevados, motivo pelo qual muitas emissoras não produzem documentários. Uma alternativa que essas emissoras encontram, ocasionalmente, é a compra de produções estrangeiras.

O autor (2004, p. 146) explica que “a proposta de todo documentário é buscar o máximo de informações sobre um tema. Por isso, sua duração é maior do que as reportagens apresentadas pelos telejornais”. Mas destaca que as emissoras brasileiras não têm o costume de produzir documentários, apenas grandes-

reportagens. Segundo o autor José Augusto Mendes Lobato, no artigo *Jornalismo e Narratividade: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem* (2017), a grande reportagem é uma maneira de renovação do jornalismo, por ser um gênero que propõe reportagens com imersão ativa, utiliza personagens e caráter simbólico. Segundo Souza (2004), uma das principais características que diferencia o documentário e a grande reportagem é o tempo de duração.

Para o autor (2004), o gênero pode apresentar muitos formatos, como videoclipes, entrevistas, debates e narração em *off*, para que o conteúdo não torne-se cansativo e para diversificar as maneiras como o tema será apresentado.

4.2.3 Gênero Entrevista

Neste gênero, segundo Souza (2014) o apresentador, que normalmente é um jornalista já reconhecido, entrevista pessoas das mais variadas áreas do conhecimento. Geralmente, a entrevista está ligada aos programas jornalísticos das emissoras. O pesquisador afirma que quando existe descontração e intimidade entre o entrevistado e o entrevistador pode haver uma nova definição do gênero entrevista. Para ele, “com tais elementos, o gênero se aproxima do classificado como *talk show*” (SOUZA, 2004, p. 147). Porém, nestes casos, é perceptível a diferença entre um programa jornalístico e um de entretenimento. Na entrevista, conforme o autor, o foco é o entrevistado e não existe *show* comandado pelo jornalista apresentador.

Outro ponto importante que o autor destaca é que o apresentador não precisa, necessariamente, deixar o entrevistado à vontade, podendo questioná-lo sobre acontecimentos polêmicos e até chegar à discórdia. Os assuntos abordados podem ser variados, desde a vida pessoal da pessoa entrevistada, até fatos de seu domínio.

Souza (2014) explica que as entrevistas normalmente ocorrem dentro de um estúdio, podendo também ser realizada em local externo, mas com menor frequência. O autor ainda pontua que alguns programas do gênero entrevista são

ilustrados por reportagem, que podem ajudar na abordagem do assunto. As reportagens podem ser ao vivo ou gravadas.

O cenário dos programas de entrevista também é um ponto a ser destacado, já que, normalmente, o convidado e o entrevistador ficam sentados frente a frente durante todo o programa, permitindo que o ele dure por mais tempo e que os assuntos tratados possam ser aprofundados. Para as pesquisadoras Christina Ferraz Musse e Mariana Ferraz Musse, autoras do artigo *A Entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e delimitações* (2010),

o tempo da entrevista é apenas um dos fatores que podem interferir ou não no resultado final do trabalho. Mais importante do que ele é a relação criada entre os dois lados, e a cumplicidade ou a capacidade do entrevistado em lembrar fatos, ou contar sua história. A relação que será criada entre entrevistador e entrevistado vai depender de outras relações e do conhecimento prévio que o entrevistador possa ter da vida daquela outra pessoa – quando, por exemplo, o entrevistado é alguém da família – ou pelo conhecimento da região que aquela pessoa habita, os lugares que frequenta, sua classe social (MUSSE; MUSSE, 2010, p. 8).

As autoras explicam que, em entrevistas mais longas, o entrevistador precisa rever seu papel diante do entrevistado, porque, em muitas ocasiões, o convidado não terá as reações esperadas pela produção, pode fugir do assunto, ou até sentir-se desconfortável para tratar de alguns temas. Nestas situações, segundo Musse e Musse (2010), o entrevistador deve passar confiança ao mesmo tempo em que guia a entrevista e colhe os dados que necessita.

4.2.4 Gênero Debate

Este gênero, de acordo com Souza (2004) é caracterizado principalmente pelo número de entrevistados e entrevistadores e também pelo baixo custo de produção e execução. O gênero ainda pode ser uma alternativa para a programação das emissoras, uma vez que tende a ter duração longa. Segundo Souza (2004), os assuntos e os convidados variam de acordo com a proposta da emissora.

[...] Pode-se debater um único tema, com vários convidados opinando e respondendo às indagações dos entrevistadores e apresentadores fixos, pode-se realizar um debate sobre vários temas em um único programa,

dando-lhe um tom de atualidade e variedade. Os programas de natureza definida – esportivo, político, educativo, entre outros - também usam a mesma fórmula para aprofundar o tema e apresentar especialistas em assuntos, criando segmentos (SOUZA, 2004, p. 144).

De acordo com o autor, o que caracteriza a maioria dos programas de debate é o apresentador único, mas, em algumas vezes, o programa pode contar com outros entrevistadores ou comentaristas para aumentar a diversidade de opiniões sobre os temas abordados. Os programas podem apresentar reportagens que ilustram o assunto tratado, ou entrevistas com um convidado principal, que vai argumentar com o público, sempre com a mediação de um jornalista.

O formato mais comum é o de mesa-redonda, mas existem outras maneiras de realizá-lo. Buscando referência nos formatos de rádio, o autor André Barbosa Filho, no livro *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio* (2009), explica que mesas-redondas são espaços de discussão em que os participantes divergem de opinião e que, normalmente, são mediadas por um apresentador que apresenta regras previamente, que são aceitas pelos debatedores. É importante que essas regras existam para que se delimite o tempo de fala de cada um dos participantes e para a organização das perguntas e a sequência das respostas. Segundo Barbosa Filho (2009, p.103), “suas apresentações devem ser ‘ao vivo’ ou ter a aparência de ‘ao vivo’, mesmo que gravadas anteriormente à emissão”. A mesa-redonda é composta por especialistas que procuram fazer o público entender os temas escolhidos.

De acordo com o autor, os cortes que não sejam para intervalos comerciais ou chamadas, tornam a discussão artificial e podem causar a perda de credibilidade junto ao público. O autor explica que o debate presume valores sem a presença de assessores, especialistas e comentaristas no ar, desta maneira, o autor explica que o ‘ao vivo’ é a melhor opção para este gênero.

Barbosa Filho ainda cita o autor Mario Kaplun para explicar as principais diferenças entre debates e entrevistas:

[...] suas características e realização são as mesmas que as da entrevista, com a única exceção de necessitar de um ‘moderador’, apresentador ou líder, da roda de opiniões, para conseguir uma atuação interessante e uma igualdade de participação dos distintos entrevistados [...] (KAPLUN, 1978 apud BARBOSA FILHO, 2009, p. 104)

O autor Luiz Artur Ferraretto, na obra *Rádio: o veículo, a história e a técnica* (2001), explica que a mesa-redonda pode ser caracterizada como painel ou debate. A diferença entre os dois é que no painel os integrantes expõem suas opiniões e elas se complementam. “Mesmo que haja divergência de posicionamentos, o objetivo principal é fornecer um quadro completo a respeito do assunto focado” (FERRARETTO, 2001, p. 56). Já no debate, a produção do programa deve procurar pessoas que tenham pontos de vista diferentes, para que, frente a frente, haja o confronto entre as opiniões.

Souza (2004) entende que a evolução tecnológica da televisão é fundamental para compreender a necessidade do estudo dos gêneros. Os efeitos especiais de vídeo, recursos avançados de áudio e o uso de equipamentos, por exemplo, fazem parte desse contexto e influenciam diretamente o perfil da produção audiovisual, seu planejamento, organização, implementação e criação dos programas. Desta maneira, é necessário entender os processos da produção de conteúdo audiovisual, assunto que será abordado no próximo capítulo.

5 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO JORNALISMO AUDIOVISUAL

Os programas jornalísticos existem para oferecer ao telespectador informação sobre os fatos mais atuais. Dessa maneira, é importante estudar os processos de produção de conteúdo para o jornalismo na televisão e outros meios audiovisuais. Antes da exibição ao público, no jornalismo audiovisual, o conteúdo produzido passa por algumas etapas, como a busca de dados e informações, fontes e imagens, edição e finalização.

5.1 NOTÍCIA E REPORTAGEM: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

A base do trabalho do jornalista é a notícia. De acordo com a autora Olga Curado, na obra *A Notícia na TV – O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo* (2002, p. 15), “a notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um fato é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado” e, neste contexto, o trabalho do jornalista na produção de conteúdo é a base para todo o desenrolar do processo.

Sobre a notícia e sua recepção por parte do público, Curado (2002) explica que é a informação a serviço do todo. Segundo a autora,

a notícia revela como determinados fatos se passaram, identifica personagens, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão acontecendo, descreve as suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico para dar-lhes perspectiva e noção da sua amplitude e dos seus significados (CURADO, 2002, p. 16).

Nelson Traquina, no livro *Teorias do Jornalismo: A Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional* (2005), esclarece que para um fato ser considerado notícia deve obedecer os *critérios de noticiabilidade*. De acordo com Traquina (2005, p. 63), noticiabilidade é definido como “um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão para merecer um tratamento jornalístico; isto é, possuir valor como notícia”. Desta maneira, os critérios de noticiabilidade são os critérios determinantes para considerar notícia um acontecimento ou assunto.

De acordo com o autor, *morte*, *notoriedade*, *proximidade*, *relevância*, *novidade*, *tempo*, *notabilidade*, *inesperado*, *conflito ou controvérsia* e *infração* são os aspectos principais que devem ser levados em conta para a definição do que é notícia ou não. Porém, Traquina (2005) destaca que esses critérios podem mudar de acordo com a linha editorial de uma empresa.

O pesquisador esclarece que, pelo menos uma vez na vida, o sujeito será notícia. Os critérios de noticiabilidade elencados por Traquina (2005) explicam esta situação. O autor define que a *morte*, por exemplo, é um valor-notícia fundamental, em razão do negativismo no mundo jornalístico. A *notoriedade* é outro valor-notícia importante na comunidade jornalística, porque expõe que o nome e cargo da pessoa mostram a relevância do fato, por exemplo, uma notícia sobre o Presidente da República é mais importante do que uma notícia sobre uma pessoa comum.

A *proximidade* é outro valor-notícia importante, principalmente em termos geográficos, mas também culturais. A *relevância* é outro critério destacado por Traquina (2005), pois corresponde às notícias que impactam diretamente na vida das pessoas. Outro conceito é a *novidade*, porque, segundo o autor, o mundo jornalístico valoriza muito a primeira vez em que um fato ocorre. O fator *tempo* tem três definições do autor, a primeira é que ele determina a atualidade da notícia, a segunda envolve as retrospectivas, quando uma notícia antiga é trazida à tona de novo depois de certo tempo e a terceira envolve a dilatação do fato, dependendo de sua importância, ele pode permanecer como assunto de valor-notícia por um longo período.

A *notabilidade*, segundo Traquina (2005), alerta que o jornalismo está mais ligado a coberturas imediatistas, e não problematizações. Para ele, o ritmo de trabalho do jornalista valoriza mais os acontecimentos e não a problemática. O critério *inesperado* é algo que rompe a expectativa dos jornalistas, que ele exemplifica com desastres naturais ou ataques terroristas, e por isso se tornam algo relevante. Outro valor-notícia importante, de acordo com o autor, é o *conflito* ou a *controvérsia*, porque apresenta a violência física ou simbólica e estes fatos fornecem mais noticiabilidade. A violência também está ligada ao valor-notícia *infração* e neste critério Traquina (2005) se refere, além da violência, à transgressão de regras.

Após a definição do que é ou não notícia, parte-se para a produção da reportagem. Segundo Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, na obra *Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV* (2002), a reportagem é fonte de matérias exclusivas. Curado (2002, p. 95) complementa a ideia quando afirma que a reportagem é “uma maneira de contar uma história que pede vários recursos técnicos”. A autora explica que a reportagem possui início, meio e fim, mas que não são, necessariamente, apresentados nesta ordem, uma vez que o estilo do repórter ajuda a moldá-la.

Há reportagens longas que são divididas em vários segmentos e que geralmente são mostradas em programas jornalísticos com uma certa vocação envergonhada para o entretenimento. Essas reportagens são construídas a partir de um tripé: tensão, plasticidade e atualidade. A tensão tem como objetivo manter o espectador “ligado”, como no folhetim; a plasticidade envolve a audiência – não é preciso que sejam cenas bonitas, mas que sejam cuidadas [...]. Atualidade não quer dizer que a reportagem esteja sempre enfocando acontecimento recente, mas sim que se trata de algo até aquele momento inédito para o público do programa (CURADO, 2002, p. 96).

Curado (2002) explica que no caso do telejornalismo, o repórter precisa ter um cuidado especial para produzir a reportagem, porque o público não está lendo a notícia, mas sim ouvindo e vendo. A preocupação principal do jornalista deve ser o entendimento completo por parte do espectador, já que é impossível parar o repórter e pedir a ele que explique novamente a informação. Portanto, a autora propõe três regras a serem observadas para a comunicabilidade da notícia no meio audiovisual:

- a) *Clareza*: a notícia na televisão não pode confundir quem a assiste. Palavras inadequadas, textos mal escritos ou narrativas ruins podem causar confusão no espectador. Desta maneira, a autora explica que “a informação deve chegar a seu destino sem tropeços” (CURADO, 2002, p. 20). A maneira como o repórter apresenta a notícia não pode deixar dúvidas, porque se o espectador tiver que parar para pensar no que acabou de ouvir a notícia não foi dita com clareza;
- b) *Precisão*: é um elemento essencial para a apresentação da informação e demonstra que o jornalista fez uma boa apuração. Segundo Curado (2002), para obter precisão, é necessário que a origem da informação seja

identificada, porque isso ajuda a estabelecer uma hierarquia de dados e sua confiabilidade. “Precisão é mais do que ter fatos corretos. A reportagem será [...] o espelho da verdade” (CURADO, 2002, p. 21);

- c) *Imparcialidade*: a variedade de opiniões deve ser respeitada na construção da reportagem, dando ênfase às diferentes visões do mesmo fato. Curado (2002) afirma que a imparcialidade pode ser obtida com a investigação dos fatos, não apenas ouvindo opiniões sobre eles. “Cabe à reportagem apresentar dados e não facilmente confrontar opiniões” (CURADO, 2002, p. 22).

Após o estudo dos conceitos de notícia e reportagem, no próximo subtítulo serão abordadas as etapas necessárias para produção do conteúdo jornalístico audiovisual.

5.2 ETAPAS DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO JORNALISMO AUDIOVISUAL

É importante compreender como ocorre o processo de produção do conteúdo para televisão, desde a escolha da pauta até a exibição do produto audiovisual final.

5.2.1 Pauta

A pauta, de acordo com Curado (2002, p. 40), “é um conjunto de dados que dão partida a uma reportagem”. A autora explica que, em televisão, a pauta só existe se puder ser proposta em apenas três linhas.

Barbeiro e Lima (2002) esclarecem que a pauta para televisão tem uma importância maior em relação a outros veículos porque possui suas características próprias. “A atenção exigida aos detalhes necessários para a elaboração de uma reportagem na TV aumenta a importância do planejamento” (BARBEIRO; LIMA; 2002, p. 111).

Nilson Lage, no livro *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (2003) explica a pauta como dois conceitos distintos. A primeira é o planejamento da edição, ou parte dela, com uma lista das coberturas e assuntos a

serem abordados nas reportagens e explicações de ordem técnica, como ângulo da câmera, recursos para a realização da matéria, fontes, entre outros. A segunda é cada um dos itens citados quando já atribuídos aos repórteres que realizarão a atividade. O autor explica que “boas pautas são aquelas que dão origem a matérias que devem sair com destaque e, supostamente, acrescentam algo ao currículo do repórter” (LAGE, 2003, p. 35).

Na estrutura de uma redação, o responsável por reunir as informações que podem se transformar em reportagens é o *pauteiro*. Segundo Barbeiro e Lima (2002), este profissional deve planejar matérias que sejam diferentes do comum. O pauteiro deve sempre pensar os assuntos de maneira ampla e indicar o modo como o repórter deve executar a pauta, a fim de prender a atenção do espectador. De acordo com os autores, ele tem a liberdade de mudar ou interpretá-la no meio da execução, caso necessário.

Curado (2002) explica que o bom pauteiro tem características específicas e complexas, tais como “faro para a notícia, fascínio pelos detalhes que podem apontar para o surgimento de uma boa história, capacidade de estabelecer conexões imprevisíveis e reveladoras” (p. 41). Desta maneira, a autora destaca alguns recursos que considera importantes para pesquisar pautas, como:

- a) o *contato com a apuração*: atividade que pode render boas indicações à pauta;
- b) *leitura de jornais e revistas*: atividade que auxilia o pauteiro. Porém, segundo Curado (2002), o jornalista deve ler além do que está escrito nas primeiras páginas;
- c) *agenda*: porque existem pautas datadas que podem ser eventos, feriados, entre outros;
- d) *internet*: que segundo a autora é um bom meio de pesquisa, mas que pode facilmente desviar o foco do pauteiro;
- e) *contatos pessoais*: para buscar esclarecimentos sobre os fatos e manter uma relação de proximidade com a comunidade.

Lage (2003) esclarece que algumas pautas podem surgir a partir da observação de fatos cotidianos, que, normalmente, passam despercebidos, como o aumento de camelôs nas ruas ou de moradores em situação de rua. Segundo o autor, “informações, em suma, são matéria-prima abundante e a dificuldade consiste em selecioná-las, isto é, definir quais reúnem as condições de interesse público necessárias para sua transformação em notícia” (LAGE, 2003, p. 45-46).

Uma das etapas na produção de reportagens audiovisuais, após a escolha da pauta, consiste em encontrar fontes qualificadas para o conteúdo abordado. Lage (2003) explica que poucas matérias se originam apenas da observação. A notícia é construída por relatos de indivíduos e uma das maneiras de se apurar a informação é por meio de entrevistas.

Curado (2002) esclarece que

a entrevista é a maior fonte de informação jornalística. Outros mananciais são a pesquisa de documentos, discursos ou pronunciamentos e o testemunho pessoal do jornalista. Mesmo diante destes recursos a entrevista é o elemento mais forte e refrescante, porque propicia uma relação dinâmica com a autoridade informativa, aquela que pode esclarecer sobre a natureza e a mecânica dos acontecimentos (CURADO, 2002, p. 98).

De acordo com Barbeiro e Lima (2002), a entrevista nos meios audiovisuais tem um poder diferente dos jornais impressos, porque consegue transmitir a intimidade da fonte, gestos, olhares, o tom de voz e o modo como se comporta.

Neste sentido, segundo Musse e Musse (2010), o jornalismo audiovisual costuma enfatizar entrevistas mais imediatas, que ainda não se distanciaram dos acontecimentos e, portanto, costumam ser mais fidedignas.

Lage (2003) explica que as fontes podem ser mais ou menos confiáveis, institucionais, documentais ou pessoais, e que podem se classificar em:

- a) *Oficiais, oficiosas e independentes*: as fontes oficiais são mantidas pelo Estado, instituições que possuem algum poder de Estado e empresas e organizações, como fundações e sindicatos. As fontes oficiosas são as que estão ligadas a alguma entidade, mas que não estão autorizadas a falar em

nome dela. Fontes independentes não possuem vínculo ou relação de poder. Lage (2003) esclarece que as fontes oficiais são as mais confiáveis e que, normalmente, os dados fornecidos por elas são considerados verdadeiros;

- b) *Primárias e secundárias*: as fontes primárias são as que o jornalista se baseia para obter informações para uma matéria, são aquelas que fornecem os dados necessários. Já as secundárias são as que o jornalista consulta para preparar uma pauta. Lage (2003) afirma que as fontes secundárias são consultadas para que o jornalista esteja mais preparado para executar uma pauta, para fazer perguntas melhores para as fontes primárias;
- c) *Testemunhas e experts*: para o autor, as testemunhas tem seus relatos baseados na emoção e modificados pela sua perspectiva, mas que, de modo geral, os testemunhos mais confiáveis são aqueles imediatos, que se apoiam na memória de curto prazo. Os experts são fontes secundárias, com quem o jornalista busca versões e interpretações de um fato. É importante ressaltar que os experts costumam unir os fatos às suas convicções, transformando a informação em discursos. De toda maneira, Lage (2003) afirma que é importante ouvir experts e variar as fontes evitando que a interpretação dos fatos seja sempre da mesma forma.

Mas, mesmo que a fonte seja qualificada, Curado (2002) explica que o jornalista deve estar bem preparado quando for realizar a entrevista. Curado (2002, p. 98) esclarece que “o jornalista não compete em conhecimento com a fonte – que possui dados – mas ao indagar demonstra entendimento sobre o assunto e busca aprender utilizando uma genuína curiosidade”.

Após o entendimento sobre a escolha das fontes e como entrevistá-las, é importante estudar sobre o processo de gravação do conteúdo jornalístico, assunto do próximo subtítulo.

5.2.2 Gravação do material

Na elaboração de uma reportagem, vários passos devem ser seguidos. Porém, é essencial que a gravação do material seja uma das etapas em que o

jornalista tenha o maior cuidado. Nesta fase, o cinegrafista e o repórter precisam estar em sintonia para que o produto final atinja os objetivos.

Curado (2002) afirma que no jornalismo para televisão a imagem deve dar apoio ou esclarecer determinada informação. “Em situações contextualizadas, chega a dispensar qualquer texto. É quando transmite de maneira simbólica um fato. São esses raríssimos e geniais momentos em que capta a síntese da informação” (CURADO, 2002, p. 106). Já Paternostro (2006) complementa que quando existe uma imagem forte de algum fato, ela se sobressai em relação às palavras, pois é suficiente para transmitir informações e emoções. A pesquisadora afirma que o jornalista que trabalha com audiovisual tem o desafio da escolha da imagem correta para ilustrar seu texto. A pesquisadora explica que é com a imagem que a televisão compete com o rádio e com o jornal, porque é preciso respeitar a força da imagem e descobrir como associá-la ao texto, uma vez que na TV a informação funciona a partir de uma relação entre texto e imagem.

No momento de gravações, segundo Curado (2002), o repórter deve ser o líder, o responsável por dar ritmo à equipe, debater as necessidades do trabalho externo, realizar as entrevistas e preparar o texto para a reportagem. É ele quem dá o formato da matéria. Conforme a autora (2002, p. 47), “na função de repórter de vídeo estarão aqueles profissionais com características específicas de comunicabilidade, além daquelas inerentes ao bom jornalista. São necessárias boa voz e presença empática”.

Outro membro importante da equipe é o cinegrafista ou repórter cinematográfico, que é considerado o olho do espectador. Quando sai para a execução da reportagem, ele deve estar inteirado do conjunto da pauta e do objetivo da reportagem. Segundo Curado (2002, p. 50), “o bom cinegrafista não se limita a cumprir uma pauta que designa cenas a serem filmadas. Procura compreender contexto e enfoque da matéria”.

Ao gravar uma situação, o repórter cinematográfico deve estar atento às normas técnicas do programa. Curado (2002) esclarece que editores e emissoras tem opiniões e gostos particulares em relação à linguagem visual utilizada. A pesquisadora explica que o enquadramento é um detalhe importante da gravação porque determina a maneira como o espectador verá o acontecimento.

Luciana Bistane e Luciane Bacellar, no livro *Jornalismo de TV* (2008), explicam que, nas reportagens externas, o repórter e cinegrafista devem fazer um recorte da realidade no momento que formulam uma pergunta ou ao escolher um enquadramento. As autoras esclarecem que “uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante” (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 41).

Sobre a gravação das imagens e sua relação com o restante da reportagem, Paternostro (2006) afirma que um dos desafios no telejornalismo é fazer com que o texto tenha tanta importância quanto a imagem.

Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra não é brigar com a imagem (PATERNOSTRO, 2006, p. 86).

As imagens e passagens não devem ser feitas de maneira aleatória, pois o jornalista deve levar em consideração o produto que vai ao ar. Todo o trabalho de gravações, segundo Curado (2002), deve ser realizado pensando na etapa seguinte, que é a edição do material. Assunto do próximo subtítulo.

5.2.3 Edição e finalização

Após a realização das gravações externas e das entrevistas, é o momento da edição do material. Curado (2002) destaca que uma etapa essencial nesta fase é a discussão entre o repórter, o cinegrafista e o editor para decidir o melhor rumo da matéria.

No jornalismo audiovisual, todos os detalhes são importantes. Segundo Paternostro (2006, p. 78), “[...] o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado”. Portanto, conforme a autora, é importante cuidar com as palavras utilizadas na escrita do texto para televisão, a fim de não causar nenhum erro na

interpretação e prezar sempre pela coloquialidade e simplicidade da linguagem, além da ordem direta das frases.

Paternostro (2006) apresenta duas dicas para a escrita do texto ideal para TV: são as *frases curtas e a pontuação*. As frases curtas ajudam na compreensão e, segundo a pesquisadora, uma série de frases curtas dá um sentido de ação à notícia e passa a informação sem rodeios. É importante utilizar palavras curtas, mas sem comprometer a informação. Já a *pontuação* dá o embalo ao texto. A pontuação bem colocada indica pausas e o tom que o texto deve ser lido. A boa utilização dos pontos e vírgulas ajuda na respiração e na fluência do jornalista.

A autora explica que o repórter leia e revisar seu texto em voz alta antes das gravações é importante, além de evitar rimas e palavras com a mesma terminação, não deve utilizar frases intercaladas entre vírgulas e preocupar-se com o ritmo do texto.

Após a edição de texto, é importante que o repórter foque na edição das imagens. Barbeiro e Lima (2002, p. 100) esclarecem que “editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda história, a edição precisa de uma sequência lógica que pelas características do meio exige a combinação de imagens e sons”.

Os autores explicam que algumas redações estão organizadas de maneira industrial, ou seja, o repórter grava as imagens e passagens e os arquivos vão direto ao editor, enquanto o jornalista sai para gravar outra matéria. Mas, nas reportagens mais elaboradas, “é possível uma conversa entre repórter e editor, e mesmo o acompanhamento da edição pelo repórter. Mas isso é exceção, e não o dia-a-dia quando todos são pressionados pelo *deadline*¹⁴” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 100).

Curado (2002) apresenta algumas dicas para que o processo de edição do material seja mais proveitoso:

- a) *Avaliação do conjunto de informações*: etapa em que o repórter reúne todos os dados colhidos nas gravações externas e as organiza de forma

¹⁴ Deadline: Termo usado para definir o prazo final de qualquer procedimento. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>> Acesso em 21 nov 2019.

hierárquica. O repórter deve avaliar qual parte será utilizada para o *lead*, para algum *off* ou para a cabeça da reportagem;

- b) *Decupagem*: o repórter avalia a gravação bruta das imagens e entrevistas e as separa para a montagem final da reportagem;
- c) *Roteirização*: é momento em que o repórter monta a estrutura a reportagem, o esqueleto da matéria;
- d) *Redação*: depois de analisadas todas as imagens e entrevistas, é possível executar esta etapa. O repórter escreve o texto base da reportagem, sempre procurando fazer com que texto e imagens tenham sentido juntos;
- e) *Outros recursos*: momento em que o repórter identifica se há necessidade de inserir alguma ilustração para a reportagem, como infográficos, mapas, animações, entre outros;
- f) *Gravação do texto*: o repórter grava o texto que vai sobrepor as imagens selecionadas previamente, normalmente chamado de *off*;
- g) *Montagem*: neste momento, é importante adequar as imagens e o texto a uma única narrativa. A autora pontua que o bom conhecimento dos programas de edição pelo profissional faz a diferença na hora da montagem da matéria;
- h) *Áudio e Som*: neste momento, o repórter e o editor devem prestar atenção às entrevistas e passagens do repórter para que nenhum som de fundo se sobreponha e atrapalhe no entendimento do conteúdo.

Barbeiro e Lima (2002) esclarecem que nem sempre é necessário que o repórter apareça na reportagem, porque o importante é a notícia. Diferentemente das matérias, em programas mais longos, como é o caso dos debates, os autores destacam que

a edição de um debate deve levar em consideração o princípio e a equidade de conteúdo. Nem sempre dar o mesmo tempo aos debatedores faz justiça com os participantes. É preciso bom senso para equilibrar as sonoras de tal forma que permitam a cada um expor por inteiro seu ponto de vista sobre o assunto em foco (BARBEIRO; LIMA; 2002, p.105).

Após o processo de edição e finalização do material, a reportagem está pronta para ser exibida na televisão. Tema que será aprofundado no próximo subtítulo.

5.2.4 Exibição

Após todas as etapas de produção de conteúdo serem executadas, é hora da exibição do produto final. Curado (2002) define que este é o momento que o programa “decola” (CURADO, 2002, p. 179), mas destaca que ainda há tempo para fazer pequenas alterações no *script*¹⁵. A autora ainda esclarece que “as reportagens completas podem ser vistas antes de serem liberadas para a exibição” (CURADO, 2002, p. 179).

Machado (2009) explica que a transmissão ao vivo é a marca da experiência em televisão, mas complementa afirmando que

nem tudo que vai ao ar é transmitido ao vivo, mas a transmissão direta dá o modelo de produção para toda a programação de televisão. De fato, grande parte da programação televisiva, mesmo aquela que é gravada previamente para posterior emissão, incorpora em sua matéria uma boa parte dos traços da transmissão ao vivo (MACHADO, 2009, p. 126).

O pesquisador explica que mesmo que a transmissão direta seja previsível, a gravação do material armazena as marcas da intervenção do acaso, impossíveis de se encontrar em outros trabalhos. Machado (2009) ainda questiona por que todos os regimes de força, como as ditaduras e corporações militares, temem a transmissão ao vivo, se ela é justamente o avesso da reflexão. O autor também questiona a preferência das emissoras pelo conforto do material gravado.

No momento do programa, segundo Curado (2002), o apresentador é a principal autoridade da equipe, participando de todas as fases da produção do programa. A autora explica que o *âncora* é o profissional que acumula as funções de apresentador e editor-chefe ou editor-executivo e que “[...] é um editor, um produtor, um pauteiro, um apurador e um repórter. As qualidades exigidas de um âncora são

¹⁵ Script: Papel com marcações especiais, em que o jornalista escreve os textos, o mesmo que lauda. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>> Acesso em 21 nov 2019.

muitas; é um profissional raríssimo e, portanto, bastante valorizado em qualquer mercado” (CURADO, 2002, p. 55).

Conforme Barbeiro e Lima (2002), o apresentador não é um artista, e muito menos a notícia, mas sim um profissional que trabalha a favor dela. Os autores esclarecem que o apresentador

não é a estrela do telejornal, mas é o rosto mais conhecido e familiar do telespectador. [...] O âncora é o apresentador que acompanha e participa do processo de confecção do telejornal em todas as suas etapas. Deve acompanhar a evolução das notícias durante todo o dia, estando ou não na redação. É isso que o distingue de quem apenas grava o off e lê o script. Essa participação ativa, em uma ou mais etapas da produção do telejornal, faz com que em muitos casos o âncora seja também o editor-chefe do telejornal (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 78).

Neste sentido, Curado (2002) destaca uma característica importante do apresentador é a voz limpa e saber pronunciar corretamente nomes de lugares e de pessoas, aspectos que demonstram compreensão e conhecimento da notícia.

5.3 JORNALISMO INTERPRETATIVO

A partir do tema desta pesquisa, o presente capítulo abordará o gênero do jornalismo interpretativo, seu conceito, características, produção de conteúdo e prática.

5.3.1 Conceito

O jornalismo interpretativo tem o objetivo de apresentar ao leitor ou espectador os diversos desdobramentos que um fato pode gerar e auxiliá-lo a criar sua própria opinião sobre o tema, segundo o autor Edvaldo Pereira Lima, na obra *Páginas Ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura* (2004). Ele afirma que o jornalismo interpretativo surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 1910, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. O autor pontua que

[...] o volume de notícias que leitor norte-americano é brindado pelos jornais é considerável, mas mesmo assim, é surpreendido com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Descobre-se então que a imprensa estava muito presa aos fatos, aos relatos das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos (LIMA, 2004, p. 19).

Para o pesquisador, essa deficiência fez com que o público esperasse um tratamento diferente da informação. Neste contexto, surgiu a revista *Time*, que buscava conexões entre acontecimentos, de uma maneira que ofereceu ao leitor uma compreensão aprofundada sobre os fatos da realidade. Segundo Lima (2004), com o passar dos anos, se consolidou a prática da grande-reportagem e se fortaleceu o jornalismo interpretativo, como uma forma de expressão desta categoria.

O autor Luiz Beltrão, no livro *Jornalismo Interpretativo* (1980), explica que o jornalismo interpretativo é “[...] um jornalismo de profundidade, com base na investigação [...]. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria, a interprete” (BELTRÃO, 1980, p. 42).

Neste sentido, Lima (2004) esclarece que o jornalismo interpretativo tem como objetivo não deixar a audiência carente de meios para entender seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia e suas consequências no futuro. Esta maneira de fazer jornalismo busca preencher os vazios informativos. No *Jornalismo Interpretativo*, uma característica marcante é o esclarecimento do que está mal explicado em notícias menos aprofundadas.

Alberto Dines (apud Beltrão, 1980) complementa a ideia afirmando que o jornalismo interpretativo se relaciona diretamente com o jornalismo investigativo, uma vez que busca as causas e origens dos fatos, a ligação entre eles e traz uma explicação sobre a ocorrência.

Segundo Beltrão (1980, p. 46), “a interpretação de que se trata é do jornalista, e não do público. O que se oferece a esse público é aquilo que julgamos nós que *necessita saber* e o material informativo deve ser por nós analisado, *como parte de uma opinião jornalística*” (grifo do autor).

Desta forma, o autor explica que o jornalismo interpretativo deve possuir abordagem ampla e de vários ângulos. Beltrão (1980, p. 46) afirma que “o jornalismo

interpretativo é o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julguemos e possamos agir com acerto” (grifo do autor).

O jornalismo interpretativo não deve deixar o público com informações superficiais, sendo seu papel o de dar embasamento para que o espectador crie sua opinião sobre os fatos. Para isso, é importante entender a produção de conteúdo interpretativo, que será conceituada e caracterizada no próximo subtítulo.

5.3.2 Produção de conteúdo

A produção de conteúdo jornalístico interpretativo deve seguir etapas específicas, buscando sempre mostrar a integridade dos fatos, seu histórico e desdobramentos. Lima (2004) cita que são necessários alguns passos para produzir jornalismo interpretativo:

- a) *contexto do fato*: é importante para que o receptor tenha visão clara de tudo que envolve o fato, ainda mais quando se trata de um tema duradouro;
- b) *antecedentes do fato*: importante para resgatar as origens do acontecimento, como a situação chegou até a maneira como se encontra ou a maturação da situação abordada;
- c) *suporte especializado*: o autor sugere que sejam feitas enquetes, pesquisas de opinião ou entrevista com especialistas e testemunhas do assunto que está em questão, para dar respaldo a fim de evitar a informação vazia;
- d) *projeção*: com o objetivo de buscar a compreensão do presente e do passado e os desdobramentos do fato, além das consequências possíveis e o alcance futuro;
- e) *perfil*: o autor descreve esta etapa com o lado da humanização da reportagem, porque o jornalismo se diferencia por ser uma forma de comunicação que se volta ao homem como foco central.

Lima (2004) destaca que estes passos devem ser voltados a uma abordagem multiangular, como também cita Beltrão (1980), que gere uma compreensão da

realidade que não foque apenas na linearidade dos fatos. Outro ponto importante destacado por Lima (2004) é o objetivo da produção de conteúdo focado no jornalismo interpretativo, porque este procura fornecer uma ideia ampla e precisa da realidade do mundo contemporâneo.

No processo de produção, Lima (2004) considera importante pontuar que o jornalista precisa de um maior embasamento sobre o assunto que aborda. A reportagem interpretativa exige uma maior extensão, além do aprofundamento e qualificação das fontes, quando se comparando à notícia no modelo *hard news*. Lima (2004) afirma que a notícia

[...] ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão do exame. Em particular, ganha esse *status* quando incorpora à narrativa elementos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e no espaço, ao estilo do melhor jornalismo interpretativo (LIMA, 2004, p. 24).

Para Sodré e Ferrari, no livro *Generos Periodísticos* (1982), no jornalismo interpretativo as reportagens se apresentam de formas distintas e, portanto, são apontados alguns modelos a serem seguidos:

- a) *A reportagem de fatos ou fact-story*: que consiste no relato objetivo dos acontecimentos e obedece a lógica da pirâmide invertida, onde os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância;
- b) *A reportagem de ação ou action-story*: que cuida do relato de uma maneira mais dinâmica, começando pelo fato mais atraente e seguindo para os detalhes do acontecimento;
- c) *A reportagem documental ou quote-story*: que é um relato acompanhado de citações que complementam e ajudam a esclarecer o assunto abordado, ao mesmo tempo que utiliza dados que conferem fundamentação à notícia.

Desta maneira, o jornalismo interpretativo é um gênero que precisa do trabalho jornalístico para contextualizar, conceituar e explicar ao telespectador ou leitor sobre o fato que tratará, para garantir melhor entendimento.

A prática do Jornalismo Interpretativo requer adaptações às redações, segundo Beltrão (1980). É necessário ampliar os meios de pesquisas, como bibliotecas, arquivos de som e imagem, receber informações de agências nacionais e internacionais, de rádios, televisões e dos mais diversos jornais possível, além da internet. Outra adaptação importante é preparar os profissionais para este tipo de produção jornalística, que segundo Beltrão (1980) requer um trabalho mais complexo de produção.

O autor explica que a primeira etapa para a produção do conteúdo interpretativo é a *identificação do objeto*, ou do fato, que constituirá a informação.

A fonte do objeto sobre o qual vai trabalhar o jornalismo interpretativo é, portanto, encontrada no material fornecido pelo jornalismo informativo [...]. Dir-se-á que os critérios para a identificação da matéria jornalística são os mesmos; contudo, não nos esqueçamos de que, embora uma ocorrência noticiável seja sempre válida como tal, não será aproveitada no jornalismo especializado [...] se não se enquadra em seu campo distintivo (BELTRÃO, 1980, p. 72).

A segunda etapa proposta por Beltrão (1980) é a *documentação da ocorrência*. Altares (1980, apud Beltrão) esclarece que o jornalista deve aprofundar a realidade, levando como base os acontecimentos históricos. Segundo o autor, os fatos não acontecem isoladamente, sem uma explicação histórica.

Esta fase, segundo o autor, é dividida em duas tarefas principais a *decomposição da ocorrência e a investigação dos valores e aspectos essenciais e significativos para a estrutura da informação*. A primeira oferece ao jornalista o caminho para alcançar seu objetivo final, é uma etapa essencial para conhecer melhor as fontes e o conteúdo. Já a *investigação dos valores e aspectos essenciais e significativos para a estrutura da informação* deve ocorrer simultaneamente com o fato que vai produzir a informação. O autor esclarece que “o trabalho investigativo e documental do jornalista sobre cada um dos fatores da ocorrência, visando a preencher os vazios da informação para estruturá-la é [...] tarefa esgotante de detetive” (BELTRÃO, 1980, p. 82).

Após o trabalho de investigação e pesquisa, a equipe possui todos os recursos para elaborar conteúdo jornalístico interpretativo. Beltrão (1980, p. 82) explica que o jornalista “está apto a elaborar a matéria informativa realmente

objetiva, despida, tanto pela exigência técnica do meio quanto pelo reclamo da ética profissional e social”. O autor afirma que o jornalismo interpretativo feito a partir destas etapas e características não violenta ou logra o público.

Portanto, o jornalismo interpretativo deve obedecer às etapas e critérios definidos por Lima (2004) e Beltrão (1980), a fim de levar ao público a informação completa, com uma característica diferente do *hard news*. No jornalismo interpretativo, o público deve entender o início, meio e fim do fato apresentado.

Após o estudo sobre a produção de conteúdo no jornalismo audiovisual e sobre o jornalismo interpretativo, é possível iniciar os estudos acerca do jornalismo internacional, assunto do próximo capítulo.

6 JORNALISMO INTERNACIONAL NA TELEVISÃO

Este capítulo irá tratar sobre o jornalismo internacional, conceitos, características, produção de conteúdo, infraestrutura necessária para produzir conteúdo próprio fora do país e o perfil do jornalista correspondente internacional.

6.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

A editoria Internacional é uma das que possui maior volume de informações no contexto do jornalismo atual, conforme Natali (2004). Afinal, são milhares de notícias vindas dos mais diversos locais do planeta. Segundo o autor, o profissional que atua nesta área tem pouco acesso direto às fontes, quando se compara com as outras editorias no Jornalismo, mas o repórter internacional precisa de qualificação extra. É necessário que domine, no mínimo, uma língua estrangeira e que entenda as complexidades e singularidades da política e economia mundial.

O jornalismo nasceu internacional, é isso que Natali (2004) afirma quando trata sobre a editoria. Ele pontua que esta modalidade começou a existir muito antes do Capitalismo, uma vez que o Mercantilismo já precisava dela.

De acordo com os autores Bruno César Brito Viana e Maria Érica de Oliveira Lima, no artigo *Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional* (2012),

o jornalismo internacional é uma das diversas variações da prática jornalística. Sua especialidade está em cobrir eventos noticiosos em diferentes lugares do globo, para uma população local que não tem acesso físico ou conhecimento geopolítico e cultural, com os fatos ocorridos em um país estrangeiro. A realidade do outro para essa população pode ser acessada através do conteúdo produzido pelo jornalismo internacional (VIANA; LIMA, 2012, p. 2).

Aguiar (2008) ressalta a característica intrínseca da editoria *internacional* de mostrar o diferente, o estrangeiro e a distância do objeto da notícia internacional. O autor destaca que é uma área em que

a construção da notícia recorrentemente é dependente de material fornecido por agentes externos ao veículo, quase sempre estrangeiros – agências de notícias, jornais e TVs europeus e norteamericanos – que não têm preocupação alguma em suplementar o fato, contextualizando a informação para o público brasileiro, ou em criar comparações com a nossa realidade. Este trabalho cabe aos redatores e editores (AGUIAR, 2008, p. 4-5).

Luciane Fassarella Agnez, no artigo *O Jornalismo Internacional entre mudanças e permanências* (2015), afirma que

o jornalismo internacional que desde o século XVII se apresenta como alternativa para se obter informações de outras partes do mundo, contou com a evolução tecnológica para acelerar, facilitar e modificar as formas de circulação das notícias do exterior (AGNEZ, 2015, p. 315).

Desta maneira, é importante entender a estrutura e as rotinas de uma redação no exterior, bem como as demandas destas sucursais e sedes fora do país. Luciana Fassarella Agnez, na tese de doutorado *Identidade profissional do jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais* (2014), explica que os correspondentes internacionais, normalmente, trabalham direto de suas casas ou de escritórios simples. Conforme Eric Hart, coordenador de Conteúdo Internacional do Jornal Nacional, no livro *JN: 50 Anos de Telejornalismo* (2019), algumas emissoras, como a Rede Globo, contam com escritórios em diversas cidades do mundo, como Nova York, Tóquio, Londres, Roma e Paris. Mas, segundo Agnez (2014), esta não é a realidade da maior parte dos veículos de comunicação brasileiros.

A autora Renata Marques Moreira de Castro, na monografia *Jornalismo Internacional: A mudança na editoria Inter nos últimos 50 anos* (2006), explica que as emissoras que mais investem em cobertura internacional são a TV Globo e a Globo News, mas também destaca a Rede Bandeirantes, a Band News, SBT e Rede Record.

6.2 CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS

Para a produção de conteúdo no jornalismo internacional, Viana e Lima (2012) afirmam que a proximidade do profissional ao fato é de suma importância para garantir o enfoque ideal dos conteúdos trabalhados, característica que Aguiar (2008) também destaca. Desta maneira, a alternativa encontrada pelas emissoras é manter escritórios e jornalistas no exterior, os correspondentes. Existem algumas ocasiões em que as emissoras enviam uma equipe apenas para cobrir um determinado fato ou evento, estes são caracterizados como os enviados especiais.

Segundo Denise Fernandes Britto, no artigo *O papel do correspondente internacional na editoria exterior* (2004), o correspondente internacional deve ter especialização ampla, com grande conhecimento sobre uma área específica, como economia, política, diplomacia, entre outros. A autora esclarece que a partir desta especialização tem-se

o jornalismo especializado (em cultura, em política, em economia, etc). A editoria internacional, por sua vez, não é considerada jornalismo especializado, porque se dedica a todas as editorias, em âmbito estrangeiro. Mas por essa abrangência toda é que o correspondente deve ser especializado em tudo, saber lidar com vários tipos de matérias (BRITTO, 2004, p. 2).

A pesquisadora define como correspondente internacional um repórter com residência fixa em outro país, que presta serviços para uma emissora. “Todavia, ele é responsável pela cobertura dos acontecimentos não só no país residente como também em territórios ou nações vizinhas, cuja importância do acontecimento exija a presença e o deslocamento de um repórter” (BRITTO, 2004, p. 3).

Neste sentido, Agnez (2014) define o correspondente como

o profissional que se estabelece em diversas partes do mundo e mantém abastecida a rede de informações formada pelas agências de notícias. Os meios de comunicação de maior porte, especialmente impressos e televisão, quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica, também investem nesta atividade jornalística com profissionais próprios, não dependendo exclusivamente dos conteúdos fornecidos pelas agências (AGNEZ, 2014, p. 108).

Segundo Agnez (2014), na maioria das vezes, é o próprio jornalista que define suas pautas, devendo se basear sempre num conhecimento aprofundado sobre a realidade do local, a fim de conseguir expor os fatos de maneira aprofundada e interessante.

Agnez (2014) ainda destaca que uma das características mais importantes do correspondente internacional é “o amplo repertório cultural que deve conhecer referente ao país que cobre” (p. 110), incluindo conhecimento histórico, geopolítico e fluência no idioma, ou idiomas, da localidade. A pesquisadora esclarece que “apesar de toda essa imersão na cultura e nos hábitos da localidade onde vive, não deve perder o referencial do próprio país e nem mesmo o olhar estrangeiro, capaz de observar os fatos numa perspectiva mais conjuntural e menos interna” (AGNEZ, 2014, p.110). Segundo Britto (2004),

essas noções são importantes em todo o processo jornalístico, desde a apuração até a edição de uma matéria. Um correspondente com conhecimentos sobre aspectos estratégicos de um país pode apurar fatos com mais precisão, pode recorrer a fontes importantes que um apurador, profissional responsável pela apuração, não tendo essas informações, deixe passar ou considere irrelevantes (BRITTO, 2004, p.8).

A autora explica que estes conhecimentos são normalmente adquiridos pela experiência em coberturas internacionais. Britto (2004) ressalta que, apesar de ser necessário conhecer a cultura do país em que reside, o correspondente não deve se “aculturar” (2004, p. 10). Ela esclarece que “por essa razão, as emissoras trocam os correspondentes de um país, evitando, assim, uma intimidade cultural exacerbada, que poderia prejudicar o trabalho jornalístico” (BRITTO, 2004, p. 10).

Entre as características do correspondente internacional, Britto (2004), destaca que a fluência na língua do país em que realiza as coberturas é importante, porque o profissional pode apurar informações, processá-las e construir sua matéria. A autora destaca que, no Brasil, para ser correspondente internacional, as emissoras exigem que o profissional fale pelo menos a língua inglesa.

A autora explica que, em algumas ocasiões, como entrevistas coletivas, há intérpretes para facilitar o entendimento. Porém, a autora esclarece que

no caso do correspondente, ele não contará com intérpretes. A não ser que a língua seja de difícil entendimento no país (ex: um entrevistado húngaro nos Estados Unidos). Mesmo assim, nessa situação, o intérprete fará a versão do húngaro para o inglês. Assim, falar e compreender são essenciais domínios da língua estrangeira. Saber traduzir o que foi dito em uma língua estrangeira para a língua do país que será transmitido – no caso, o Brasil – também é importante. As línguas apresentam diferenças de sentido entre as palavras que, aparentemente, podem ser traduzidas automaticamente. A tradução deve respeitar o sentido que o emissor adotou para que não haja um desvio de informação (BRITTO, 2004, p. 7-8).

De acordo com Britto (2004), uma das funções mais significativas do correspondente internacional é o combate à homogeneização das notícias. Seu papel é de enriquecer as reportagens com fontes diferentes, assuntos inusitados e um viés que não seja o mesmo do visto nas grandes redes. A autora destaca que

o conhecimento de mundo do correspondente pode conferir às reportagens um diferencial, indo de encontro com o processo de homogeneização das informações. O próprio fato de residir no país onde se cobrem os acontecimentos dá ao profissional uma vivência que o permite enxergar com os olhos daquela nação. Assim, as notícias podem ser passadas com mais exatidão, sem os perigosos e prejudiciais desvios culturais (BRITTO, 2004, p. 11-12).

Conforme Agnez (2014), é importante diferenciar o correspondente internacional fixo, que é deslocado para fazer coberturas por um período de tempo mais longo, do enviado especial (*parachute journalist*), que vai para alguma região do mundo cobrir um fato específico. Segundo a autora, esta é uma maneira mais barata para os meios de comunicação estarem presentes nos acontecimentos internacionais.

Os autores Kamila de Lima Braga e Alberto Marques, no artigo *Jornalismo Internacional: Características e Competências para Atuação* (2016, p. 5), explicam que “o enviado especial, ao contrário do correspondente, pode se dedicar a apenas uma matéria, sem necessidade de enviar informações diariamente. Ele fica por menos tempo em um lugar/região e por um tempo determinado”. Normalmente, esse profissional é escolhido baseado no seu conhecimento sobre a pauta ou sobre o local em que ocorre. Os autores também destacam que, geralmente, é um repórter de redação, que nem sempre cobre a editoria Internacional, e que fica no local até que consiga finalizar o trabalho.

Britto (2004) afirma que, no caso dos enviados especiais, o conhecimento linguístico do local onde se realizará a cobertura tem grande importância, uma vez que o local pode possuir uma língua que não é tão comum

pelo menos, para a nossa cultura (que valoriza, notadamente, a aprendizagem das línguas inglesa, espanhola, francesa, italiana e japonesa). Assim, a língua é uma barreira mais para os enviados especiais que se deslocam com mais frequência (sic), do que para os correspondentes internacionais (BRITTO, 2004, p. 8).

De acordo com Satorato (apud BRAGA e MARQUES, 2016, p. 5), “os primeiros correspondentes de guerra internacionais brasileiros foram os repórteres Joel Silveira, do Diários Associados, e Rubem Braga, do Diário Carioca, durante a Segunda Guerra Mundial, no século XX. Ambos foram ao evento para noticiá-lo”.

Existem ainda os *stringuers* e os *freelancers*, que, segundo Braga e Marques (2016), trabalham de forma parecida, mas possuem algumas diferenças. Os *stringuers*, de acordo com os autores, são colaboradores fixos de uma empresa, mas também podem trabalhar para outras, que não possuem contrato formal e são, geralmente, pessoas que moram no exterior. Já os *freelancers* são profissionais que produzem conteúdo para qualquer veículo que quiserem por tempo determinado, sem vínculos fixos, que podem trabalhar para diversos veículos simultaneamente e cobrar por trabalho realizado.

Braga e Marques (2016) explicam que também existe outra modalidade de trabalho para jornalistas no exterior. O *fixer* ou produtor local é o repórter que trabalha para um correspondente internacional ou enviado especial. Normalmente já mora na região em que o veículo fará a cobertura jornalística e auxilia o correspondente ou enviado a se ambientar no país, indica fontes, personagens, a maneira de abordar as pessoas e serve como um guia do local.

Para os autores Braga e Marques (2016), uma característica necessária ao jornalista que vai trabalhar no exterior é ter facilidade com a tecnologia, porque será necessário que ele desempenhe várias funções, como escrever, diagramar, fotografar, publicar matérias em diferentes meios, como impresso, digital, televisão e rádio.

Agnez (2014) pontua que a introdução de novas tecnologias digitais no cotidiano jornalístico traz reflexos diretos na realidade dos correspondentes internacionais. A internet pode aproximar o correspondente dos colegas de redação no país de origem e também aproximá-lo das fontes, mas um desafio, conforme a autora, é manter o profissional conectado por longas horas, estimulando-o a produzir conteúdos para vários tipos de plataformas.

Assim, é importante entender como ocorre o processo de produção de conteúdo pelos correspondentes internacionais. Assunto do próximo subtítulo.

6.3 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Assim como ocorre a produção de conteúdo para notícias nacionais, com a escolha da pauta, escolha de fontes, gravação dos materiais, edição e exibição, no jornalismo internacional a rotina não é diferente. Bistane e Bacellar (2008) afirmam que grande parte das informações recebidas pelas emissoras brasileiras chegam em tempo real e que, a partir disso, é função do jornalista definir se este material será utilizado.

Castro (2006, p. 30) esclarece que “de cerca de 70 despachos e pautas relativos à política internacional enviados pelas agências e correspondentes, somente um é aproveitado”. A autora afirma que todas as notícias mundiais não caberiam no pequeno espaço que a mídia brasileira dedica a este tema e, por isso, o trabalho de seleção do que é ou não notícia é importante. Ela descreve que são adotados alguns critérios, que podem ser questionáveis, para determinar os assuntos que serão notícia, como a importância do país para a geopolítica ou a visibilidade dele em acordos comerciais. A autora explica que “vê-se com maior frequência (sic) na imprensa brasileira reportagens relacionadas aos Estados Unidos ou países da União Europeia, enquanto outros como da América Central, África e, mesmo da América Latina, são negligenciados” (CASTRO, 2006, p. 30).

O autor Antônio Brasil, no texto *Crise na Cobertura Internacional* (2002), explica que a cobertura internacional na televisão brasileira é uma caricatura de

outras épocas. Ele afirma que, em eventos como a Copa do Mundo, o jornalismo internacional é massacrado, porque se confunde com marketing da emissora.

Brasil (2002) esclarece que as notícias internacionais, nos telejornais brasileiros, quase nem existem. Ele afirma que a televisão decidiu que ninguém se interessa pelos fatos que ocorrem fora de seu país, e essa seria uma justificativa para o pouco conteúdo internacional na televisão aberta no país. Natali (2004) justifica que é difícil selecionar o que é ou não notícia e o que tem relevância ou não no país e que, por isso, opta-se pelas notícias do eixo Europa-América do Norte, quando se trata de jornalismo internacional.

Braga e Marques (2016) explicam que as tecnologias, desde o século XX, facilitam o trabalho do correspondente internacional e do enviado especial. Segundo os autores, “a internet permite mais mobilidade ao profissional de comunicação, pois agora ele pode enviar, a qualquer momento, textos, imagens, áudios e vídeos onde quer que esteja” (BRAGA; MARQUES, 2016, p.10). Conforme os autores, a internet permite que o profissional possa buscar informações e dados sem a dependência das agências de notícias. Além disso, também destacam que o advento da internet reduziu os custos da produção de conteúdo internacional.

Com essa facilidade, Braga e Marques (2016) afirmam que a exigência tornou-se maior. Os autores explicam que um exemplo tem “relação ao fuso horário, que é diferente entre o Brasil e a Europa, às vezes um jornal brasileiro precisa noticiar um acontecimento em um certo momento, mas no outro país esse fato ainda não teve resultado, e mesmo assim os jornalistas precisam mandar conteúdo” (BRAGA; MARQUES, 2016, p. 10).

Apesar das facilidades da internet, o trabalho do correspondente internacional tem mais exigências e mais desafios na produção de conteúdo, a rapidez e as diversas plataformas para disponibilizar o conteúdo são realidades a serem enfrentadas.

A compreensão do conceito de jornalismo internacional, o correspondente e o processo de produção de conteúdos internacionais encerra a etapa de revisão bibliográfica dos temas da pesquisa e possibilita o desenvolvimento da análise de conteúdo, que será apresentada no próximo capítulo.

7 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Com base na escolha do *corpus da pesquisa*, na revisão bibliográfica dos temas tratados, na decupagem dos programas e entrevistas realizadas com os jornalistas, será possível fazer a Análise de Conteúdo proposta pelo método de Bardin (2000). O objetivo é responder a questão norteadora do estudo: ‘de que forma o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao *hard news*?’ e confirmar ou não as hipóteses elencadas. Como resultado da codificação, foram definidas três grandes categorias: *Produto Audiovisual*, *Jornalismo Internacional* e *Jornalismo Interpretativo*.

7.1 PRODUTO AUDIOVISUAL

O programa Globo News Internacional tem como uma de suas principais características a dinâmica na forma de apresentar os conteúdos voltados a assuntos internacionais. Definir o programa em apenas um gênero é difícil, porque ele possui características que misturam debate, entrevista e mesa-redonda, conforme tratado no capítulo quatro, que se adaptam de acordo com o tema abordado no Globo News Internacional, o que revela um formato híbrido, conforme Machado (2009). Esta característica pode ser percebida nos quatro episódios escolhidos pela pesquisadora.

Em entrevista concedida à pesquisadora, o apresentador do Globo News Internacional, Marcelo Lins (2019), classifica o programa como uma conversa sobre os temas e personagens mais relevantes da semana ao redor do mundo. Segundo ele, isso deixa aberta a possibilidade de um programa temático. Ele também não exclui a alternativa de ser uma espécie de revista, juntando vários temas, como pode ser percebido no episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita*, que conta com a participação de plateia, e no programa *A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo*, que no primeiro bloco trata sobre um assunto mais denso, que é o conservadorismo na política internacional e, no segundo bloco, traz curiosidades da Páscoa.

Para o correspondente Ariel Palacios (2019), em entrevista à pesquisadora, o Globo News Internacional é um programa de análise da política internacional, dos fatos que ocorreram naquela semana da emissão, ou do que está acontecendo, ou está para acontecer nos dias seguintes, como por exemplo, eleições em algum país. Palacios (2019) destaca que não chega a ser um programa de debate, porque o tempo de duração é muito curto, característica que compromete em partes a proposta do programa, de aprofundamento da informação, porque necessitaria de mais tempo. Complementando a opinião de Ariel, o jornalista André Fran (2019), também em entrevista concedida à pesquisadora, afirma que o Globo News Internacional tem um formato bem definido, que ele considera como uma mesa de comentaristas, contando com o apresentador Marcelo Lins e comentaristas que se revezam e falam sobre temas de política internacional, com entradas de outros jornalistas correspondentes pelo mundo. E isso demonstra o hibridismo no Globo News Internacional, já que os próprios participantes não tem uma única opinião sobre o formato do programa.

Sobre esse tema, Machado (2009), Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro (2015) reforçam, no capítulo quatro desta monografia, o conceito de hibridismo e sua relação com os gêneros e formatos de conteúdo audiovisual, determinando que um gênero híbrido é aquele que mistura dois ou mais já existentes, formando um novo e que essa é uma realidade da televisão moderna. Essa é uma característica perceptível no Globo News Internacional, já que o formato do programa se adapta aos temas, priorizando o conteúdo em detrimento do formato.

No capítulo quatro desta pesquisa, Souza (2004) explica que é importante definir o gênero de um programa porque ele indica a forma do conteúdo. Normalmente, existem similaridades entre programas do mesmo gênero que podem ser percebidas pelo espectador. Desta forma, considerando a evolução tecnológica da televisão, o hibridismo entre os gêneros e formatos é uma realidade na televisão brasileira, como pode ser percebido no programa analisado, onde quem proporciona o hibridismo é o tema abordado. Mesmo que o programa tenha um perfil base, ele se adapta conforme a pauta. E isso não provoca a perda da essência do Globo News Internacional, que é de uma conversa irreverente entre os participantes.

No primeiro episódio escolhido, *As Mulheres na Política* (Globo News Internacional, 2019), o bate-papo conta com a participação de dois correspondentes internacionais, Guga Chacra, em Nova York, Raquel Krähenbühl, em Washington, e a convidada e coordenadora de Conteúdo Internacional da Globo News, Marita Graça, no estúdio. Neste caso, as duas participantes foram convidadas por se tratar de um programa temático sobre a participação feminina na política mundial. O tema permite que ocorra mais uma participação de correspondente internacional, já que além de tratar sobre política americana os participantes comentam a política europeia. Então entra a participação de Cecília Malan, direto de Londres, para introduzir o assunto do *Brexit*. Segundo Marcelo Lins (2019), em entrevista concedida à pesquisadora, o programa conta sempre com participantes especializados, com a colaboração dos correspondentes, com a presença eventual de convidados e com recursos gráficos e de imagens.

Figura 1 – Programa Globo News Internacional: As Mulheres na Política



Fonte: Globo News Internacional, 2019

O formato pensado para tratar sobre o assunto das mulheres na política foi importante e democrático, levando em consideração a densidade do tema e a variedade de olhares sobre ele. A participação dos correspondentes internacionais

especialistas em política é um grande diferencial, porque eles não só comentam o que está acontecendo, mas também analisam de que maneira o cenário norte-americano e europeu pode mudar. Um exemplo disso é a fala da correspondente *Raquel Krähenbühl*:

RK: [...] a gente percebe que as mulheres, realmente, elas têm, especialmente nesse ano, quando os Democratas retomaram o poder da Câmara com a maioria ali e com muitas mulheres e elas têm sido os destaques esse ano aqui nas manchetes dos Estados Unidos, têm avançado, têm conseguido colocar em pauta muitos assuntos muito polêmicos que não chegavam ao plenário ali da Câmara, como questões de armas, também questões do aborto. [...] mas é interessante a gente notar também, Marcelo, que a Nancy Pelosi é a presidente da Câmara, a única mulher que foi presidente da Câmara, ela tá no Congresso desde 1987, desde dois anos antes do nascimento da Alexandria Ocasio-Cortez, então há uma grande diferença também dessa nova geração que chega pra geração de mulheres que têm dominado aqui a cena política de Washington. Então, a Nancy Pelosi, eu considero ela a mulher mais poderosa de Washington nesse século e há uma diversidade não só de geração, mas também de ideologia dessas mulheres que tão chegando hoje e das que já estão em Washington há bastante tempo, há mais de trinta anos (Globo News Internacional – As Mulheres na Política – 2019).

Outro aspecto interessante neste episódio é a troca de posição do correspondente Ariel Palacios, que, normalmente, ocupa o local de comentarista, mas, nesta ocasião, aparece como repórter, fazendo uma matéria que apresenta ao espectador mais dados sobre a participação feminina nos parlamentos mundiais. No capítulo quatro, Souza (2004) explicou que a inclusão de reportagens para ilustrar ou contextualizar o assunto em programas de debates e mesas-redondas é uma característica que enriquece o conteúdo.

Figura 2 – Boletim de Ariel Palacios



Fonte: Globo News Internacional, 2019

No segundo episódio escolhido, *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* (Globo News Internacional, 2019), o formato do programa também se adapta ao conteúdo. Além da participação do enviado especial André Fran, que produziu outro programa na Arábia Saudita, também há plateia, com estudantes de Relações Internacionais de duas universidades do Rio de Janeiro. Durante o programa, são apresentadas pequenas matérias feitas pelo jornalista André Fran para o programa “Que Mundo É Esse?”, da Globo News, mas que ajudam o espectador a entender melhor o tema tratado. É possível afirmar que este episódio assume um pouco o perfil de talk show, conforme citado no capítulo quatro, por que tem plateia, mesmo que a mesma tenha sido pouco explorada. A plateia especializada, composta por estudantes da área em que o programa é focado, poderia ter maior participação com mais do que apenas uma pergunta, como foi o caso. Como é possível perceber na figura 3, o público era grande, podendo ser melhor aproveitado e o formato do programa melhor adaptado à situação. O tempo do programa é curto para a abordagem que se quer ter e a interação com a plateia poderia ter sido uma alternativa para ampliar a discussão dos temas de uma maneira de mais fácil entendimento para o espectador.

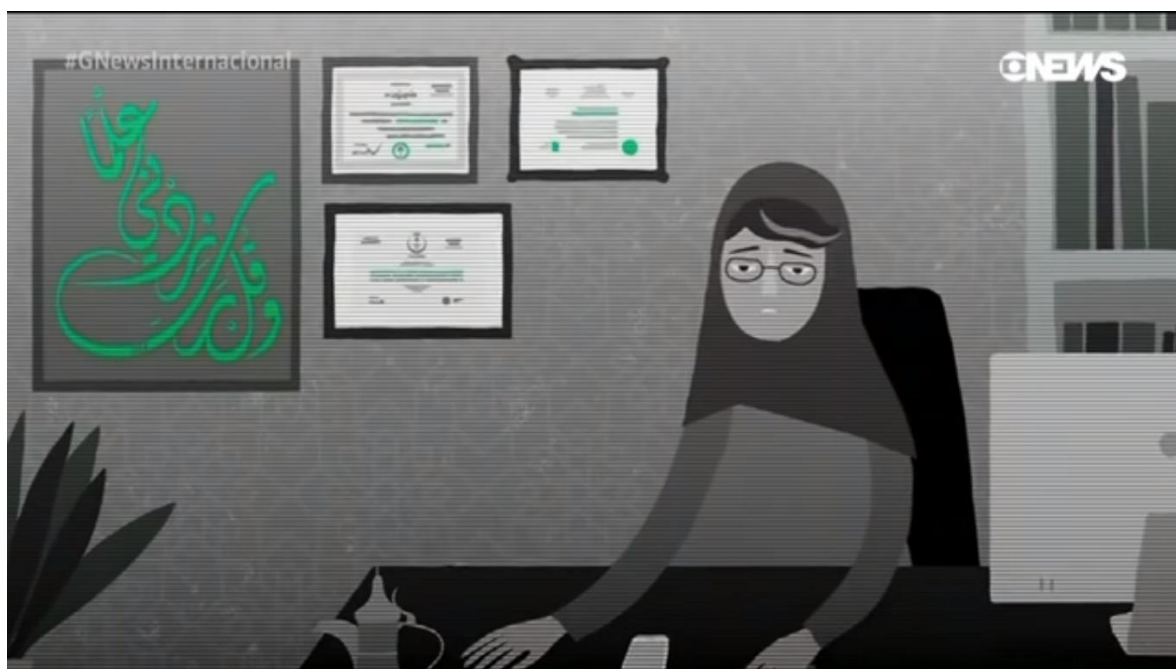
Figura 3 – Programa: Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita



Fonte: Globo News Internacional, 2019

O assunto escolhido abriu a possibilidade de agregar conteúdo de outro programa da emissora, produzido e apresentado por um dos comentaristas convidados, o jornalista André Fran. Em entrevista à pesquisadora, Fran (2019) explica que o conteúdo foi aproveitado para fazer um *cross*, que é misturar dois programas. Segundo ele, este tipo de interação entre os programas é interessante na perspectiva de mostrar de formas e abordagens diferentes o mesmo tema. Neste sentido, também é importante destacar que os conteúdos do “Que Mundo É Esse?” que são exibidos neste episódio mudam um pouco a dinâmica do programa, que, normalmente, não conta com reportagem própria e se utiliza de imagens para abordar e contextualizar os assuntos. As reportagens produzidas por André Fran são sempre em *off*, que é coberto por imagens do país, ou então animações gráficas, como é o caso do exemplo da figura 4.

Figura 4 – Reportagem de André Fran



Fonte: Globo News Internacional, 2019

No terceiro episódio escolhido, *A Importância da Ajuda Humanitária* (Globo News Internacional, 2019), além dos participantes fixos do programa, uma entrevistada especial, representando a ONG Médicos Sem Fronteiras, participa do bate-papo. O enviado especial em Moçambique, Vinícius Assis, também contribui por meio de uma reportagem, para mostrar ao espectador a situação real do país após um desastre natural. Ariel Palacios (2019), em entrevista à pesquisadora, explica que, em algumas ocasiões, convidados participam da dinâmica do programa, mas que não classifica esta participação como uma entrevista, porque eles também fazem análises, como é o caso deste episódio, onde a convidada, além de falar sobre o trabalho da ONG, também comenta sobre conflitos que afetam as áreas atendidas pelos Médicos Sem Fronteiras e explica algumas causas e desdobramentos deles.

Figura 5 – Globo News Internacional: A Importância da Ajuda Humanitária



Fonte: Globo News Internacional, 2019

Marcelo Lins (2019), em entrevista à pesquisadora, destaca a utilização de reportagens para ilustrar o contexto debatido, como é possível perceber neste episódio. A importância deste tipo de conteúdo foi explicada por Souza (2004) no capítulo quatro, quando afirma que as reportagens podem ajudar na contextualização do assunto tratado. No caso desta edição, a reportagem do enviado especial Vinícius Assis traz dados e imagens sobre Moçambique, país atingido pelo ciclone *Idai*, proporcionando mais recursos ao espectador para entender o assunto que está sendo debatido no programa.

Figura 6 – Reportagem de Vinícius Assis



Fonte: Globo News Internacional, 2019

No episódio *A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo* (Globo News Internacional, 2019) são utilizados infográficos para auxiliar no entendimento do assunto tratado. No momento em que eles são apresentados no Globo News Internacional percebe-se que o objetivo principal é de contextualizar o tema para o público. Conforme citou Lins (2019), em entrevista, este é um aspecto importante no programa para ampliar o compreensão do espectador. No início do episódio, o apresentador dá um panorama geral de países europeus que possuem presidentes e parlamentos conservadores. Por se tratar de um continente que pode não ser tão conhecido pelo público do programa, foi utilizado um mapa, onde, conforme citado, o território do país aparecia na cor vermelha, como mostra a figura 7.

Figura 7 – Globo News Internacional: A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo



Fonte: Globo News Internacional, 2019

Dos quatro episódios escolhidos pela pesquisadora, três apresentam infográficos como um diferencial de conteúdo. Normalmente, eles são utilizados para apresentar uma figura importante que é citada, como no episódio *A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo* (Globo News Internacional, 2019), quando o candidato à presidência da Espanha, Santiago Abascal, é citado, ou então para que o espectador entenda um contexto distante de sua realidade, como é o caso do episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* (Globo News Internacional, 2019), onde um infográfico com um mapa de países que fazem fronteira com a Arábia Saudita aparece, num contexto onde os jornalistas estão falando sobre conflitos do país.

No segundo bloco do episódio *A Onda de Extrema-Direita que Avança Pelo Mundo* (Globo News Internacional, 2019), um quadro diferente, chamado Papo de Boteco, muda a dinâmica e o assunto do programa. É importante ressaltar que não há padrão e este quadro aparece sem periodicidade. É possível perceber que quando o programa volta do intervalo e este quadro se inicia, o assunto, que antes

era sobre política internacional e que renderia por mais tempo, muda para curiosidades sobre a Páscoa. O assunto torna o programa um pouco mais leve, porém, faz com que perca qualidade, na perspectiva do aprofundamento da informação, já que o assunto do segundo bloco pode ser considerado um pouco irrelevante, quando se compara com o primeiro. Mesmo que sejam informações interessantes sobre o contexto da Páscoa, nada tem ligação com a onda de Extrema-Direita que foi abordada no primeiro bloco.

Figura 8 – Papo de Boteco



Fonte: Globo News Internacional, 2019

Esses exemplos reforçam a presença do hibridismo nos programas escolhidos. No sentido de definir o gênero de um programa é importante perceber as características mais marcantes dele. Apesar de possuir um caráter híbrido, o Globo News Internacional mistura alguns formatos que foram estudados no capítulo quatro, como Debate, Entrevista e Mesa-Redonda. A Mesa-Redonda, segundo Ferraretto (2001), pode ser painel ou debate. No Globo News Internacional, nos quatro episódios escolhidos, as características do painel, podem ser percebidas, já que os comentaristas e apresentador raramente divergem de opinião, mas sim, buscam

complementar a fala do outro com o objetivo de trazer ao público um entendimento mais aprofundado sobre os temas.

Para que o conteúdo possa ser aprofundado, como é o objetivo do programa, o processo de produção é uma etapa muito importante. Começando pela escolha da pauta, que, segundo Curado (2002), no capítulo cinco, é o que dá a partida na reportagem, ou, neste caso, ao bate-papo do programa. No mesmo capítulo, Barbeiro e Lima (2002) afirmam que a pauta para um programa de televisão tem importância maior, quando se compara com outros veículos, porque exige maior atenção aos detalhes.

Neste contexto, Marcelo Lins (2019) afirma que

mais do que produção, exige que a equipe pense mais em formas menos corriqueiras de abordar os mesmos temas já noticiados. A não ser quando pensamos em um programa temático, o que é mais raro, todos ficamos atentos ao noticiário e, na quarta-feira, batemos o martelo sobre os temas que serão abordados, os colaboradores que participarão naquela semana, o que vamos ter em forma de VT, o que será mostrado como gráfico, se teremos entrevistas e por aí vamos definindo (LINS, 2019).

O jornalista André Fran (2019) explica que fica sabendo dos temas que a produção, diretor e produção da Globo News preparou, que pode ser um tema ou uma lista de temas, mais ou menos um dia antes da gravação. O que pode ser um risco para a boa contextualização dos assuntos do programa. Fran (2019) esclarece que os prazos são curtos porque o objetivo é que o programa não fique ultrapassado. “Os temas não são decididos com tanta antecedência e aí a gente mais comenta baseado na nossa experiência pessoal, nos assuntos que a gente já está lendo, pesquisando e tendo contato no dia-a-dia” (FRAN, 2019).

Ariel Palacios (2019), em entrevista à pesquisadora, explicou que as pautas chegam ao seu conhecimento com um ou dois dias antes da gravação. Ele justifica que o pouco tempo de antecedência com que fica sabendo da pauta ocorre porque as notícias mudam muito rápido e que se a pauta for decidida muito tempo antes pode ficar ultrapassada. Palacios (2019) complementa:

é difícil prever com tanta antecedência alguma coisa. A gente pode ter certeza que, por exemplo, numa semana nós vamos falar sobre ‘X’ assunto,

mas, às vezes, a gente não tem uma ideia. Digamos, a gente sabe que vai falar sobre Rússia, por algum motivo específico, mas o detalhe do que a gente vai falar, por exemplo, a relação Rússia e Estados Unidos, mas como as coisas vão mudando e se atualizando ao longo dos dias, tem detalhes, há certas nuances, há certos assuntos, que são definidos mais em cima da hora (PALACIOS, 2019).

Apesar de as pautas chegarem com pouca antecedência aos participantes do programa, isso mostra que são profissionais diferenciados com especialização na área de política internacional, porque conseguem fazer análises e contextualizações qualificadas sobre os temas, mesmo sem material de apoio e tempo hábil para fazer pesquisas mais extensas sobre o assunto. Neste contexto, Lima (2004), no capítulo cinco, explica que o jornalista que trabalha com conteúdo interpretativo precisa ter um maior embasamento sobre o assunto que abordará, porque uma reportagem ou um programa interpretativo exige extensão, aprofundamento e qualificação das fontes, quando se compara com uma matéria veiculada no *hard news*. Assim, pode-se perceber que a participação fixa dos correspondentes Guga Chacra e Ariel Palacios, que são especializados em Relações Internacionais e que possuem experiência fora do país, não é um mero acaso. Os dois possuem o que Lima (2004) afirma ser necessário para se obter êxito na produção de conteúdo interpretativo. O apresentador, Marcelo Lins, que também tem vasta experiência internacional, tendo atuado como correspondente por anos, e os comentaristas que se revezam entre jornalistas enviados-especiais e professores especialistas na área de Relações Internacionais, mostram a qualidade profissional que possuem. No episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita (Globo News Internacional, 2019)*, uma situação que comprova essa situação é a fala de Ariel Palacios:

AP: Ali dentro do contexto do Oriente Médio, a gente vê o tamanho da Arábia Saudita e é uma potência econômica, então, como está ali no documentário do Fran, já estão pensando em como ir se desvinculando gradualmente do petróleo e se sustentar de outras formas quando o petróleo não puder mais sustentar o país, quando o petróleo não for mais importante ou quando as reservas acabarem. Já estão pensando inclusive no futuro, e tem o vínculo com os Estados Unidos, um vínculo que vem desde quarenta e cinco. O Roosevelt, em seus últimos anos de vida, se encontrou com o rei saudita e desde então os dois países são aliados. Então, é um dos casos de ditaduras das quais, no entanto, apesar do discurso democrático, os Estados Unidos tem uma fortíssima aliança (Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita - Globo News Internacional - 2019).

Apesar de o Globo News Internacional possuir a característica interpretativa, seu núcleo de produção é pequeno. Segundo Marcelo Lins (2019), são apenas três pessoas para desencadear o processo todo, sendo um apresentador e editor, um editor executivo e um editor de texto especializado em notícias internacionais. Ele explica que, apesar de serem poucas pessoas para produzir o programa, conta com auxílio e colaboração da coordenação de conteúdo internacional do canal, viabilizando a escalação dos correspondentes e profissionais de apoio em outras localidades, como Nova York, São Paulo e onde for necessário. Lins (2019) explica que a estes profissionais

se juntam, ainda na fase de pré-produção, dois editores de imagens, em turnos divididos em dois ou três dias, e o apoio do Acervo (para imagens de arquivo) e de profissionais especializados em trilhas, para eventuais músicas. Na gravação, contamos com o pessoal do estúdio (cinégrafistas, iluminador, técnico de áudio) e do switcher, que coordena os trabalhos (diretor de TV, técnico de áudio, produtor, coordenador, técnico em videografismo, assistente). Gravado o programa, um editor de texto e um editor de imagem se juntam para o processo de finalização (LINS, 2019).

Marcelo Lins (2019) explica que o programa costuma ser gravado como se fosse ao vivo e que isso facilita o processo de edição e finalização, já que são necessários apenas cortes para adequar o tempo e ilustrações com imagens ou recursos gráficos para cobrir a fala dos participantes. No capítulo quatro, Barbosa Filho (2009) afirma que o ideal é que programas com a característica do Globo News Internacional sejam feitos ao vivo, ou pelo menos pareçam, para garantir a credibilidade junto ao público. Afinal, cortes mal feitos podem tornar a conversa artificial e o público pode duvidar sobre a veracidade das declarações dos participantes.

Mesmo que o Globo News Internacional tenha a aparência de ser ao vivo, algo importante a ser destacado é a falta de interação com o público, tanto no episódio com plateia quanto nos que não a possuem. As redes sociais são uma realidade a ser levada em conta num programa que busca esclarecer questões tão complexas sobre política internacional como este. O aprofundamento da informação no Globo News Internacional poderia ser maior caso o público pudesse enviar suas dúvidas ou até mesmo comentários sobre os assuntos tratados, que são,

normalmente, notícias internacionais que foram pauta nos telejornais e programas no *hard news* da Globo News.

Após a análise da categoria *Produto Audiovisual*, o próximo subtítulo irá detalhar o conteúdo a partir do *Jornalismo Internacional*.

7.2 JORNALISMO INTERNACIONAL

A editoria internacional reúne notícias de todos os cantos do mundo e de todos os assuntos. É difícil para um veículo de comunicação destacar tudo que é importante e que ocorre todos os dias no planeta. No capítulo seis deste estudo, definiu-se, a partir de Viana e Brito (2012), o jornalismo internacional como uma especialidade em cobrir eventos estrangeiros para uma parte da população que não tem acesso físico ou conhecimento geopolítico sobre estes fatos. No jornalismo internacional a realidade de outros países é transmitida, através de conteúdo produzido por enviados especiais e correspondentes.

No Globo News Internacional, como o nome já explica, a totalidade dos conteúdos são voltados às notícias internacionais, sempre com o objetivo de ampliar os fatos que foram noticiados no *hard news* da emissora. Ariel Palacios (2019) explica que as análises feitas pelos participantes do programa são pensadas para o grande público. Ele afirma que

não estamos explicando para outro analista ou para outro especialista [...]. No programa, em outros jornais, num jornal impresso, num programa de rádio, a gente sempre está explicando para outras pessoas. Por exemplo, se eu falo sobre o peronismo, eu tenho que explicar o que é esse movimento político para o ouvinte ou para o leitor entender do que se trata. Sempre no jornalismo é necessário explicar para o grande público, a não ser que seja uma publicação especializada (PALACIOS, 2019).

Essa característica trazida por Palacios (2019) é parcialmente observada no programa, porque, em algumas ocasiões, a linguagem utilizada para contextualizar os temas, como no episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita (Globo News Internacional, 2019)*, não é de domínio do grande público e pode comprometer a compreensão sobre o conteúdo. Porém, há outras ocasiões em que os

participantes tentam fazer comparações com situações mais conhecidas pelo público brasileiro, como foi o caso no episódio *A Onda da Extrema-Direita que Avança pelo Mundo* (*Globo News Internacional, 2019*), onde o comentarista Daniel Wiedemann compara as falas de Santiago Abascal, candidato à presidência na Espanha, com o discurso de Donald Trump, uma figura que, apesar de estrangeira, é mais conhecida pelo espectador brasileiro e tem grande destaque nos telejornais do país.

Ainda neste contexto, Marcelo Lins (2019) define que o *Globo News Internacional* se diferencia de outros com a mesma temática pela informalidade na abordagem dos temas, sempre com preocupação no entendimento do espectador. Ele explica que, sempre que possível, os comentaristas relacionam os fatos que acontecem no mundo a algo que ocorre no Brasil, assim, fica mais fácil para o público entender o que está sendo dito. Estas características podem ser percebidas nas falas do apresentador do programa quando introduz os assuntos que serão tratados naquela edição. Ele dá um contexto mais generalizado sobre o tema e deixa a discussão em aberto para que os comentaristas especializados façam suas considerações. André Fran (2019) explica que os conteúdos tratados pelos comentaristas são relacionados “ao seu histórico profissional, algo que eu já fiz, um país onde eu já estive, uma causa que eu já reporte, enriquece mais ainda no meu caso específico”.

No programa *As Mulheres na Política* (*Globo News Internacional, 2019*), Marcelo Lins apresenta uma das personagens que serão tratadas durante os vinte e cinco minutos de bate-papo. Na sua fala, apresenta a deputada americana Alexandria Ocasio-Cortez logo antes da exibição de um vídeo dela num pronunciamento na Câmara americana.

ML: Olha quem são as mulheres fortes na política americana hoje. Nancy Pelosi, presidente da Câmara, a Elizabeth Warren, senadora democrata referência, a Kamala Harris, da nova onda, uma senadora que aparece muito forte no partido Democrata e a figuraça Alexandria Ocasio-Cortez, a jovem deputada de 29 anos de posições muito assertivas, né? Filha de mãe porto-riquenha, ela faz parte de uma ala mais à esquerda, dentro do partido Democrata e promete ser a cara de uma nova América. Vamos dar uma olhada no que pensa Alexandria Ocasio-Cortez (*Globo News Internacional – As Mulheres na Política – 2019*).

No mesmo episódio, a participação da correspondente em Londres, Cecília Malan, agrega na questão do jornalismo internacional. Ela traz uma abordagem mais direta e que contextualiza o público sobre o *Brexit* e a primeira-ministra britânica Theresa May:

CM: É comum ouvir por aqui que Theresa May tem um dos piores empregos do mundo. Ela herdou o cargo e, com ele, o maior desafio político da história britânica moderna: desfazer uma união de 46 anos e concluir o divórcio do Reino Unido com a União Europeia. Isso porque o primeiro ministro que inventou o *Brexit*, David Cameron, abandonou o barco. A missão cabeluda foi dada por 52% dos britânicos que votaram no plebiscito de 2016. Uma vitória apertada, que muita gente argumenta foi baseada em promessas impossíveis, fantasiosas mesmo. Mas Theresa May assumiu a missão com unhas, dentes e apesar de ter feito campanha pra ficar no bloco europeu, com total convicção de respeitar a democracia. [...] Ao fim de dois anos de negociações com os europeus, a primeira-ministra apresentou os termos do divórcio dizendo que era o melhor acordo possível, mas o plano sofreu a maior derrota da história no parlamento. Uma humilhação que já teria feito muito primeiro-ministro entregar o cargo, mas não Theresa May (Globo News Internacional – As Mulheres na Política – 2019).

Agnez (2014), no capítulo seis, esclarece que uma qualificação importante ao correspondente é um amplo repertório cultural sobre o país que cobre, incluindo a história do local, mas que é imprescindível que o jornalista não perca a essência de seu país de origem. A fala da autora pode ser relacionada ao que Marcelo Lins (2019) fala sobre o Globo News Internacional, já que há uma preocupação com que o público brasileiro entenda os contextos citados no programa. Neste sentido, Britto (2004), também no capítulo seis, explica que uma preocupação do profissional que trabalha como jornalista no exterior é não adquirir características culturais da região, já que o objetivo de um correspondente ou enviado especial é sempre gerar conteúdo para o seu país de origem. E esse é um aspecto muito relevante para a produção de conteúdos que facilitem a compreensão do público para quem se está falando. Adquirir características e apreço pelo país que cobre pode conferir às matérias do jornalista uma característica que dificulta a contextualização para o espectador brasileiro.

Outro aspecto importante é a diferença entre a abordagem dos conteúdos pelos participantes do Globo News Internacional. Os correspondentes internacionais que fazem parte do bate-papo normalmente explicam com maior amplitude os fatos tratados. No capítulo seis deste estudo, Britto (2004) define que uma das funções

mais significativas do correspondente internacional é o combate à homogeneização das notícias, sendo seu papel o de enriquecer as reportagens ou programas com fontes diferentes, assuntos inusitados e um viés diferente do visto no *hard news*. A autora também ressalta a importância de o correspondente internacional possuir especialização ampla em alguma área específica, como economia, política e diplomacia. Essa especialização do profissional confere ao conteúdo um caráter diferenciado, que não chega a ser considerado jornalismo especializado, mas auxilia numa abordagem diferente em vários tipos de pautas.

Este aspecto pode ser percebido no episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* (*Globo News Internacional*, 2019), onde Guga Chacra, mestre em Relações Internacionais com enfoque no Oriente Médio, traz uma abordagem diferenciada ao tratar sobre a situação do príncipe da Arábia Saudita, contextualizando a situação a fim de que o espectador entenda mais sobre o grande tema:

GC: Ele leva adiante uma sangrenta guerra, onde ele comete atrocidades e crimes de guerra no Iêmen. Ele sequestrou o primeiro-ministro do Líbano, Saad Hariri, ele prendeu uma série de pessoas como o Fran já falou, alegando que era pra combater corrupção, mas, na verdade, muitos deles eram rivais políticos da linha de sucessão do antigo rei, do rei Abudullah. Ele ordenou o assassinato do Jamal Khashoggi, jornalista dissidente saudita e colunista do *Washington Post* no consulado da Arábia Saudita em Istanbul. Isso, segundo o Serviço de Inteligência dos Estados Unidos. E, além disso, ele apoia grupos de radistas anti-Assad na Síria. Continua difundindo a ideologia Al-Rabita. Embora tenha dado algumas liberdades pras mulheres na Arábia Saudita, ele prende uma série de mulheres defensoras dos direitos humanos, inclusive dos direitos das mulheres, como a Samar Badawi, que foi muito premiada nos Estados Unidos e está presa. Quer dizer, ele mantém um regime ditatorial dentro da Arábia Saudita (*Globo News Internacional – Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita – 2019*).

Porém, mesmo que os jornalistas do *Globo News Internacional* sejam especialistas em política internacional, nem sempre a linguagem que utilizam é a mais adequada. Na fala de Guga Chacra citada anteriormente, podem ser percebidos diversos termos que são próprios da cultura saudita e em nenhum momento são explicados ao público, contrariando o que os três jornalistas, Ariel Palacios, André Fran e Marcelo Lins declararam à pesquisadora nas entrevistas concedidas. Talvez por estarem inseridos nesses universos, os jornalistas não

perceberem a necessidade de uma melhor contextualização. Como foi citado no capítulo seis, é ruim que o profissional esteja tão dentro da cultura do local que cobre, ou neste caso, que é especialista, e não perceba a necessidade de explicar melhor. Todo esse conhecimento pode, às vezes, provocar ruídos de comunicação. Outro ponto importante a ser destacado é o tempo de duração do programa, porque um programa de vinte minutos para abordar temas tão densos pode falhar na contextualização, como ocorre em algumas situações do Globo News Internacional.

Assim, se faz necessária a utilização da abordagem interpretativa para tratar sobre assuntos de política internacional, que, apesar de distantes da realidade do Brasil, interessam a uma parte segmentada do público da Globo News. Neste sentido, a próxima categoria desta análise será o *Jornalismo Interpretativo* no programa Globo News Internacional.

7.3 JORNALISMO INTERPRETATIVO

O Jornalismo Interpretativo tem como objetivo apresentar ao público os diversos desdobramentos que um fato pode gerar e auxiliá-lo a criar sua própria opinião sobre o tema. No capítulo cinco deste estudo, Beltrão (1980) define que o Jornalismo Interpretativo é uma produção com maior profundidade, que se baseia na investigação dos fatos. Ele deve oferecer ao receptor todos os elementos da realidade, para que seja interpretado posteriormente.

Este tipo de jornalismo não pode deixar a audiência carente de informações para entender seu tempo, as causas e motivos dos acontecimentos que presenciam e as consequências disso no futuro, conforme explicado por Lima (2004) no capítulo cinco. Uma característica marcante é o esclarecimento do que está mal explicado em notícias menos aprofundadas, que normalmente são veiculadas no *hard news*, onde a característica é de menor aprofundamento da informação.

Para o correspondente Ariel Palacios (2019), existe, por um lado, o modelo *hard news*, e por outro lado um modelo de análise tentando aprofundar os temas tratados nos jornais. Na visão dele, o Globo News Internacional é um complemento necessário ao *hard news* da emissora. Marcelo Lins (2019) também considera o

programa como um complemento ao *hard news*, que é sempre marcado pelo imediatismo. Segundo Palacios (2019), o Globo News Internacional funciona quando os participantes conseguem contextualizar a notícia e mostrar outras facetas para além da mais óbvia, chamar a atenção para algum personagem, retomar o fio histórico de um fato e localizá-lo no mundo e em relação ao Brasil. Ainda neste contexto, André Fran (2019) afirma que esta característica é um dos grandes diferenciais e atrativos do programa.

É você poder, num programa semanal, apesar da curta duração, se aprofundar mais em um dos temas que está sendo debatido no dia a dia, que está sendo mostrado no dia a dia, você poder ter a possibilidade de se aprofundar, entender um pouco mais sobre ele, trazendo pessoas que estão acompanhando mais de perto ou um especialista naquele tema específico (FRAN, 2019).

Essa característica pode ser percebida no programa *A Importância da Ajuda Humanitária (Globo News Internacional, 2019)*, quando o assunto que está sendo debatido é o ciclone que atingiu Moçambique, mas a abordagem trazida pelo jornalista Ariel Palacios dá ao espectador mais conteúdo para entender a situação do local.

Ariel Palacios (AP): O fato que Moçambique é um país muito sofrido. Ele sofreu a uma guerra civil e começou logo depois a independência... Uma guerra civil que começou em 1977 e foi até 1992, ou seja, um saldo de 900 mil mortos em combate ou por fome. E, além disso, é uma guerra civil que gerou cinco milhões de pessoas refugiadas internas, que tiveram que se deslocar de suas aldeias e de suas cidades, então o país com um elevado sofrimento, um país que, na década passada, conseguiu eliminar a totalidade, mais de 100 mil minas explosivas, que havia gente caminhando pelas ruas de Moçambique, a gente pode ver muitas pessoas, especialmente acima de trinta, sempre pessoas com quarenta ou cinquenta anos de idade, que não tem as pernas, ou que não tem um braço, porque perderam neste tipo de explosões (Globo News Internacional – A Importância da Ajuda Humanitária – 2019).

No mesmo episódio participa como convidada especial a representante do Médicos sem Fronteiras, Carolina Batista, que também contextualizou toda a realidade de atuação da ONG e percepção dos locais onde a entidade atua. Apesar de não ser especialista em Relações Internacionais, como é o caso da maior parte dos convidados do programa, fez uma análise baseada na vivência que possui e

contextualizou o assunto de uma maneira simples, que é facilmente entendida pelo público em geral, não apenas um público seletivo e especializado.

CB: [...] o MSF já atua há mais de uma década em Moçambique oferecendo tratamento pra HIV e pacientes com HIV e AIDS avançados, né. Moçambique é um dos países com a maior prevalência do mundo, né, 13% da população de 15 a 49 anos tem a doença, né, e por ano mais de 35 mil pessoas morrem de alguma infecção. Então, a gente atua em diferentes *fronts*, mas sempre com o objetivo de atender as necessidades dos pacientes e não só estar ali oferecendo atenção médica humanitária, mas também, eu acho que é muito importante, é servir de porta-voz pra essas pessoas [...] (Globo News Internacional – A Importância da Ajuda Humanitária – 2019).

Outra situação em que se pode perceber essa característica do Globo News Internacional é no episódio *As Mulheres na Política (Globo News Internacional)*, quando Guga Chacra explica sobre Kamala Harris e como ela é vista nos Estados Unidos, numa perspectiva eleitoral:

Guga Chacra (GC): [...] É que a Kamala Harris, a gente vê que a Ocasio-Cortez, sem dúvida alguma, está influenciando bastante o partido Democrata e chegou como jovem, mas claro que ainda ninguém cogita que ela possa, sequer ser candidata numa primária Democrata e muito menos que vença essa primária. A Nancy Pelosi já é uma política experiente, mas, obviamente, não tem a menor probabilidade de entrar numa primária Democrata, a Kamala Harris não! É um nome muito forte, quer dizer, se você for construir uma candidata, um candidato forte pro partido Democrata nas eleições do ano que vem, seria a Kamala, por todo o histórico dela. Ela é filha de imigrante, um acadêmico jamaicano, professor em Stanford, que veio para os Estados Unidos, conheceu a mãe dela, que também é uma acadêmica, de origem indiana, eles se separaram, a Kamala cresceu no Canadá, voltou pros Estados Unidos, estudou em Washington, foi pra Califórnia, fez Direito. Lembrando que Direito, nos Estados Unidos, não é na graduação. Você faz depois de se graduar, virou *Attorney General*, procuradora geral da Califórnia, um cargo importantíssimo. Se elegeu senadora por esse, que é o maior estado dos Estados Unidos... não chega a ser tão do centro do partido Democrata, como Joe Biden, é um pouquinho mais pra esquerda, mas é mais moderada. Ela entra com muita chance! Tem muito carisma. Então, a Kamala com certeza vai ser um dos nomes fortes nas primárias Democratas. Lembrando que há outras mulheres muito fortes. A Elizabeth Warren, um pouco mais à esquerda do que a Kamala, a Klobuchar, um pouco mais pro lado moderado, tem a Tulsi Gabbard, mas daí é uma outra história... Enfim, mas ela entra como nome forte entre as mulheres. (Globo News Internacional – As Mulheres na Política – 2019).

Na maior parte das vezes, o aprofundamento do conteúdo vem das falas dos comentaristas, mas isso não impede que, em alguma situação, o apresentador

Marcelo Lins também o faça. No episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* (Globo News Internacional, 2019) essa característica pode ser percebida, quando Lins explica um pouco sobre quem é o príncipe do país:

ML: O líder de fato da Arábia Saudita hoje é o herdeiro direto de Ibn Saud, que fundou o reino em 1932, outro dia, portanto. Aos 33 anos, o príncipe Mohammad Bin Salman está à frente de um ambicioso plano de modernização, mas age como representante legítimo de uma monarquia absolutista guiada por uma interpretação radical do Islamismo. (Globo News Internacional – Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita – 2019).

Neste mesmo episódio, o conteúdo apresentado nas reportagens produzidas por André Fran para o programa “Que Mundo É Esse?” trazem ao espectador uma abordagem diferente e mais dinâmica sobre o assunto. Mesmo não sendo um conteúdo próprio do programa, traz o aprofundamento e a contextualização que o Globo News Internacional necessita.

Figura 9 – Reportagem sobre a Arábia Saudita



Fonte: Globo News Internacional, 2019

Porém, a inserção dessas reportagens é uma exceção e depende da emissora, já que o Globo News Internacional não possui uma equipe de correspondentes pelo mundo em função do programa. Este é um ponto que demonstra certa fragilidade na profundidade dos temas, já que, na maioria dos conteúdos apresentados, a contextualização é feita apenas com imagens, infográficos e falas dos integrantes e convidados do programa. Mais jornalistas no núcleo de produção, ou então, uma equipe de correspondentes que produzisse conteúdo exclusivo para o Globo News Internacional poderia ser uma alternativa para trazer maior profundidade na abordagem dos temas gerando maior interpretação e compreensão por parte do espectador.

O Jornalismo Interpretativo tem o papel de ampliar a visão do espectador sobre os temas de sua realidade e o Globo News Internacional busca fazer isso levando especialistas e jornalistas que entendam sobre o assunto e também consigam explicar didaticamente os fatos.

Neste contexto, é importante ressaltar que, apesar de o Globo News Internacional conseguir aprofundar os temas escolhidos semanalmente, este aprofundamento não chega a ser o ideal, por questões de tempo na grade de programação. O programa tem apenas 25 minutos e um episódio por semana. Os temas de política e economia internacional precisam de mais tempo para que sejam aprofundados. Apesar disso, os participantes fixos do programa mostram ter conhecimento e especialização nas áreas tratadas, porque conseguem, mesmo que neste curto espaço de tempo, aprofundar algumas questões semanalmente.

Os três jornalistas entrevistados pela pesquisadora afirmaram que o programa é sempre pensado na ótica do espectador, porque o objetivo é esclarecer o conteúdo que foi apresentado no *hard news* durante a semana. Mas em diversas ocasiões o programa peca no quesito do esclarecimento dos conteúdos para o público, a maneira como são abordados os temas, por mais que seja de uma maneira didática, ainda se restringe a quem tem conhecimento prévio ou pelo menos pesquisou um pouco sobre o assunto tratado. Ariel Palacios (2019), em entrevista à pesquisadora, afirma que os participantes fixos e comentaristas que se revezam no programa qualificados e com bom entrosamento e, isso, segundo ele, é um aspecto bastante importante quando se pensa o programa na ótica de quem está assistindo.

Segundo o apresentador Marcelo Lins (2019), qualquer programa de televisão só faz sentido se for pensado na perspectiva de quem o assiste, e, portanto, tem-se um maior cuidado em evitar chavões e ser didático na apresentação de contextos e objetivo na abordagem. Ele pontuou que “se isto for feito corretamente, estaremos preenchendo também uma dimensão pedagógica e minimizando a possibilidade de haver dúvidas interpretativas” (LINS, 2019). No episódio *Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* (Globo News Internacional, 2019), por exemplo, foram várias ocasiões em que os jornalistas citam palavras que não tem relação nenhuma com o público que assiste o programa e não contextualizaram o que significava e isso pode causar um ruído na comunicação.

ML: Rico em história, mas o país mais pobre do Oriente Médio, o Iêmen vive o que a ONU já classificou como a pior crise humanitária da atualidade. De um lado as forças oficiais do governo apoiadas por uma Coalisão Sunita, liderada pela Arábia Saudita. Do outro, a milícia rebelde Huti, que é formada por Xiitas e recebe um apoio oficial, ou oficioso, do Irã. Uma guerra terrível né? E uma crise humanitária que vem junto, né Fran? (Globo News Internacional – Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita – 2019).

Neste caso específico, são três termos que podem não ser entendidos pelo público que não conhece a realidade da Arábia Saudita: *Coalisão Sunita, a milícia rebelde Huti e Xiita*. Outra situação em que isso acontece é no episódio *A Importância da Ajuda Humanitária* (Globo News Internacional, 2019), onde Guga Chacra faz uma pergunta para a representante do Médicos Sem Fronteiras e utiliza termos sobre uma realidade que apenas pessoas que já conhecem o assunto conseguem entender: “**GC:** Queria perguntar, na verdade, se Arábia Saudita e os Hutis, quem atrapalha mais o trabalho do Médicos Sem Fronteiras lá, ou se eles permitem o trabalho do Médico Sem Fronteiras?” (Globo News Internacional – A Importância da Ajuda Humanitária – 2019).

Pela linguagem utilizada pelos jornalistas, é possível perceber que o perfil de público do programa não é eclético, mas sim, espectadores especializados ou que possuam, no mínimo, conhecimento prévio sobre os temas. Como são assuntos complexos, a falta desse conhecimento pode prejudicar a interpretação dos fatos. É importante ressaltar também que o programa é exibido numa TV por assinatura e isso determina que o perfil de público não é tão eclético como uma emissora de TV

aberta. O horário em que o programa é transmitido também pode ser um diferencial que determina o público, já que ele é exibido toda sexta-feira às 23h30.

A entrevista de Marcelo Lins à pesquisadora indica justamente isso, quando o jornalista afirma que o retorno que recebe do público vem de estudantes que assistiram o programa em sala de aula, ou de algum estudante que assistiu por indicação de um professor universitário.

Apesar de esse retorno vir de um público especializado, o apresentador Marcelo Lins (2019) avalia o Globo News Internacional como um “bom programa jornalístico, agradável, objetivo e informativo”, baseando-se nos índices de audiência, que, segundo ele, são bons dentro do âmbito da TV por assinatura. Ele afirma que “as pessoas usualmente elogiam a informalidade e a quantidade de informações que conseguimos reunir e compartilhar a cada programa” e que a ideia é de descomplicar, de dar os contextos factuais e históricos, de traçar as possíveis consequências de acontecimentos internacionais no Brasil.

Esses elementos, citados por Lins (2019), podem ser percebidos nos programas que fazem parte do corpus do estudo. Porém, mesmo que eles estejam presentes, o capítulo de Análise de Conteúdo trouxe vários aspectos que demonstram o desafio de produzir um conteúdo audiovisual em profundidade. E são esses aspectos que irão ajudar a confirmar ou não as hipóteses e responder a questão norteadora da pesquisa. Assunto do próximo capítulo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar dos anos, a tecnologia se desenvolveu e trouxe a possibilidade da comunicação ser cada vez mais eficiente. A criação da internet deu ao telejornalismo uma nova possibilidade de produzir conteúdo e, com a facilidade de envio e produção de materiais, as notícias internacionais ganharam mais espaço no jornalismo audiovisual. Além disso, a evolução tecnológica permite que as notícias sejam veiculadas com rapidez, tornando o aprofundamento do conteúdo, um diferencial para os programas de televisão.

Pensando no aumento de conteúdos internacionais nas emissoras brasileiras e na necessidade do aprofundamento da informação, a pesquisadora escolheu quatro episódios do programa Globo News Internacional como objeto de estudo, porque suas características mostram um conteúdo diferente do *hard news* exibido nos telejornais brasileiros e trazem uma abordagem e formato diferentes ao espectador.

Com a pesquisa bibliográfica sobre a evolução da televisão no Brasil e a apresentação dos conceitos de categorias, gêneros e formatos de programas de TV, no início da pesquisa, foi possível compreender o telejornalismo. O conceito de Jornalismo Interpretativo foi importante para entender quais as características e produções necessárias para que um conteúdo seja considerado interpretativo. Já a conceituação de jornalismo internacional teve o objetivo de esclarecer como é a rotina de um correspondente e como é a realidade para se produzir conteúdo no exterior.

A partir do interesse em analisar se este programa possui os aspectos citados, surgiu a ideia da pesquisa e da questão norteadora: Como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao *hard news*?

Por meio da Análise de Conteúdo foi possível perceber que o programa possui algumas das características necessárias para o aprofundamento da informação, como a contextualização histórica dos fatos tratados, os possíveis desdobramentos e a fala de profissionais especializados nos assuntos tratados, que

são determinantes para este tipo de produção. Mas, nem sempre elas são cumpridas, por questões de tempo na grade de programação da emissora ou pela densidade dos assuntos escolhidos.

Mesmo assim, pode ser considerado um programa que aprofunda as informações que foram veiculadas no *hard news*, a partir do jornalismo interpretativo, dando ao espectador todas as faces de um acontecimento, proporcionando a ele que crie sua própria opinião sobre o tema. Também é importante destacar que o jornalismo interpretativo no Globo News Internacional tem muita influência da participação fixa dos comentaristas Guga Chacra e Ariel Palacios, que são especialistas em assuntos internacionais com formação complementar na área, característica que qualifica o conteúdo do programa e auxilia no entendimento por parte do grande público, uma vez que os assuntos são sempre voltados à política internacional e, na maior parte das vezes, ocorrem em continentes distantes da realidade do espectador.

Para auxiliar na resposta da questão norteadora, foram elaboradas três hipóteses. A primeira delas é que *o programa Globo News Internacional utiliza o jornalismo interpretativo pela complexidade dos conteúdos apresentados ao telespectador, possibilitando maior compreensão sobre os fatos abordados*. Essa hipótese pode ser confirmada, porque é possível perceber que as pautas escolhidas no programa são sempre aprofundadas com o objetivo de dar ao espectador informação suficiente para que ele desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Conforme citado por Beltrão (1980) no capítulo seis, o jornalismo interpretativo deve trazer as origens do fato, os possíveis desdobramentos e mais de uma visão especializada. E esta teoria pode ser comprovada por meio da observação dos programas, onde é possível perceber que há um cuidado especial por parte dos jornalistas em trazer ao espectador uma maior compreensão e contextualização dos fatos, para que ele entenda não apenas o fato, mas tudo que envolve ele. E isso pode ser comprovado nas entrevistas com os participantes do Globo News Internacional, que afirmaram que o programa é sempre pensado na ótica do público, porque se não fosse assim, não faria sentido.

A segunda hipótese é que *o perfil do conteúdo apresentado no programa Globo News Internacional exige pesquisa aprofundada e investigação dos conteúdos*

por parte da equipe de produção, que pode ser confirmada parcialmente, porque, apesar de os assuntos precisarem de pesquisa aprofundada, as entrevistas com os jornalistas participantes do programa revelaram que a escolha dos temas é definida pela equipe do programa poucos dias antes da gravação. Além de ter uma equipe de produção pequena, com cerca de três pessoas, o programa conta muito com os conhecimentos prévios do quadro fixo de participantes do Globo News Internacional e complemento dos convidados. Os comentários feitos pelos correspondentes e convidados especiais são feitos com base no conhecimento prévio deles, uma vez que as pautas são enviadas com um ou dois dias de antecedência. Por isso, se torna importante o fato de os participantes terem especialização acadêmica na área de Relações Internacionais.

A terceira e última hipótese afirma *que o conhecimento do apresentador e comentaristas no programa, juntamente com os convidados especialistas em relações internacionais, é fator importante para garantir a qualidade do conteúdo exibido*. Essa hipótese pode ser confirmada, levando em consideração a justificativa anterior, que a produção do programa envia as pautas com pouca antecedência aos participantes, tornando o tempo pequeno para que seja realizada uma pesquisa maior sobre os temas. Desta forma, o conhecimento prévio sobre os assuntos e a maneira didática de apresentá-los ao espectador são fator importante quando se avalia o jornalismo interpretativo no Globo News Internacional. Os comentaristas e o apresentador levam ao espectador o conteúdo de maneira mais simplificada e fazendo conexões com a realidade do público, facilitando o entendimento dos conteúdos. Porém, é arriscado depender do conhecimento prévio dos participantes do programa, porque na ausência de um dos jornalistas fixos é possível perceber que se perde qualidade e a estrutura do programa.

A partir dos argumentos expostos, é possível afirmar que o objetivo geral da pesquisa - *investigar como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao hard news* – foi atingido. Assim como os objetivos específicos: pesquisar sobre a evolução do jornalismo audiovisual na televisão aberta e por assinatura; conceituar e caracterizar os gêneros e formatos jornalísticos para o audiovisual; estudar o processo de produção de conteúdo no jornalismo audiovisual e conceituar e caracterizar jornalismo interpretativo e jornalismo internacional; entrevistar

profissionais envolvidos na produção do programa Globo News Internacional; descrever o *corpus da pesquisa*, por meio da decupagem e aplicar o método de Análise de Conteúdo para responder a questão norteadora também foram atingidos.

A única ressalva é quanto às entrevistas com os profissionais envolvidos no Globo News Internacional, porque um dos participantes do programa – o correspondente Guga Chacra – não retornou as tentativas de contato da pesquisadora. Porém, sem comprometimento no resultado da pesquisa, uma vez que as entrevistas respondidas pelos outros participantes atenderam às expectativas da pesquisadora quanto ao assunto pretendido para a análise de conteúdo.

Com o desenvolvimento desse estudo, é possível afirmar que o programa Globo News Internacional, da Globo News, apresenta ao espectador conteúdo de jornalismo interpretativo, com aprofundamento da informação, mas que poderia ser mais contextualizado caso tivesse mais tempo na grade de programação da emissora.

Portanto, a presente pesquisa foi de grande valia para entender mais sobre o contexto jornalístico, os aspectos que caracterizam o jornalismo interpretativo e o aprofundamento dos conteúdos no jornalismo audiovisual, bem como as características do jornalismo internacional e o papel do correspondente. Isso fez com que aumentasse a minha motivação e empenho em me qualificar cada vez mais para ter as características de um correspondente internacional. O estudo esclareceu muitas dúvidas sobre a importância e a necessidade do aprofundamento da informação no telejornalismo, uma vez que a maior parte dos programas é mais focado no *hard news*.

Como continuidade deste estudo, uma sugestão seria investigar a receptividade dos conteúdos exibidos com o público do programa, a fim de verificar se os aspectos do jornalismo interpretativo que são utilizados pela produção e jornalistas do Globo News Internacional são bem compreendidos por parte do espectador.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **IBGE**: 40% dos brasileiros têm televisão digital aberta. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embardada-ate-amanha-10h-0604#>>. Acesso em: 10 set 2019

AGUIAR, Pedro. **Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Por%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20Internacional%20no%20Brasil.pdf/view>> Acesso em 01 set 2019

AGNEZ, Luciane Fassarella. **O jornalismo internacional entre mudanças e permanências**. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p314/30665>> Acesso em 30 set 2019

AGNEZ, Luciana Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. Orientadora: Dra. Dione Oliveira Moura. 2014. 372 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

AUDIÊNCIA: **Canais mais assistidos na tv por assinatura em maio**. Disponível em: <<http://anmtv.xpg.com.br/audiencia-canais-mais-assistidos-da-tv-por-assinatura-em-maio/>> Acesso em 02 jul 2019.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL, Antônio. **Crise na Cobertura Internacional**. 2002. In: EL HAJJI, Mohammed. *Jornalismo Internacional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila 2008.2, 2008. p. 67-68.

BRAGA, Kamilla de Lima; MARQUES, Alberto. **Jornalismo Internacional: Características e Competências Para Atuação**. 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0344-1.pdf>> Acesso em 01 out 2019

BRITTO, Denise Fernandes. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53839095583440982036530148915888169975.pdf>> Acesso em: 30 set 2019

CAMPOS, Pedro Celso. **O Texto Interpretativo**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/o-texto-interpretativo/>> Acesso em: 29 jun 2019

CASTRO, Renata Marques Moreira de. *Jornalismo Internacional: A mudança na editoria Inter nos últimos 50 anos*. Orientador: Mohammed Elhajji. Rio de Janeiro: 2006. Monografia (Graduação em Jornalismo). Eco/UFRJ, 2006. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1491/3/RMMCastro.pdf>> Acesso em 06 out 2019

CURADO, Olga. **A Notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros, formatos e tons**. 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0399-1.pdf>> Acesso em: 13 jun 2019.

DUARTE, Elizabeth Bastos. CASTRO, Maria Lília Dias de. **Televisão: Entre o Mercado e a Academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos. CASTRO, Maria Lília Dias de. **Televisão: Entre o Mercado e a Academia II**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos**. In: DUARTE, Elizabeth Bastos. CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs). **Televisão: Entre o Mercado e a Academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

EU SOU FAMECOS, **André Fran abre sua bagagem de histórias**. Disponível em <<http://portal.eusoufamecos.net/andre-fran-abre-sua-bagagem-de-historias/>> Acesso em 14 nov 2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FRAN, André. Entrevista concedida a pesquisadora desta monografia em 09 de setembro de 2019.

G1 GLOBO. **Os diferentes véus islâmicos: hijb, niqab, chador e burca**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/09/os-diferentes-veus-islamicos-hijb-niqab-chador-e-burca.html>> Acesso em 13 out 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO NEWS, **Globo News Internacional**. Disponível em <<https://globosatplay.globo.com/globonews/globonews-internacional/>>. Acesso em 03 jun 2019.

GLOBO NEWS, **Globo News Internacional vai mostrar mudanças no mundo**. Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2017/01/globonews-internacional-vai-mostrar-mudancas-no-mundo.html>> Acesso em 29 jun 2019.

GLOBO NEWS INTERNACIONAL. **A Importância da Ajuda Humanitária.**

Disponível em: < <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/7499060/>> Acesso em 20 mar 2019.

GLOBO NEWS INTERNACIONAL. **A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo.** Disponível em: < <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/7554950/>>

Acesso em 20 mar 2019.

GLOBO NEWS INTERNACIONAL. **As Mulheres na Política.** Disponível em:

<<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/7442028/>> Acesso em 20 mar 2019.

GLOBO NEWS INTERNACIONAL. **Os Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita.** Disponível em: < <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/7451217/>>

Acesso em 20 mar 2019.

GRUPO GLOBO. **Quem somos?** Disponível em:

<<https://grupoglobo.globo.com/quem-somos/>> Acesso em 02 jul 2019.

JOST, François. **Para Além da Imagem, o Gênero Televisual:** Proposições Metodológicas para uma Análise das Emissões de Televisão. In: DUARTE, Elizabeth Bastos. CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs.). Televisão: Entre o Mercado e a Academia II. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – O Livro Reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura.** 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

LINS, Marcelo. Entrevista concedida a pesquisadora desta monografia em 13 de outubro de 2019.

MENDES LOBATO, José Augusto. Jornalismo e narrativa em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 66-77, fev. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p66/33612>>. Acesso em: 13 out 2019.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério.** São Paulo: Editora Senac, 2009.

MATTOS, Sérgio. **A Evolução histórica da televisão brasileira**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). 60 Anos de Telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão no Brasil: uma visão econômica social e política**. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

METODISTA. **Glossário**. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>> Acesso em 21 nov 2019.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MUSSE, Carolina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. **Rumores**, v. 4, n. 8, 6 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>> Acesso em: 15 set 2019.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NOVA ESCOLA DE MARKETING. **Afinal, o que é Lobby?** Disponível em: <<https://novaescolademarketing.com.br/comunicacao-corporativa/afinal-o-que-e-lobby/>> Acesso em 13 out 2019.

PALACIOS, Ariel. Entrevista concedida a pesquisadora desta monografia em 19 de setembro de 2019.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PORTAL DOS JORNALISTAS, **Ariel Palacios**. Disponível em <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/ariel-palacios/>> Acesso em 14 nov 2019.

PORTAL DOS JORNALISTAS, **Marcelo Lins**. Disponível em <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/marcelo-lins/>> Acesso em 14 nov 2019.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto 4.901 de 26 de novembro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4901.htm> Acesso em 21 nov 2019.

REZENDE, Renata. **A tecnologia e a transformação do dispositivo televisivo: produções sensórias no hibridismo realidade/ficção**. 2012.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Generos periodísticos**. Quito: Ciespal, 1982.

SPERB, Nanachara Carolina. **A Influência da Utilização do Hipertexto na Produção de Jornalismo Interpretativo para Internet**. Intercom Sul: Passo Fundo, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0469-1.pdf>> Acesso em: 23 set 2019

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51 – 61.

TEMER, Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico**. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf>> Acesso em: 08 jun 2019.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional**. 2012. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/16198/9271>> Acesso em 30 set 2019

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

GLOSSÁRIO

DEADLINE: prazo máximo para a entrega de um trabalho;

DECUPAGEM: É quando o editor marca o tempo das melhores cenas e sonoras feitas pela equipe de reportagem na rua;

ROTEIRO OU SCRIPT: É o cronograma de como o programa acontecerá. Prevê a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento. É um papel com marcações especiais;

GC: termo técnico que indica os créditos de uma matéria;

HARD NEWS: Em inglês, tem o sentido de notícia importante. Refere-se a toda notícia relevante e atual que necessitará de uma explicação aprofundada.

OFF: Texto gravado pelo repórter para a narração da notícia, durante a matéria;

PASSAGEM: Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento. É o momento em que o repórter aparece na matéria.

PLANO GERAL: Ângulo de câmera que inclui todos os personagens ou uma pessoa por inteiro, mais o cenário de fundo;

PLANO MÉDIO: Enquadramento onde a linha inferior da imagem faz um corte na cintura.

SOBE SOM: Marcação técnica na lauda. Indica o momento em que deve ser posto determinado som;

SOM AMBIENTE: O mesmo que áudio ambiente;

SOM EM BACKGROUND: Música, voz ou efeito sonoro inserido simultaneamente à fala e que vai ao ar num volume mais baixo. Dá suporte à transmissão e não deve prejudicar a clareza da fala.

SONORA: É a fala do entrevistado na matéria;

VINHETA:¹⁶ É o que marca a abertura, intervalo ou encerramento do programa ou algum quadro. Alguns eventos importantes também merecem vinheta.

¹⁶ Todos os significados dos termos foram retirados do Glossário do Manual de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>> Acesso em 21 nov 2019.

APÊNDICE A – PROJETO DE PESQUISA TCC I

Projeto de pesquisa realizado no semestre 2019/2.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

GABRIELA BENTO ALVES

**O JORNALISMO INTERPRETATIVO NO PROGRAMA GLOBO NEWS
INTERNACIONAL: A INFORMAÇÃO ALÉM DO HARD NEWS**

Caxias do Sul
2019

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO**

GABRIELA BENTO ALVES

**O JORNALISMO INTERPRETATIVO NO PROGRAMA GLOBO NEWS
INTERNACIONAL: A INFORMAÇÃO ALÉM DO HARD NEWS**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito para
aprovação na disciplina de TCC I.

Orientadora: Adriana dos Santos Schleder

Caxias do Sul
2019

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é um dos pilares para o bom funcionamento de uma sociedade e com o advento das novas tecnologias, que são cada vez mais imediatistas, o jornalismo precisou se adaptar. Agora, além do imediatismo do rádio, também existem os portais online de notícias, onde o leitor espera, além do texto, fotografias, vídeos e outros diversos formatos para receber o conteúdo jornalístico em tempo real. Por este motivo, algumas vezes, o furo jornalístico e a rapidez na produção conteúdo são priorizados frente ao aprofundamento da informação, como impõe o modelo *hard news*, que em inglês, tem o sentido de notícia importante.

Neste sentido, também é importante destacar outros formatos de apresentação do conteúdo jornalístico que não apenas o *hard news*. Um destes é o jornalismo interpretativo, que segundo o professor da Unesp-Bauru, Pedro Celso Campos, no artigo *O Texto Interpretativo (2002)*¹⁷, tem a premissa de mostrar ao leitor as várias consequências e desdobramentos que um fato pode gerar, apresentando suas origens e analisando suas implicações, uma vez que o gênero interpretativo está diretamente relacionado ao jornalismo investigativo.

Desta maneira, o presente trabalho busca investigar de que modo o jornalismo interpretativo apresentado no programa *Globo News Internacional*, do canal por assinatura Globo News, contribui para o aprofundamento da informação, num contraponto ao modelo *hard news*. Tendo em vista a complexidade dos assuntos apresentados no programa, que muitas vezes envolvem política, economia e diplomacia, é importante que o telespectador consiga ter uma maior compreensão dos temas e fatos abordados no programa. Também será analisada o conhecimento do apresentador e dos comentaristas, além dos convidados especiais, porque este pode ser um fator importante para garantir a qualidade do conteúdo exibido.

A escolha do tema se deu principalmente devido ao interesse da estudante pela temática do jornalismo internacional e também pelos jornalistas que atuam no programa. Um ponto a ser destacado é o formato diferenciado do programa,

¹⁷ Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/o-texto-interpretativo/>>
Acesso em 29 jun 2019

trazendo maior dinâmica para tratar de assuntos que podem ser considerados mais densos.

Nesta pesquisa serão conceituados e caracterizados os temas jornalismo especializado, jornalismo internacional, gêneros e formatos de conteúdo audiovisual e hibridismo. Ainda serão estudados o processo de produção de conteúdo jornalístico para a televisão, além da evolução do jornalismo audiovisual na televisão aberta e por assinatura.

Serão definidos método e técnicas mais adequados para o tema escolhido, além dos objetivos gerais e específicos da pesquisa e das hipóteses. Para o desenvolvimento da monografia, devem ser utilizados os autores Olga Curado, Vera Paternostro, Edvaldo Pereira Lima, Elizabeth Bastos Duarte, José Carlos Aronchi de Souza, entre outros.

2 TEMA

O tema do projeto envolve o jornalismo interpretativo apresentado no programa Globo News Internacional, no canal Globo News. A ideia é compreender como o Jornalismo Internacional pode ser aprofundado num programa de bate-papo entre jornalistas especializados e convidados.

2.1 Delimitação do tema

Neste trabalho, será analisado como o programa Globo News Internacional se utiliza do jornalismo interpretativo para transmitir ao público informação aprofundada e de qualidade.

Para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa serão avaliados quatro episódios do programa, exibidos no primeiro semestre de 2019, além da realização de entrevistas com a equipe de produção e revisão bibliográfica sobre o tema do estudo.

3 JUSTIFICATIVA

O tema escolhido para este trabalho tem uma grande relação com a minha graduação em Jornalismo. Nos primeiros semestres da faculdade sempre pensava que o audiovisual não me interessaria. Achava que era uma das áreas do jornalismo com menor profundidade para abordar assuntos tão importantes. Com o passar dos semestres e o conhecimento que obtive nas aulas de telejornalismo, ficou claro que meu pensamento era equivocado. Existem várias maneiras de aprofundar o conteúdo audiovisual. A partir disso, comecei a assistir mais programas que fossem deste formato.

No canal Globo News, acabei descobrindo o programa Globo News Internacional, que une duas características que eu gosto muito. A primeira delas, o jornalismo interpretativo. A segunda, relações internacionais. Sempre tive como objetivo fazer uma segunda graduação, ou talvez um mestrado em Relações Internacionais, porque é um tema que sempre me chamou atenção e que sempre gostei muito. Então, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, nada se identificaria mais comigo do que analisar o programa Globo News Internacional.

Além do conteúdo e da maneira como o programa é conduzido, os jornalistas que integram o elenco são os que eu mais admiro atualmente. Marcelo Lins e Ariel Palacios são ótimos jornalistas, estudiosos, comentaristas e especialistas, mas quem me chama maior atenção é Guga Chacra. Talvez pela sua especialidade ser o Oriente Médio e este ser um dos temas de estudo que mais me fascinam nas Relações Internacionais, ou talvez pela maneira didática com que ele consegue explicar tudo o que acontece naquela parte do planeta, fazendo com que o público entenda da melhor maneira as relações históricas e diplomáticas que permeiam aquela região. Também vale ressaltar que toda semana, um convidado diferente integra o debate no programa e, normalmente, este convidado tem formação em Relações Internacionais, ou é repórter de política internacional.

O programa, no meu entendimento, é especialmente direcionado para quem já tem um mínimo conhecimento sobre assuntos de relevância internacional. Mesmo assim, sempre é apresentada uma reportagem antes do início do debate para ambientar ou relembrar ao espectador sobre o assunto que será debatido e também esclarecer algum desdobramento histórico sobre o tema, característica que considero muito importante para que a dinâmica do programa continue atrativa.

O meu intuito com esta pesquisa é relacionar a participação dos comentaristas com o jornalismo interpretativo, pois percebo que este formato de conteúdo e o jornalismo especializado não são tão abordados quanto eu acredito que necessitariam ser nas faculdades de jornalismo. O modelo *hard news*, que consiste em favorecer a rapidez da notícia, ao invés do aprofundamento, sempre se sobrepõe, uma vez que também diz respeito ao veículo em que o conteúdo será apresentado. Na televisão, por exemplo, o tempo curto de cada reportagem produzida não disponibiliza tempo para o aprofundamento do conteúdo.

Considero importante que pesquisas qualificadas sobre este assunto sejam realizadas, porque é um formato de programa e de apresentação do conteúdo que aparece com pouca frequência na televisão, mas que pode ser um diferencial para programas com a mesma característica no jornalismo audiovisual. É importante analisar as novas formas de se produzir conteúdo jornalístico, porque a área vem sendo cada vez mais desvalorizada. O Globo News Internacional tem um formato diferenciado, que contempla jornalismo e debates, além de um ótimo mediador, que também é jornalista, que conduz o caminho que o programa deve trilhar.

Considero importante destacar que com a realização de pesquisas mais aprofundadas sobre esta maneira de produzir jornalismo audiovisual, cada vez mais este tipo de programa possa ser inserido nas programações dos mais diversos canais, pois, além de jornalístico, também considero que o programa é educativo. Uma vez que não é apenas focado na apresentação da notícia, mas também há um cuidado em fazer com que o espectador entenda o que está sendo dito. Então, além de contribuir para a academia, o público em geral também será contemplado com programas que apresentem jornalismo de qualidade e de profundidade.

Para mim, a importância maior desta pesquisa será contemplar os meus cinco anos de graduação com um assunto que não estudei com tanta profundidade em outras disciplinas de telejornalismo. Já que descobri que gosto dessa área, quero cada vez mais me aprofundar nos mais diversos formatos, gêneros e maneiras de produzir conteúdo jornalístico para que, futuramente, no mercado de trabalho, eu consiga, quem sabe, fazer parte da equipe de um programa tão renomado e interessante como o Globo News Internacional.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao *hard news*?

5 HIPÓTESES

- A. O programa Globo News Internacional utiliza o jornalismo interpretativo pela complexidade dos conteúdos apresentados ao telespectador, possibilitando maior compreensão sobre os fatos abordados;
- B. O perfil do conteúdo apresentado no programa Globo News Internacional exige pesquisa aprofundada e investigação dos conteúdos por parte da equipe de produção;
- C. O conhecimento do apresentador e comentaristas no programa, juntamente com os convidados especialistas em relações internacionais, é fator importante para garantir a qualidade do conteúdo exibido.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Investigar como o jornalismo interpretativo no programa Globo News Internacional contribui para o aprofundamento da informação no contraponto ao *Hard News*.

6.2 Objetivos específicos

- Conceituar e caracterizar jornalismo interpretativo e jornalismo internacional;
- Conceituar e caracterizar os gêneros e formatos jornalísticos para o audiovisual;
- Estudar o processo de produção de conteúdo no jornalismo audiovisual;
- Pesquisar sobre a evolução do jornalismo audiovisual na televisão aberta e por assinatura;
- Entrevistar profissionais envolvidos na produção do programa Globo News Internacional;
- Descrever o *corpus* da pesquisa, por meio da decupagem;
- Aplicar o método de Análise de Conteúdo no *corpus* da pesquisa para responder a questão norteadora.

7 METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é investigar se o jornalismo interpretativo apresentado no programa *Globo News Internacional* contribui para o aprofundamento da informação, fazendo um contraponto ao modelo *hard news*. O método definido para a pesquisa será a Análise de Conteúdo, juntamente com técnicas de revisão bibliográfica, entrevista e observação simples.

7.1 MÉTODO

O método que conduz esta pesquisa é a Análise de Conteúdo, proposto pela pesquisadora Laurence Bardin. Para a autora, na obra *Análise de Conteúdo (2000)*, o método consiste num conjunto de instrumentos metodológicos que estão em constante aperfeiçoamento e que se aplicam aos mais variados discursos. O método proposto por Bardin aborda um procedimento que envolve técnicas de análise das comunicações objetivas e subjetivas, baseando-se na indução e inferência.

A autora aponta que há três etapas para a organização da análise de conteúdo: *pré-análise*; *exploração do material*; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Essas etapas serão aprofundadas nos subtítulos abaixo.

7.1.1 Pré-análise

A pré-análise é a primeira etapa da pesquisa. Essa fase tem como principal objetivo a organização e esquematização das ideias iniciais para desenvolver um plano de análise.

Nesta parte, existem três missões principais que a autora elenca: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Para Bardin (2000),

estes três fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros: a escolha de documentos depende dos objetivos, ou, inversamente, o objetivo só é possível em função dos documentos disponíveis; os indicadores serão construídos em função das hipóteses [...]. A pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, abertas, por oposição à exploração sistemática dos documentos. (BARDIN, 2000, p. 96).

A autora divide a pré-análise em cinco etapas. A primeira delas é a *leitura flutuante*, que consiste em conhecer o material que será analisado. A segunda etapa é a escolha dos documentos que possuem informações sobre o problema levantado. A partir disso, Bardin (2000, p. 96) orienta que seja feito um *corpus*, ou seja, um “conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos processos analíticos”. A autora elenca algumas regras para a constituição deste *corpus*:

- e) *Regra da exaustividade*: é preciso ter em conta todos os elementos do *corpus*. Não se pode deixar de fora qualquer um destes;
- f) *Regra da representatividade*: a análise pode ser feita com uma amostra, desde que o material seja qualificado para tal atividade;
- g) *Regra da homogeneidade*: os documentos devem obedecer a critérios de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios;
- h) *Regra da pertinência*: “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2000, p.98);

A atividade que sucede a pré-análise é a *formulação de hipóteses e de objetivos*. Segundo Bardin (2000), a hipótese é uma afirmação provisória que será verificada. Já o objetivo é a finalidade geral da pesquisa. A autora salienta que as hipóteses nem sempre são formuladas na fase de pré-análise.

A quarta atividade a ser realizada é a *referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores*. Para a pesquisadora, o objetivo é considerar os textos como uma manifestação que possui índices para a análise. A escolha destes índices depende das hipóteses da organização em indicadores.

A quinta e última atividade que a autora elenca é a preparação do material. Bardin (2000) explica que antes da análise, o material reunido pelo pesquisador precisa ser preparado, fazendo recortes e separando o conteúdo.

A partir da elaboração da pré-análise, o pesquisador pode seguir para a *Exploração do Material*, assunto do próximo subtítulo.

7.1.2 Exploração do Material

A exploração do material é a parte da análise propriamente dita, que demanda mais tempo de trabalho. De acordo com Bardin (2000), a etapa seguinte é a exploração do material que já foi selecionado. Ela explica que esta etapa consiste, essencialmente, de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras que já foram formuladas. Na fase de codificação ou tratamento do material ocorre a transformação do texto bruto que foi selecionado na pré-análise em uma representação do conteúdo. A partir da codificação do material, começa a ser colocada em prática a etapa da categorização.

A codificação é a fase em que se compreende o porquê de realizar a análise e como fazê-la. A autora complementa que essa etapa

corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (BARDIN, 2000, p. 103).

A pesquisadora descreve que a maior parte dos procedimentos de análise são organizadas por meio do processo de categorização, que consiste em “uma operação de classificação de elementos construtivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2000, p. 177).

Bardin (2000) elenca uma série de qualidades para a boa categorização. São elas:

- f) *Exclusão mútua*: o elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- g) *Homogeneidade*: um princípio de classificação deve governar sua organização;
- h) *Pertinência*: a categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido e pertence ao quadro teórico definido;
- i) *Objetividade e a fidelidade*: as partes do material devem ser codificadas da mesma maneira. O organizador precisa definir as variáveis que trata e deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento em uma categoria;

- j) *Produtividade*: um conjunto de categorias é produtivo se fornecer resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

A partir da pré-análise e da exploração do material, utilizando a codificação e categorização, o próximo passo é inferir os dados que serão utilizados na pesquisa.

7.1.3 Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação

A última fase da organização do processo de análise de conteúdo é a interpretação dos resultados brutos para que estes sejam significativos e válidos. Bardin (2000) explica que tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, o pesquisador pode propor inferências e interpretações relacionados aos objetivos previstos. Os resultados obtidos também podem servir como base para outra análise. Este processo ocorre por meio de polos de atração, que são o *emissor*, o *receptor*, sua *mensagem* e seu *canal*.

A autora afirma que o *emissor* é um indivíduo ou grupo de indivíduos emissores. Neste caso, é importante a função expressiva e representativa da comunicação. O *receptor*, segundo a autora, pode ser, também, um indivíduo ou um grupo para os quais a mensagem é direcionada. A *mensagem* é o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não é possível. O *canal* é o instrumento, o objeto técnico e o suporte material da mensagem. Ele deve servir-se mais dos procedimentos experimentais do que das análises de conteúdo.

Essas fases são de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa. Para auxiliar neste processo, algumas técnicas serão apresentadas para ajudar no processo metodológico.

7.2 TÉCNICAS

Para auxiliar a aplicação do método *Análise de Conteúdo*, serão utilizadas três técnicas: revisão bibliográfica, entrevista e observação simples.

7.2.1 Revisão Bibliográfica

Esta etapa é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, porque envolve a leitura por parte do aluno referente ao assunto escolhido. Segundo Ida

Regina C. Stumpf, no artigo *Pesquisa Bibliográfica* (2005), a revisão bibliográfica consiste na identificação, localização e obtenção de bibliografia especializada sobre o tema escolhido. A autora afirma que a prática é

um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p.51).

A pesquisadora divide a pesquisa bibliográfica em quatro partes: a primeira e a segunda devem responder as perguntas por que e quando revisar a literatura; a terceira e quarta partes trazem passos de como realizar a pesquisa e algumas formas de anotar leituras realizadas.

Stumpf (2005) completa explicando que o estudante precisa conhecer o que já existe na literatura sobre o assunto escolhido para compreender em que bases irá avançar. Para ela, a consulta à bibliografia é uma atividade que deve acompanhar o investigador, o estudante e o docente. A revisão da literatura é uma atividade que deve ser constante e que, quanto mais o estudante lê sobre o assunto, mais ele consegue identificar conceitos que se relacionam com o problema escolhido.

O material básico para a revisão bibliográfica já deve estar disponível, porque foi utilizado para elaborar o problema e a justificativa, “mas precisa ser ampliado, através de uma boa estratégia de busca que recupere tanto textos de trabalhos teóricos quanto de outros estudos e pesquisas relacionados” (STUMPF, 2005, p.53). O planejamento evita perda de tempo e dá direcionamento ao objetivo.

Stumpf (2005) elenca um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização da pesquisa:

- e) *Identificação do tema e assuntos*: nesta etapa, o estudante deve definir o tema do seu estudo com maior precisão. Também deve elaborar uma lista de palavras-chave que possam ajudar no levantamento de dados bibliográficos. Aqui, deve-se delimitar o tema no tempo e espaço;
- f) *Seleção de fontes*: nesta fase, o estudante deve realizar um levantamento bibliográfico, identificando a bibliografia disponível. A primeira fonte que deve apontar a bibliografia sobre o tema escolhido, segundo a autora, é o

orientador. Algumas fontes secundárias também devem ser levadas em conta pelo estudante. Stumpf (2005) explica em seu artigo as principais:

- g) Bibliografias especializadas: “são publicações que contêm a relação de obras publicadas sobre determinado assunto, em um período específico” (STUMPF, 2005, p.56);
 - h) Índices com resumo: também são chamados de *abstracts* e são índices de literatura de artigos de periódicos, com referência e resumo de cada item;
 - i) Portais: são considerados a porta de acesso a serviços e informações e estão disponíveis nos sites das instituições mantenedoras;
 - j) Resumos de teses e dissertações: publicações que possuem a indicação do autor, título, ano, orientador e universidade das dissertações ou teses defendidas em programas de pós-graduação;
 - k) Catálogos de bibliotecas: relação de obras de uma biblioteca, com entradas por autor, título e assunto;
 - l) Catálogos de editoras: as editoras se especializam em publicar livros sobre determinada área do conhecimento.
-
- g) *Localização e obtenção do material*: trata-se de localizar documentos em bibliotecas, por meio da internet ou diretamente com as editoras;
 - h) *Leitura e transcrição dos dados*: depois que o estudante possui os documentos, deve estabelecer a prioridade e interesse para cada parte do trabalho. A partir da leitura, é importante anotar em fichas trechos relevantes para a pesquisa contendo dados de referência, palavras-chave ou escrever um resumo sobre o que foi lido, utilizando citações do autor.

Além da técnica da revisão bibliográfica, outra que será importante para a realização desta pesquisa é a observação, que será explicada no próximo subtítulo.

7.2.2 Observação

A técnica da observação é uma das que está em evidência em todas as etapas da Análise de Conteúdo, principalmente quando se trata dos resultados obtidos, interpretação e inferências. Segundo Antônio Carlos Gil, na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (2008), a observação é o uso dos sentidos com vista a adquirir conhecimentos necessários para o cotidiano. Ele destaca que a principal vantagem da observação é que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediação.

A observação pode ser estruturada ou não estruturada. Isso se define de acordo com o grau de participação do observador, que pode ser participante ou não participante.

Gil (2008) classifica a observação em três tipos:

- a) *Observação simples*: o pesquisador é alheio à situação que pretende observar. É como um espectador e observa de maneira espontânea;
- b) *Observação participante*: consiste na participação real do conhecimento. O observador é membro do grupo;
- c) *Observação sistemática*: tem como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses.

A observação que será aplicada nesta pesquisa será a simples, pois serão observados quatro episódios do programa “Globo News Internacional”, do canal por assinatura Globo News. O propósito de estabelecer a observação simples como técnica no presente estudo diz respeito ao processo de decupagem dos vídeos/programas em análise, que exigirão descrição literal, observação detalhada e aprofundada do *corpus* para posterior interpretação dos dados e inferência a respeito do conteúdo.

7.2.2.1 Objeto de Estudo

O Globo News Internacional é um programa de jornalismo internacional produzido pela rede de televisão por assinatura Globo News que estreou no dia 21 de janeiro de 2017. Ele tem periodicidade semanal e cada episódio tem, em média,

25 minutos de duração. Conforme informações do site da Globo News¹⁸, a programa elenca toda semana em um tema de grande impacto internacional para aprofundar a análise e entender os desdobramentos para o Brasil. Ele conta com uma equipe de comentaristas no Brasil e no exterior e fala sobre assuntos como terrorismo, política, economia, entre outros. Sempre apresenta infográficos e interatividade. Cada novo episódio é exibido toda sexta-feira às 23h30min.

O Globo News Internacional conta com a apresentação do jornalista Marcelo Lins e tem como jornalistas comentaristas Ariel Palácios, sediado em Buenos Aires, e Guga Chacra, sediado em Nova Iorque. Toda semana, um convidado diferente, com formação em relações internacionais ou experiência em jornalismo internacional, compõe a bancada com Marcelo Lins.

7.2.2.2 *Corpus* da pesquisa

Para a realização desta pesquisa serão observados quatro episódios do programa Globo News Internacional, veiculados entre os meses de março e abril de 2019. O primeiro a ser analisado é *As mulheres na política*, veiculado no dia 08 de março de 2019, programa especial em alusão ao dia da mulher, e apresentado por Marcelo Lins, com participação da jornalista Raquel Krähenbühl, correspondente em Washington, Estados Unidos; do jornalista Guga Chacra, correspondente em Nova Iorque; e da coordenadora de conteúdo internacional do canal Globo News, Marita Graça.

O segundo episódio é *Os Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita* veiculado no dia 12 de março de 2019 e apresentado por Marcelo Lins, com participação dos jornalistas Guga Chacra, em Nova Iorque; Ariel Palácios, em Buenos Aires; e André Fran, jornalista do programa “Que Mundo é Esse?”.

O terceiro episódio escolhido é *A Importância da Ajuda Humanitária*, veiculado no dia 29 de março de 2019 e apresentado por Marcelo Lins, com participação dos jornalistas Guga Chacra, em Nova Iorque; Ariel Palácios, em Buenos Aires; André Fran; e Carolina Batista, representante da organização Médicos Sem Fronteiras.

¹⁸ Disponível em <<https://globosatplay.globo.com/globonews/globonews-internacional/>>. Acesso em 03 jun 2019.

O quarto e último episódio escolhido é A Onda de Extrema-Direita que Avança pelo Mundo, veiculado no dia 19 de abril de 2019 e apresentado por Marcelo Lins, com participação dos jornalistas Ariel Palácios, em Buenos Aires; Daniel Wiedemann, em Nova Iorque; e André Fran.

A partir da observação, a técnica de entrevista é pertinente para que se possa ter um melhor entendimento sobre a produção do programa e sobre o trabalho dos jornalistas que compõe o elenco. No próximo subtítulo, a técnica será mais detalhada.

7.2.3 Entrevista

Uma técnica que deve auxiliar na pesquisa é a entrevista. Segundo Gil (2008), a técnica da entrevista se refere à formulação de perguntas do investigador para o investigado, com o objetivo de obter dados. É uma forma de diálogo assimétrico, onde uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte da informação. As entrevistas mais estruturadas são as que preparam em maior grau as respostas que devem ser obtidas, já as menos estruturadas são desenvolvidas de maneira mais espontânea, sem estarem sujeitas a um modelo pré-estabelecido. A partir disso, o autor explica que a entrevista pode ser classificada em vários tipos, conforme a sua estruturação:

- a) *Entrevista informal*: é o tipo menos estruturado. É considerada uma visão mais geral do problema pesquisado e busca a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado;
- b) *Entrevista focalizada*: é livre como a entrevista informal, porém enfoca em um tema mais específico. O entrevistador deixa o entrevistado falar livremente sobre o assunto. É mais utilizada em situações experimentais;
- c) *Entrevista por pautas*: apresenta certo grau de estruturação, já que é guiada por uma relação de interesse que o entrevistador deve explorar. As pautas são ordenadas e relacionadas entre si. O entrevistador deve fazer poucas perguntas e deixa o entrevistado responder conforme os assuntos. É mais recomendada para situações em que a fonte não se sente a vontade para responder perguntas mais rígidas;

d) *Entrevista estruturada*: se desenvolve a partir de uma relação de perguntas, em que a ordem e redação permanecem iguais para todos os entrevistados. Pela possibilidade do tratamento quantitativo de dados, é a mais adequada para o desenvolvimento de levantamentos sociais. As respostas obtidas são padronizadas, mas não possibilitam a análise com maior profundidade.

Para Gil (2008), é difícil determinar a maneira correta de conduzir uma entrevista, pois isso depende dos objetivos e das circunstâncias. Além disso, o autor explica que a entrevista pode assumir diferentes formas, sendo que cada uma delas exige habilidade do entrevistador para ser conduzida.

Para esta pesquisa, as entrevistas que serão realizadas devem ser do tipo *entrevista estruturada*. Um questionário padrão será elaborado e as entrevistas devem ser aplicadas por e-mail ou telefone.

Após a apresentação da metodologia da pesquisa, será possível fazer a revisão bibliográfica dos temas do estudo. Este é o assunto do próximo capítulo.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta etapa serão abordados os temas: gêneros e formatos de conteúdo audiovisual, produção de conteúdo para o jornalismo audiovisual, jornalismo internacional, televisão por assinatura e jornalismo interpretativo.

8.1 GÊNEROS E FORMATOS DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Para a elaboração desse trabalho é necessária uma base de conhecimento acerca da televisão. Desta forma, neste subtítulo serão apresentados os conceitos e a caracterização das categorias, gêneros e formatos de programas televisivos.

De acordo com José Carlos Aronchi de Souza, no livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2004), o conteúdo pode ser dividido em cinco categorias que possuem gêneros próprios: Entretenimento, Informativo, Educativo, Publicidade e Outros.

O pesquisador explica que no entretenimento busca-se surpreender e desafiar a audiência. No Informativo, agregar conhecimento ao telespectador. No Publicitário, divulgar o próprio veículo e seus anunciantes. No Educativo, instruir o telespectador. E em Outros, divulgar eventos e programas religiosos.

As categorias e seus gêneros são divididos pelo autor:

- f) *Categoria Entretenimento*: programas de auditório, colunismo social, culinária, desenho animado, docudrama, esportivo, filmes, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quis show* (perguntas e respostas), *reality show* (tv-realidade), revista, série, série brasileira, *sitcom* (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia, variedades e *western* (faroeste);
- g) *Categoria Informação*: debates, documentários, entrevistas e telejornais;
- h) *Categoria Educação*: programas educativos e instrutivos;
- i) *Categoria Publicidade*: chamadas, filmes comerciais, políticos, sorteios e telecompras;
- j) *Categoria Outros*: transmissão de eventos, programas religiosos e especiais.

Em função de o objeto de estudo ser um programa de caráter jornalístico, neste trabalho, serão aprofundados apenas os conceitos dos gêneros da categoria *Informação*.

8.1.1 Categoria Informação

A informação é a base do trabalho do jornalista, através de fatos é que as notícias veiculadas todos os dias na televisão existem. Apesar de existirem muitos programas que visam apenas o entretenimento, a informação é essencial. Os telejornais, debates, entrevistas e documentários estão presentes nas programações dos mais diversos canais abertos e fechados.

Desta maneira, é importante conceituar e explicar cada um dos quatro gêneros da *Categoria Informação*.

8.1.1.1 Gênero Debate

Este gênero é caracterizado principalmente pelo número de entrevistados e entrevistadores. Para Souza (2004, p. 144), “os assuntos e os convidados variam conforme a proposta da emissora: pode-se debater um único tema, com vários convidados opinando e respondendo às indagações dos entrevistadores e apresentadores fixos”.

É importante destacar que o debate pode ser sobre apenas um, ou vários assuntos no decorrer do programa, característica que confere ao programa um tom de atualidade e variedade. Segundo o autor, o formato mais comum é o de mesa-redonda, mas ainda existem outras maneiras de realizá-lo. Souza (2004, p. 145) ainda destaca que “o programa de debate pode ainda apresentar pequenas reportagens que ilustram o tema, ou ainda entrevistas com um convidado principal, que vai debater com o público ou convidados, sempre com a mediação do apresentador”.

8.1.1.2 Gênero Documentário

O documentário é o contrário da ficção, porque neste tipo de produção, o objetivo é ser fidedigno para com a realidade. De maneira geral, os temas abordados em documentários apresentam certa importância histórica, social, cultural, política, científica ou econômica e buscam aprofundar situações do cotidiano, mas de uma perspectiva mais crítica.

De acordo com Souza (2004), este é um gênero que tem raízes no cinema e saiu das salas de exibição para as telas da televisão com o mesmo respeito dos documentários produzidos durante a Segunda Guerra Mundial, que tinham papel informativo e também ideológico.

Por se tratar de uma produção que demanda material diferenciado e profissionais capacitados, tem orçamentos elevados, motivo pelo qual muitas emissoras não produzem documentários. Uma alternativa que estas emissoras encontram, ocasionalmente, é a compra de produções estrangeiras.

O autor explica que “a proposta de todo documentário é buscar o máximo de informações sobre um tema. Por isso, sua duração é maior do que as reportagens apresentadas pelos telejornais” (SOUZA, 2004, p. 146). Mas destaca que as emissoras brasileiras não têm o costume de produzir documentários, apenas grandes-reportagens.

Para Souza (2004), o gênero pode apresentar muitos formatos, como videoclipes, entrevistas, debates e narração em *off*, para que o conteúdo não torne-se cansativo e para diversificar as maneiras como o tema será apresentado.

8.1.1.3 Gênero Entrevista

A entrevista está ligada aos programas jornalísticos das emissoras. Souza (2004) afirma que quando existe descontração e intimidade entre o entrevistado e o entrevistador pode haver uma nova definição do gênero entrevista. Para ele, “com tais elementos, o gênero se aproxima do classificado como *talk show*” (p. 147).

Neste gênero, o foco é no entrevistado e não existe *show* comandado pelo jornalista apresentador. Outro ponto importante que o autor destaca é que o apresentador não precisa, necessariamente, deixar o entrevistado à vontade, podendo questioná-lo sobre acontecimentos polêmicos e até chegar à discórdia.

Souza (2004) ainda pontua que alguns programas do gênero entrevista são ilustrados por reportagem, que podem ajudar na abordagem do assunto, estas podem ser reportagens ao vivo ou gravadas.

O cenário de programas de entrevista também é um ponto a ser destacado. Normalmente, o convidado e o entrevistador ficam sentados frente-a-frente durante todo o programa, permitindo que o programa dure por mais tempo.

8.1.1.4 Gênero Telejornal

Este gênero é classificado como um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador no estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes. Para a produção do telejornal, as emissoras mantêm uma estrutura independente e com tecnologia para produzir conteúdos voltados à categoria informação.

De acordo com Souza (2004), os telejornais conquistaram grande importância na grade horária da programação e fez com quem as emissoras investissem no jornalismo tanto quanto em outros gêneros.

Inicialmente, o formato dos telejornais era o noticiário, que consistia no apresentador lendo textos para a câmera, sem imagens ou ilustrações cobrindo a fala. Segundo o autor, a base deste formato se mantém até a atualidade, porque, ainda hoje, a fórmula básica dos telejornais consiste em um ou mais apresentadores que leem textos e apresentam as reportagens externas produzidas pelos repórteres. Neste formato, comentaristas especializados também podem aparecer.

O autor explica que o telejornalismo busca outros formatos além do telejornal.

Por isso, mantém-se em evidência em todas as grades de programação. São programas de debate e entrevista, mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais, que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras. [...] (SOUZA, 2004, p. 152).

Para o pesquisador, dentro do gênero telejornalismo, existem formatos que se firmam como gêneros de acordo com a sua importância, como por exemplo, debates e entrevistas e os documentários.

8.1.1.5 Hibridismo

Com o avanço da tecnologia e a mudança constante na maneira de produzir conteúdo jornalístico audiovisual, é importante entender como se dão estes fenômenos e investigar de maneira mais precisa os novos formatos, gêneros e subgêneros televisivos que surgem em todo o mundo.

O programa Globo News Internacional, objeto desta pesquisa, não tem um formato único. Para compreender o objeto de estudo, é importante estudar as características do hibridismo, principalmente no telejornalismo, para que seja possível encontrar o gênero em que o programa Globo News Internacional se encaixa.

A palavra hibridismo deriva de híbrido, que significa um cruzamento entre espécies. No telejornalismo, o hibridismo consiste na união de vários gêneros para a formação de um novo.

Segundo Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro, no artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico*, a hibridização é a marca da televisão moderna. Para as autoras,

em meio a um ritmo frenético de produção e consumo, as fronteiras entre categorias se apagam, gêneros se misturam, formatos se fundem para formar novos formatos híbridos que se estabelecem em um espaço entre gêneros. [...] (TEMER; RIBEIRO, 2015, p. 3).

Já para o autor François Jost, no artigo *Para Além da Imagem, o Gênero Televisual: Proposições Metodológicas para uma Análise das Emissões de Televisão (2005)*, contido no livro *Televisão: entre o Mercado e a Academia II*, de Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro (2007), é um equívoco acreditar que seja possível classificar de maneira única e estável os gêneros televisivos. O autor reforça a ideia quando afirma que “poder-se-á compreender [...] que os gêneros são antes categorias, variando consideravelmente em função do uso que deles fazemos” (JOST, 2005, p.102).

Elizabeth Duarte, no artigo *Televisão: entre gêneros, formatos e tons (2007)*, afirma que a noção de gênero, em televisão, deve ser entendida como um “feixe de traços de conteúdo e da comunicação televisiva que só se atualiza e realiza quando

sobre ele se projeta uma forma de conteúdo e de expressão – representada pela articulação entre subgêneros e formatos [...]” (p. 5). Para ela, embora as deliberações em relação ao subgênero e formato pertençam a diferentes etapas do processo de produção audiovisual, estas são responsáveis pelas diversas e distintas configurações genéricas dos produtos televisuais.

Segundo Duarte (2007, p. 5), o “subgênero seria da ordem da atualização; o formato da ordem da realização. O subgênero é uma das possíveis atualizações de um gênero”. A autora ainda destaca que a noção de subgênero engloba uma pluralidade de programas, porém o formato os diferencia. O termo formato, para a autora, identifica a forma e o tipo de produção de um programa. A pesquisadora afirma que “o formato é a realização dos subgêneros, na medida em que pode até mesmo reunir e combinar vários subgêneros em uma única emissão” (DUARTE, 2007, p. 6).

A partir do estudo sobre o hibridismo, é possível entender que nem todos os programas podem ter um gênero definido e, portanto, é necessário entender sobre processo de produção do conteúdo para televisão, assunto que será tratado no próximo subtítulo.

8.2 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO JORNALISMO AUDIOVISUAL

Os programas de notícias existem para oferecer ao telespectador informação sobre os fatos mais atuais, desta maneira, é importante estudar os processos para a produção de conteúdo para o jornalismo na televisão e outros meios audiovisuais.

De acordo com a autora Olga Curado, na obra *A Notícia na TV – O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo* (2002, p. 15), “a notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um fato é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado” e neste contexto, o trabalho do jornalista na produção de conteúdo é a base para todo o desenrolar do processo.

A autora Vera Íris Paternostro, no livro *O Texto na TV – Manual de Telejornalismo* (1999) complementa este pensamento quando afirma que o jornalista que trabalha com audiovisual tem o desafio da escolha da imagem correta para ilustrar seu texto. Para a pesquisadora “é com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal. [...] É preciso respeitar a força da informação visual e

descobrir como associá-la à palavra, porque a informação na TV funciona a partir da relação texto/imagem” (p. 61).

Para se obter sucesso na produção do conteúdo jornalístico para televisão, algumas etapas devem ser seguidas, de acordo com o que propõe Curado (2002). A primeira delas é a *escolha da pauta*, que, segundo ela, é “um conjunto de dados que dão partida a uma reportagem” (p. 40). A autora também destaca que uma pauta para televisão só existe se puder ser proposta em três linhas. A segunda etapa é a *elaboração da reportagem* e, para isso, são necessários alguns profissionais específicos e etapas de trabalho essenciais para a realização desta tarefa:

- a) *Repórter*: o líder da equipe externa. Pode ser *repórter local*, normalmente é aquele que está em fase inicial da carreira, é responsável por fazer reportagens que serão exibidas da área de cobertura local da emissora; *repórter regional*, aquele que está um passo adiante do repórter local e produz reportagens mais elaboradas e abrangentes que são exibidas em várias emissoras; *repórter de rede nacional*, que é o profissional mais experiente, com certa autoridade e que atende a uma audiência mais numerosa e diversificada. Normalmente, este profissional tem a habilidade de produzir reportagens em que reflete autoridade, discernimento e equilíbrio; e o *correspondente internacional* ou *enviado especial*, que é o profissional o qual possui méritos pelo aprendizado contínuo e acumula experiências, atuando no exterior;
- b) *Cinegrafista (ou Repórter Cinematográfico)*: é considerado o olho do espectador. O cinegrafista, quando sai para a execução da reportagem, deve estar inteirado do conjunto da pauta e do objetivo da reportagem. Segundo Curado (2002, p. 50), “o bom cinegrafista não se limita a cumprir uma pauta que designa cenas a serem filmadas. Procura compreender contexto e enfoque da matéria”;
- c) *Fontes e Entrevistas*: para a autora, é a maior fonte de informação jornalística. A entrevista é o elemento mais forte, porque propicia uma relação dinâmica. Curado (2002) destaca que o jornalista não compete em conhecimento com a fonte, que é quem possui os dados, mas deve demonstrar entendimento sobre o assunto.

Paternostro (1999) pontua que o texto para televisão deve ser coloquial, claro e preciso, além de objetivo, direto, informativo, simples e pausado. Para a autora, “o jornalista se coloca como um intermediário entre a TV e o telespectador, precisa rever conceitos. Descobrir o papel da palavra na TV é um novo aprendizado. E obter um resultado de boa qualidade requer dedicação ainda maior” (1999, p. 61).

A pesquisadora destaca que, pela característica dos veículos eletrônicos de comunicação, o receptor deve entender a informação de uma só vez e se isso não ocorrer, o objetivo de quem está escrevendo o texto falhou.

Segundo Paternostro (1999, p. 67), “no caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado”. Portanto, é importante cuidar com as palavras utilizadas na escrita do texto para o telejornalismo para não causar nenhum erro na interpretação e prezar sempre pela coloquialidade e simplicidade da linguagem, além de prezar pela ordem direta das frases. A autora apresenta duas dicas para a escrita do texto para TV: são as *frases curtas*, pois ajudam na compreensão. Para a ela, uma série de frases curtas dá um sentido de ação à notícia e passa a informação sem rodeios. E a *pontuação*, pois ela dá o embalo ao texto. A pontuação bem colocada indica pausas e o tom que o texto deve ser lido.

Para Paternostro (1999), é importante que o repórter sempre leia seu texto em voz alta antes de executar a pauta, além de evitar rimas e palavras com a mesma terminação, evitar frases intercaladas entre vírgulas e preocupar-se com o ritmo do texto.

A partir das gravações externas e do trabalho de entrevista, Curado (2002) destaca o processo da edição como uma etapa importante da finalização do conteúdo e pontua que uma etapa essencial nesta fase é a discussão entre o repórter, o cinegrafista e o editor para decidir o melhor rumo da matéria. Para tanto, é necessário que o jornalista responsável pela reportagem elabore um roteiro que guie a edição. A autora propõe algumas etapas para a edição do conteúdo gravado:

- i) *Avaliação do conjunto de informações*: etapa em que o repórter reúne todos os dados colhidos nas gravações externas e as organiza de forma hierárquica. O repórter deve avaliar qual parte será utilizada para o *lead*, para algum *off* ou para a cabeça da reportagem;

- j) *Decupagem*: o repórter avalia a gravação bruta das imagens e entrevistas e as separa para utilização posterior;
- k) *Roteirização*: depois dos processos de avaliação do conjunto de informações e decupagem, é momento em que o repórter faz a estrutura a reportagem;
- l) *Redação*: depois de analisadas todas as imagens e entrevistas, é possível executar esta etapa. O repórter escreve o texto base da reportagem, sempre procurando casar as imagens com o texto;
- m) *Outros recursos*: identificar se há necessidade de inserir alguma ilustração para a reportagem, um exemplo são infográficos para auxiliar no entendimento da informação;
- n) *Gravação do texto*: o repórter grava o texto que vai sobrepor as imagens selecionadas previamente, normalmente chamado de *off*;
- o) *Montagem*: neste momento, é importante adequar as imagens e o texto a uma única narrativa. A autora pontua que o bom conhecimento dos programas de edição pelo profissional faz a diferença na hora da montagem da matéria;
- p) *Áudio e Som*: neste momento, o repórter e o editor devem prestar atenção às entrevistas e passagens do repórter para que nenhum som de fundo se sobreponha e atrapalhe no entendimento do conteúdo.

Após o processo de roteirização e edição do material, a reportagem está pronta para ser exibida na televisão.

O próximo subtítulo tratará sobre a história e o conceito de jornalismo internacional.

8.3 JORNALISMO INTERNACIONAL

A editoria de internacional é uma das que possui maior volume de informações no contexto do jornalismo atual. São milhares de notícias, vindas dos mais diversos locais do planeta. O profissional que atua nesta área tem pouco acesso direto às fontes, quando se compara com as outras editorias no jornalismo, mas, em compensação, o repórter internacional precisa de qualificação extra. É

necessário que domine, no mínimo, uma língua estrangeira e que entenda as complexidades e singularidades da política e economia mundial.

No contexto da globalização, as notícias internacionais são consumidas por mais pessoas a cada dia e, neste contexto, é necessário que o jornalista esteja cada vez mais preparado para atuar nesta editoria.

O jornalismo nasceu internacional. É isso que o autor João Batista Natali, no livro *Jornalismo Internacional* (2004), afirma quando começa a tratar sobre o assunto. Ele afirma que esta modalidade começou a existir muito antes do capitalismo, uma vez que o mercantilismo já precisava dele.

No Brasil, entretanto, a situação era um pouco diferente. O autor afirma que o jornalismo internacional demorou mais a chegar ao país e Natali (2004) explica que existem dois motivos que podem justificar isso. O primeiro seriam os motivos técnicos, uma vez que as notícias chegavam por navio e as atualidades vinham ao país cerca de seis semanas atrasadas entre o momento em que ocorriam e que eram publicadas nos jornais brasileiros. O segundo motivo seriam as oligarquias nacionais na primeira metade do século XIX serem bilíngues. Como falava-se o francês, era comum assinar publicações da França.

Natali (2004) explica que uma pesquisa chamada *Revista em revista*, de autoria de Ana Luiza Martins, mostra que, na história do Brasil, sempre houve uma lacuna em relação às publicações com enfoque no conteúdo internacional e pontua que isso pode ser percebido até a atualidade. O autor destaca que

não havia no período, como praticamente continua a não haver hoje em dia – entre as pouquíssimas exceções citemos *Política externa*, revista semanal que a Paz e Terra publicava com regularidade há alguns anos –, publicações com informes ou reflexões sobre relações internacionais ou questões estratégicas em países estrangeiros (NATALI, 2004, p. 43).

Já os anos de 1960, segundo o jornalista, trouxeram algumas experiências importantes no mercado interno de noticiário internacional. As revistas *Visão* e *Veja* tinham um estilo parecido com o da revista norte-americana *Time*. Natali (2004) diz que estas duas publicações formaram, pela primeira vez, times de redatores especialistas em política externa e que cumpriram função didática na mídia.

No radiojornalismo, o conteúdo internacional começou a ser veiculado por volta da década de 1940, na rádio Nacional, no programa Repórter Esso, que consistia em quatro boletins diários de cinco minutos, onde o locutor precisava

apresentar as notícias locais, nacionais e internacionais, que eram enviadas pela *United Press International (UPI)*, de acordo com o que explica Natali (2004).

A partir disso, a inserção de notícias internacionais no rádio brasileiro se tornou sistemática. O programa Repórter Esso ficou no ar até 1968 e teve grande destaque ao realizar a cobertura da Segunda Guerra Mundial. O autor explica que “foi pelo Repórter Esso que o nazi-fascismo foi percebido consensualmente no Brasil como uma ideologia do mal. A UPI estava mergulhada na lógica da democracia e previsivelmente enxergava a Guerra pelo ângulo ideológico dos aliados” (NATALI, 2004, p. 45).

De acordo com o pesquisador, em 1972, a emissora Jovem Pan criou um boletim diário de notícias internacionais elaborado pelo correspondente Reali Júnior, em Paris. O jornalismo internacional, segundo Natali (2004), se tornou produto regular no rádio brasileiro e não algo feito apenas em ocasiões excepcionais que necessitassem da presença de um enviado especial.

Em 1991, a rádio Central Brasileira de Notícias (CNB) foi criada. Depois de alguns anos de sua fundação, a emissora delegou a produção do conteúdo internacional aos repórteres brasileiros que atuavam na BBC, de Londres, segundo Natali (2004). Esta regularidade e diversidade de programas jornalísticos foi um passo importante para a prática do jornalismo internacional radiofônico no país.

Na televisão, até meados dos anos de 1960, a tecnologia ainda era escassa para a produção de conteúdo internacional. Os filmes com acontecimentos relevantes eram transportados de avião e estavam sujeitos, segundo o autor, a uma defasagem de, no mínimo, vinte e quatro horas. As imagens tornavam-se algo mais documental. Um exemplo citado por Natali (2004) foi o fuzilamento, em 1959, de partidários de Fulgêncio Batista, em Cuba, depois de o ditador ter sido deposto pela guerrilha de Fidel Castro.

Em 1953, nos moldes do programa radiofônico da rádio Nacional, o programa televisivo Repórter Esso estreou. Natali (2004, p. 47) afirma que “a fórmula fez novamente sucesso em razão de seu profissionalismo, que dispensava improvisações, baseando-se em uma mescla de textos e imagens em linguagem direta e desprovida de comentários”. Em 1969, o Jornal Nacional estreava numa época em que o Brasil já possuía uma rede de torres de micro-ondas de ampla cobertura territorial e adotava um modelo de telejornalismo inspirado no norte americano.

Em 1992, entra em operação a TVA, a primeira rede de programação paga no Brasil. A partir deste fato, o jornalismo internacional produzido no estrangeiro pode ser consumido pelos brasileiros. Canais como *Deutsche Welle*, *CNN*, *BBC* e *Fox News* passam a integrar a grade de programação da televisão brasileira. Nos mesmos moldes, os grupos Globo e Bandeirantes lançam seus canais exclusivamente jornalísticos Globo News e Band News, respectivamente.

Com o advento da internet, produzir conteúdo internacional sem estar alocado fora do Brasil é muito mais fácil. Natali (2004) destaca o trabalho das agências internacionais, como a *Reuters* e a *Al Jazira*, porém pontua que o conteúdo produzido por estas agências é mais abstrato, uma vez que o cliente pode ser de qualquer local do mundo. O autor exemplifica com os atentados do dia 11 de março de 2004, em Madri, na Espanha. O conteúdo produzido pelas agências e comprado por veículos de comunicação brasileiros noticiavam o que havia ocorrido e o número de vítimas, porém, não informava que entre as vítimas havia um brasileiro.

Natali (2004) também destaca o jornalismo internacional sob o ângulo de seus custos. Nos anos de 1970, apenas os grandes jornais mantinham equipes de correspondentes. Na década de 2000, segundo o autor, o custo de se manter um repórter fora do país ainda era um dos maiores empecilhos que os veículos encontram. Na crise contínua em que o mercado do jornalismo se encontra, para o pesquisador, uma das primeiras medidas a serem tomadas é o corte ou a diminuição dos correspondentes. Neste contexto, a editoria de Política Internacional passa a ser feita por repórteres que atuam dentro da própria empresa.

A partir do estudo do jornalismo internacional, podemos entender o contexto histórico desta editoria, que existe em muitos canais de televisão por assinatura, tópico do próximo subtítulo.

8.4 TELEVISÃO POR ASSINATURA

A televisão por assinatura é um serviço que oferece ao cliente canais exclusivos, nos mais diferentes nichos através da tecnologia de satélite de comunicação.

Segundo Vera Paternostro, no livro *O Texto na TV – Manual de Telejornalismo* (1999) foi a partir de meados dos anos de 1970 que, com o avanço das tecnologias dos satélites de comunicação, os sistemas de transmissão se expandiram, nos Estados Unidos. Nesta época, os telespectadores recebiam uma programação mais especializada, que incluía os primeiros canais temáticos, como os de previsão do tempo, economia e eventos culturais. Os sistemas de transmissão unificavam duas tecnologias: satélite e cabo. Os telespectadores recebiam uma programação diferenciada e pagavam por isso.

De acordo com a autora, os telespectadores podiam receber em casa quantos canais quisessem. A partir disso, surgia uma nova forma de assistir televisão, criada a partir da tecnologia de distribuição que, segundo Paternostro (1999) mudaria a história da TV. Surgia a *Pay-TV*, a televisão por assinatura.

O crescimento da TV por assinatura criou um grande mercado que conseguiu mexer com a audiência fiel das grandes redes norte-americanas. No final dos anos de 1970 existiam três grandes redes de TV aberta: ABC, NBC e CBS, que, juntas, somavam 91% da audiência no país, conforme Paternostro (1999). Nos anos de 1980, com o advento da televisão por assinatura, a audiência desses canais começou a cair até que a audiência se estabelecesse em 60% do total do país. A partir dos anos de 1990, a televisão a cabo já chegava a mais de 90% das residências norte-americanas e cerca de 70% possuía TV por assinatura, de acordo com dados da autora.

Paternostro (1999) destaca que a televisão por assinatura tem uma característica importante que é a sua programação e a distribuição do conteúdo. Esta modalidade atende interesses específicos do assinante, tem conteúdo dirigido, trabalha a programação de uma maneira menos agressiva do que a TV aberta e oferece melhor qualidade de imagem porque possui cabos especiais, além das micro-ondas e tecnologia de satélite.

A primeira rede a cabo de notícias 24 horas do mundo foi a *CNN*. Lançada em 1980, é descrita por Paternostro (1999) como uma emissora especializada em jornalismo. Segundo a ela,

a primeira cobertura marcante da *CNN* foi em janeiro de 1986, quando explodiu o ônibus espacial *Challenger*, matando sete astronautas um minuto e pouco depois do seu lançamento. Era o único canal de TV presente na base da Flórida: suas imagens percorreram o mundo (p. 41).

Nos anos seguintes, várias coberturas importantes foram realizadas pela emissora, mas a pesquisadora destaca o ano de 1991, quando um repórter narrou, via satélite, o primeiro bombardeio norte-americano em Bagdá, no Iraque. Além de mostrar, ao vivo, diversos outros ataques durante a Guerra do Golfo Pérsico. As imagens exclusivas da *CNN* rodaram o mundo.

A televisão por assinatura chegou com certo atraso no Brasil, quando se compara com os países vizinhos, como Argentina e Chile. Porém, segundo Paternostro (1999), este atraso pode ter proporcionado um impulso para o desenvolvimento deste tipo de produto no país.

Os Grupos Globo e Abril tinham interesse em implantar a TV por assinatura no país, aos moldes norte-americanos. A primeira experiência com televisão por assinatura no país foi em 1988, da *Key TV*, que transmitia corridas de cavalo para alguns assinantes e para os Jockey Clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar disso, foi o Canal *Plus*, criado pelo empresário Mathias Machline, o primeiro canal por assinatura do Brasil, que oferecia uma programação que incluía notícias esportivas, vindas da *ESPN*, *hard News*, da *CNN*, variedades, do canal italiano RAI e música pop, do canal americano *MTV*. Um ano mais tarde, o Canal *Plus* foi comprado pelo grupo Abril e se transformou em TVA (TV Abril), que reformulou a programação e distribuía dois tipos de pacotes.

Mais tarde, em 1991, o grupo Globo lançou o canal GloboSat. A inovação deste canal era seu sinal, recebido diretamente do satélite BrasilSat II, por grandes antenas parabólicas, as quais eram instaladas nos prédios e que também captavam o sinal aberto.

Segundo Paternostro (1999, p. 42), “diferentemente da TVA, a GloboSat optou por programar seus canais (dar conteúdo diferenciado a eles) e não somente

ser uma distribuidora de canais estrangeiros”. Em 1993, o canal foi desmembrado e passou a se concentrar apenas na programação dos canais do grupo Globo.

Em 2019, no total, são 30 de acordo com o site oficial do Grupo Globo¹⁹ incluindo o Canal Brasil e o Futura. O Telecine, uma associação da GloboSat com os maiores estúdios de Hollywood também se dividiu em cinco canais temáticos de filmes.

Para Paternostro (1999), mesmo que a televisão por assinatura tenha chegado no Brasil com certo atraso, esta provocou uma mudança significativa no comportamento de uma faixa de público, porque “ao longo destes últimos anos, as opções se ampliaram e oferecem a liberdade de escolher, sem restrições, o que realmente se quer ver na TV” (p. 43).

O canal Globo News, o primeiro brasileiro de notícias 24 horas, entrou no ar em 15 de outubro de 1996. Segundo Paternostro (1999, p. 44) “a ideia era aproveitar grande parte das matérias dos repórteres da Rede Globo”. O primeiro programa foi o noticiário *Em Cima da Hora*, um jornal em cascata. Segundo a autora, um espelho era feito para o jornal da manhã e ao longo do dia ele se transforma com a inclusão de novas reportagens e atualização dos assuntos nacionais e internacionais. A jornalista afirma que a Globo News se diferencia do canal aberto do grupo Globo porque a notícia é prioridade absoluta, não apenas parte da programação.

Dezesseis dias depois do lançamento do canal, ocorreu o primeiro desafio da equipe formada por 150 jornalistas: a queda de um avião em São Paulo. Paternostro (1999) afirma que a programação normal foi abandonada para dar lugar à transmissão direta sobre o acidente. Todos os recursos da emissora foram utilizados e os repórteres da Globo de São Paulo faziam entradas ao vivo informando e atualizando em tempo real os telespectadores. Além desta, muitas outras coberturas importantes foram realizadas pela Globo News, como por exemplo, o acidente que matou a princesa Diana, na França, em 1997.

Estas coberturas tornaram a emissora uma referência nas redações de jornais, rádios, revistas e outras televisões. Para Paternostro (1999, p. 48), a emissora “se consolidava como um canal de notícias, conquistava os assinantes com um jornalismo ágil, confiável e de credibilidade”.

¹⁹ GRUPO GLOBO. Quem somos? Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/quem-somos/>> Acesso em 02 jul 2019.

Em pesquisa realizada pelo Kantar Ibope Media, em 2019²⁰, a Globo News era o sétimo canal por assinatura com maior audiência no país, perdendo apenas para Sportv, Discovery Kids, Viva, Cartoon Network, AXN e TNT.

A partir da conclusão do estudo da evolução da televisão por assinatura no Brasil, o próximo subtítulo vai tratar sobre o Jornalismo Interpretativo.

8.6 JORNALISMO INTERPRETATIVO

O jornalismo interpretativo tem o objetivo de apresentar ao leitor ou espectador os diversos desdobramentos que um fato pode gerar e auxiliá-lo a criar sua própria opinião sobre o tema. Segundo o autor Edvaldo Pereira Lima, na obra *Páginas Ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura* (2004), o jornalismo interpretativo surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 1910, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. O autor afirma que

[...] o volume de notícias que leitor norte-americano é brindado pelos jornais é considerável, mas mesmo assim, é surpreendido com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Descobre-se então que a imprensa estava muito presa aos fatos, aos relatos das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos (LIMA, 2004, p. 19).

Para o pesquisador, essa deficiência faz com que o público espere um tratamento diferente da informação. Neste contexto, surge a revista *Time*, que busca conexões entre acontecimentos, de uma maneira que ofereça ao leitor uma compreensão aprofundada sobre os fatos da realidade. Segundo Lima (2004), com o passar dos anos, se consolida a prática da grande-reportagem e se fortalece o jornalismo interpretativo, como uma forma de expressão desta categoria.

O Jornalismo Interpretativo tem como objetivo, de acordo com o autor, não deixar a audiência carente de meios para entender seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia e suas consequências no futuro. Esta maneira de fazer jornalismo busca preencher os vazios informativos. No Jornalismo Interpretativo, uma característica marcante é o esclarecimento do que está mal

²⁰ AUDIÊNCIA: CANAIS MAIS ASSISTIDOS DA TV POR ASSINATURA EM MAIO. Disponível em: <<http://anmtv.xpg.com.br/audiencia-canal-mais-assistidos-da-tv-por-assinatura-em-maio/>> Acesso em 02 jul 2019

explicado em notícias menos aprofundadas. Lima (2004) cita que são necessários alguns *ingredientes* para produzir este tipo de conteúdo:

- f) *O contexto do fato*: é importante para que o leitor, ouvinte ou telespectador tenha visão clara de tudo que envolve o fato;
- g) *Os antecedentes do fato*: importante para resgatar as origens do acontecimento, como a situação chegou até a maneira como se encontra ou a maturação da situação abordada;
- h) *O suporte especializado*: o autor sugere enquetes, pesquisas de opinião ou entrevista com especialistas e testemunhas do assunto que está em questão, para dar respaldo a fim de evitar a informação oca;
- i) *A projeção*: visando a compreensão do presente e do passado e os desdobramentos do fato, além das consequências possíveis e o alcance futuro;
- j) *O perfil*: o autor descreve como o lado da humanização da reportagem, porque o jornalismo se diferencia por ser uma forma de comunicação que se volta ao homem como foco central.

Além disso, Lima (2004) destaca que estes ingredientes devem ser voltados a uma abordagem multiangular, que gere uma compreensão da realidade que não foque apenas na linearidade dos fatos. Outro ponto importante destacado pelo autor é o objetivo da produção de conteúdo focado no Jornalismo Interpretativo, porque este procura fornecer uma ideia ampla e precisa da realidade do mundo contemporâneo. No processo de produção, é importante pontuar que o jornalista precisa de um maior embasamento sobre o assunto que aborda. A reportagem interpretativa exige uma maior extensão, além do aprofundamento e qualificação das fontes, quando se comparando à notícia no modelo *hard news*. Lima (2004, p. 24) afirma que a notícia

[...] ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão do exame. Em particular, ganha esse *status* quando incorpora à narrativa elementos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e no espaço, ao estilo do melhor jornalismo interpretativo.

Para Sodré e Ferrari (1982), as reportagens se apresentam de formas distintas e, portanto, são apontados alguns modelos de reportagem no jornalismo interpretativo:

- a) *A reportagem de fatos ou fact-story*: que consiste no relato objetivo dos acontecimentos e obedece a lógica da pirâmide invertida, onde os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância;
- b) *A reportagem de ação ou action-story*: que cuida do relato de uma maneira mais dinâmica, começando pelo fato mais atraente e seguindo para os detalhes do acontecimento;
- c) *A reportagem documental ou quote-story*: que é um relato acompanhado de citações que complementam e ajudam a esclarecer o assunto abordado, ao mesmo tempo que utiliza dados que conferem fundamentação à notícia.

Desta maneira, o jornalismo interpretativo é um gênero que precisa do trabalho jornalístico de contextualizar, conceituar e explicar ao telespectador ou leitor sobre o fato que tratará, para garantir melhor entendimento.

Com a finalização do subtítulo *Jornalismo Interpretativo*, a revisão bibliográfica do projeto de pesquisa está concluída. Os próximos capítulos tratarão sobre o roteiro dos capítulos da monografia e cronograma de estudos.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 METODOLOGIA

2.1 MÉTODO

2.1.1 Pré-Análise

2.1.2 Exploração do Material

2.1.3 Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação

2.2 TÉCNICAS

2.2.1 Revisão Bibliográfica

2.2.2 Observação

2.2.2.1 Objeto de Estudo

2.2.2.2 *Corpus* da Pesquisa

2.2.3 Entrevista

3 EVOLUÇÃO DA TV NO BRASIL

3.1 TELEVISÃO ABERTA

3.2 TELEVISÃO POR ASSINATURA

3.2.1 A Globo News

4 GÊNEROS E FORMATOS DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL

4.1 CONCEITO

4.2 CATEGORIA INFORMAÇÃO

4.2.1 Debate

4.2.2 Documentário

4.2.3 Entrevista

4.2.4 Telejornal

4.3 HIBRIDISMO

5 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO JORNALISMO AUDIOVISUAL

5.1 A NOTÍCIA

5.2 ESCOLHA DA PAUTA

5.3 ELABORAÇÃO DA REPORTAGEM

5.4 EDIÇÃO

5.5 EXIBIÇÃO

6 JORNALISMO INTERNACIONAL

7 JORNALISMO INTERPRETATIVO

7.1 CONCEITO

7.2 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

8 ANÁLISE DE CONTEÚDO

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 CRONOGRAMA

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
CAPÍTULOS 3, 4 e 5	X				
CAPÍTULOS 5, 6 e 7		X			
ANÁLISE DE CONTEUDO			X		
REVISÃO DA METODOLOGIA E ANÁLISE			X		
REVISÃO GERAL				X	
ENTREGA DO TCC				X	
APRESENTAÇÃO					X

APÊNDICE B - CONTATO COM ANDRÉ FRAN VIA TWITTER

André Fran on Twitter: " @thegal: X +

twitter.com/andrefran/status/1157036668601458689

Tweet

gabrela @thegabialves · Aug 1
meu tcc é sobre o Globo News Internacional e eu preciso do contato do pessoal que participa do programa (@gugachacra, @arielpalacios, @MarceloLins68 e @andrefran) alguém tem alguma ideia de como eu posso conseguir um e-mail ou telefone?

2 11

André Fran @andrefran
Replying to @thegabialves @gugachacra and 2 others
Oi!@gmail.com

Translate Tweet
6:13 PM · Aug 1, 2019 · Twitter for iPhone

29 Likes

Relevant people

André Fran @andrefran **Following**
Diretor, Autor, Palestrante | #QueMundoÉEsse | Comentarista: Globo News | E-mail: andrefran@base1filmes.com.br | Instagram: instagram.com/andrefran

gabrela @thegabialves
estudante de jornalismo • ec juventude • liverpool fc • golden state warriors

Guga Chacra ... @gugachacra **Following**
Mestre em Relações Internacionais pela Columbia University, é comentarista da GloboNews, da TV Globo e da Rádio CBN em NY e colunista do Jornal O Globo

APÊNDICE C - CONTATO COM ANDRÉ FRAN

Entrevista para TCC - gbalves1@ucsb.br

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KitbxLxghmVZwzvcXqGhGNrdZPstcfrwflB

Gmail

is:starred

9 de 20

Entrevista para TCC

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucsb.br> para andrefran

sex., 16 de ago. 13:21

Oi, André! Tudo bem?
Meu nome é Gabriela e sou estudante de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul. Falei com você pelo Twitter pedindo um contato e você me passou este e-mail, não sei se você lembra...
Estou fazendo meu trabalho de conclusão de curso analisando o programa Globo News Internacional e seu caráter interpretativo. Dos quatro programas que eu escolhi para análise, você participa de três. Desta maneira, acredito que seria muito interessante se você pudesse responder um questionário sobre o conteúdo do programa, a maneira como é abordado, entre outras questões relacionadas ao conteúdo. Gostaria de ver a possibilidade de você responder este questionário. Se concordar, posso te enviar nos próximos dias!
Além disso, também gostaria de saber se você pode me passar o contato de algum jornalista da produção do programa ou de algum dos participantes fixos, caso eles permitam (Marcelo, Ariel e Guga).

Admiro muito seu trabalho e aguardo retorno!
Obrigada desde já!
Gabriela Bento Alves

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

André Fran <andrefran@gmail.com> para Guga, Ariel, Marcelo, eu

seg., 19 de ago. 13:01

Oi, Gabriela.
Obrigado pelo interesse no trabalho. Fico à disposição para responder o questionário e tirar dúvidas. Como prefere fazer? Falei com Marcelo Lins, Ariel Palácios e Guga Chacra que toparam participar e estão copiados nesse e-mail.

19:11
16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ucsb.br

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KitbxLxghmVZwzvcXqGhGNrdZPstcfrwflB

Gmail

is:starred

9 de 20

André Fran <andrefran@gmail.com> para Guga, Ariel, Marcelo, eu

seg., 19 de ago. 13:01

Oi, Gabriela.
Obrigado pelo interesse no trabalho. Fico à disposição para responder o questionário e tirar dúvidas. Como prefere fazer? Falei com Marcelo Lins, Ariel Palácios e Guga Chacra que toparam participar e estão copiados nesse e-mail.
Abs,
André Fran

Enviado via UCSMail.

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucsb.br> para André

sex., 23 de ago. 10:09

André,
muito obrigada! Com certeza, as respostas de vocês quatro vão ajudar muito na minha análise!
Te encaminho os questionamentos tanto no corpo do e-mail quanto por anexo, assim, podes responder da maneira que achar melhor. Se pudeses responder até o dia 10 de setembro seria ótimo!

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?

19:11
16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ucsb.br

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLxghmVZwzvCqGhGNrdZPStcfrwFLB

Gmail

is:starred

9 de 20

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucsb.br> para André

André

multo obrigada! Com certeza, as respostas de vocês quatro vão ajudar muito na minha análise!
Te encaminho os questionamentos tanto no corpo do e-mail quanto por anexo, assim, podes responder da maneira que achar melhor. Se puderes responder até o dia 10 de setembro seria ótimo!

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Ao ser convidado para participar do programa, de que forma você se prepara para a discussão do tema? Existe apoio por parte da equipe de produção do programa?
5. Especificamente no programa sobre a Arábia Saudita, você foi convidado também por ter produzido conteúdo sobre o tema para o "Que Mundo é Esse"? Você acredita que essas parcerias são importantes para discutir sobre os temas?
6. Como você vê o programa na perspectiva do espectador? Na sua opinião, o Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?
7. Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

Aguardando retorno e te agradeço mais uma vez pelo retorno e pela ajuda que foi fundamental!

Entrevista para TCC - gbalves1@ucsb.br

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLxghmVZwzvCqGhGNrdZPStcfrwFLB

Gmail

is:starred

9 de 20

Gabriela Bento Alves

Questionário para ...

André Fran <andrefran@gmail.com> para eu

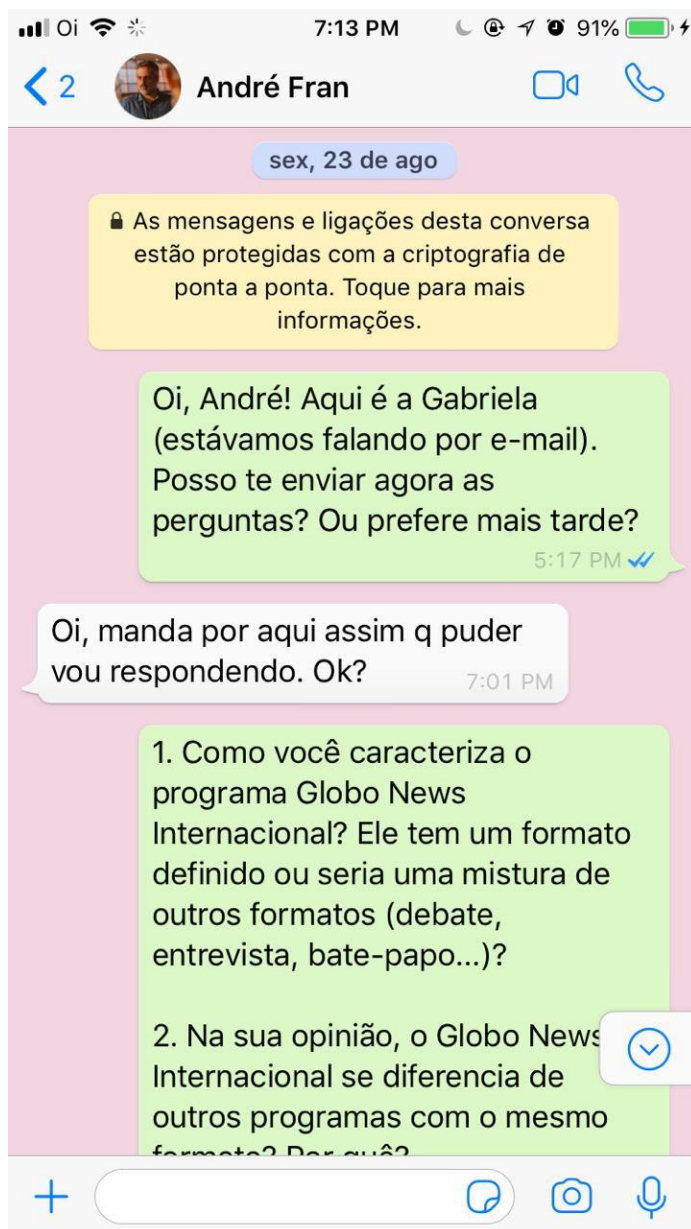
me envia por Whatsapp e te respondo por áudio?

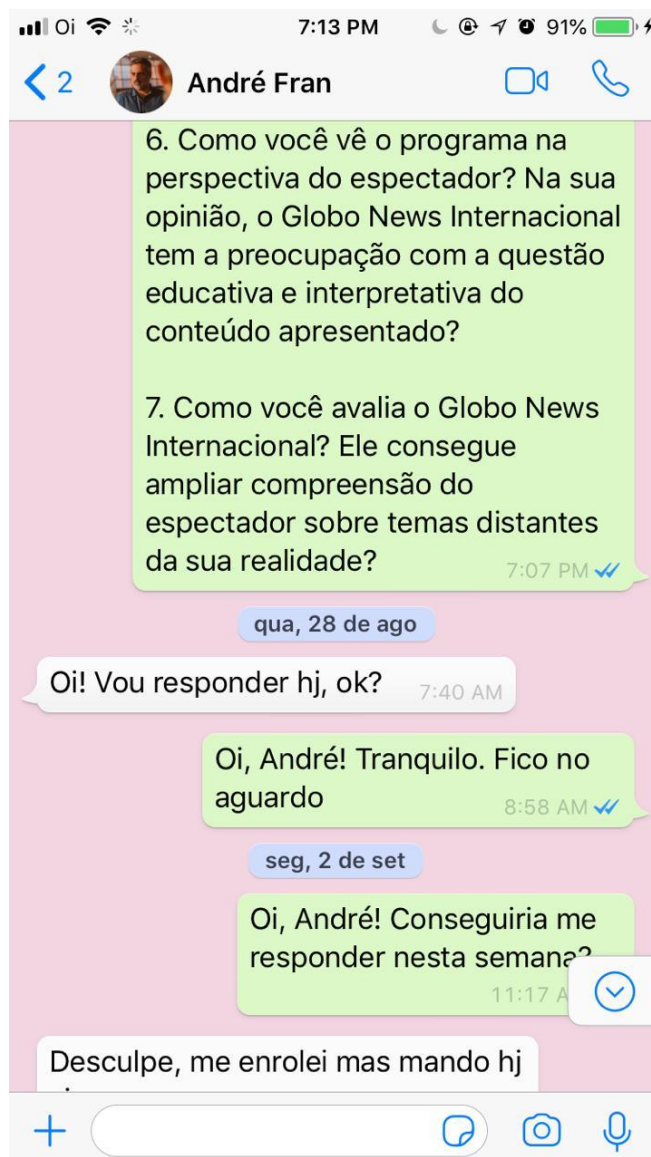
21

André Fran

Enviado via UCSMail.

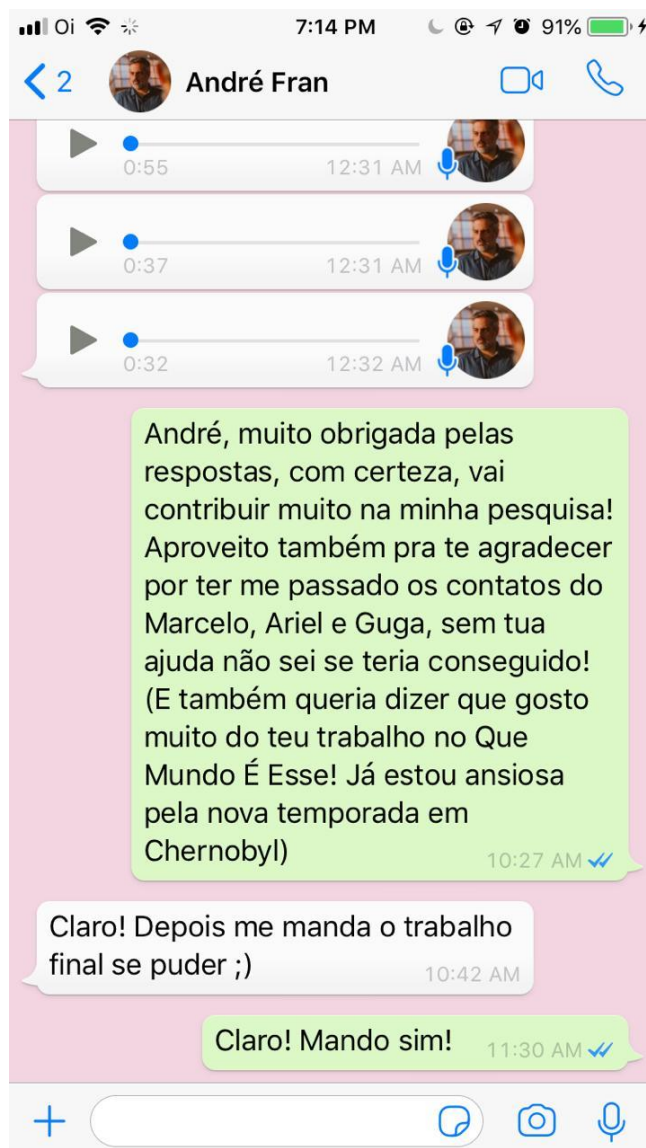
Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo











APÊNDICE C - CONTATO COM ARIEL PALACIOS

Entrevista para TCC - gbalves1@ ucs.br

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KitbxLxglnPmrxPmDCkmlJqbj5whMhjCMKL

Gmail

is:starred

6 de 20

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br>
para correspondente

Oi, Ariell! Tudo bem?
Meu nome é Gabriela e sou estudante de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O André Fran me passou teu e-mail e disse que você aceitou responder algumas perguntas para ajudar na minha pesquisa.
Meu trabalho de conclusão de curso é uma análise do programa Globo News Internacional e seu caráter interpretativo. Escolhi quatro edições para analisar (As Mulheres na Política, Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita, A Importância da Ajuda Humanitária e A Onda de Extrema-direita que Avança pelo Mundo). Acredito que seria muito interessante se você pudesse responder um questionário sobre o conteúdo do programa, a maneira como é abordado, entre outras questões relacionadas a isso.
Vou enviar os questionamentos em anexo e no corpo do e-mail, assim, você pode responder da maneira que achar melhor. Se puderes me responder até o dia 10 de setembro, seria ótimo!

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-produção e exibição)?
6. Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

16/11/2019 19:19

6 de 20

produção e exibição)?

6. Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?
7. Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

Admiro muito seu trabalho e me espelho muito em você!
Obrigada desde já!
Atenciosamente,

...
Atenciosamente,
Gabriela Bento Alves

Questionário para ...

Ariel Palacios

sex., 23 de ago. 10:39

16/11/2019 19:19

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLxglnPmrxPmDCkmLjgjbSwhMhjCMKL

Gmail

is:starred

6 de 20

Escrever

Caixa de entrada 3

Com estrela

Adiados

Enviados

Rascunhos

Mais

Gabriela +

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

para eu

Como vai? Tudo bem?
Posso responder por skype neste domingo à noite.
O que acha?
Abraços,
Ariel

Enviado via UCSMail.

..

Ariel Palacios
Correspondente da Globo News para a América Latina
Tel/fax: (54 -)
Celular: (54 -)
Endereço:
E-mail: ca@arielpalacios.com
Twitter: @arielpalacios

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br>
para Ariel

sex., 23 de ago. 17:11

Ariel,
ótima sugestão! Que horário ficaria bom para você?
Vou te enviar um documento com um termo de autorização de imagem e voz, porque a entrevista vai ficar nos anexos da monografia e a minha universidade exige essa formalidade... Você pode preencher e fotografar ou scanear e me reenviar!

18:19
16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLxglnPmrxPmDCkmLjgjbSwhMhjCMKL

Gmail

is:starred

6 de 20

Escrever

Caixa de entrada 3

Com estrela

Adiados

Enviados

Rascunhos

Mais

Gabriela +

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

Ariel Palacios <arielpalacios@gmail.com>
para eu

dom., 25 de ago. 18:43

Prefiro fazer ao vivo, para explicar nuances e eventuais dúvidas que possam surgir.

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br>
para Ariel

dom., 25 de ago. 19:01

Ok, então podemos deixar marcado para amanhã às 21h? Antes estarei em aula...

Ariel Palacios <arielpalacios@gmail.com>
para eu

dom., 25 de ago. 21:06

Ok!
Meu skype é o
Até amanhã!

Ariel Palacio <arielpalacios@gmail.com>
para eu

26 de ago. de 2019 21:08

Estou ouvindo muito baixo

19:21
16/11/2019

**APÊNDICE D – GRAVAÇÃO NA ÍNTEGRA DA ENTREVISTA COM ARIEL
PALACIOS E ANDRÉ FRAN**

As entrevistas com Ariel Palacios e André Fran se encontram no CD do Apêndice A.

APÊNDICE E – CONTATO COM MARCELO LINS

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KitbxLrjKSTkgdKDFHVXNJMCsjXzMLpMqV

Gmail is:starred

Escrever

Caixa de entrada 3

Com estrela

Adiados

Enviados

Rascunhos

Mais

Gabriela +

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

Entrevista para TCC Caixa de entrada x

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br>
para marcelo.lins

sex., 23 de ago. 09:56

Oi, Marcelo! Tudo bem?

Meu nome é Gabriela e sou estudante de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O André Fran me passou teu e-mail e disse que você aceitou responder algumas perguntas para ajudar na minha pesquisa.

Meu trabalho de conclusão de curso é uma análise do programa Globo News Internacional e seu caráter interpretativo. Escolhi quatro edições para analisar (As Mulheres na Política, Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita, A Importância da Ajuda Humanitária e A Onda de Extrema-direita que Avança pelo Mundo). Acredito que seria muito interessante se você pudesse responder um questionário sobre o conteúdo do programa, a maneira como é abordado, entre outras questões relacionadas a isso.

Vou enviar os questionamentos em anexo e no corpo do e-mail, assim, você pode responder da maneira que achar melhor. Se puderes me responder até o dia 10 de setembro, seria ótimo!

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, nós-

19:23
16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLrjKSTkgdKDFHVXNjMCsjXzMRLpMqV

Gmail is:starred

5 de 20

6. Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?

7. Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

Admiro muito seu trabalho e me espelho muito em você!
Obrigada desde já!
Atenciosamente,
Gabriela Bento Alves

Questionário para ...

Marcelo Lins - @tvglobo.com.br>
para eu - ter., 27 de ago. 17:01

Oi Gabriela.
O Fran me falou de você. Sem problemas, assim que tiver uma brecha, respondo.

Digite aqui para pesquisar

19:23 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLrjKSTkgdKDFHVXNjMCsjXzMRLpMqV

Gmail is:starred

5 de 20

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucsb.br>
para Marcelo - qua., 28 de ago. 14:05

Oi, Marcelo! Muito obrigada pelo retorno.
Já vou te enviar em anexo uma autorização do uso da tuas respostas na minha monografia, porque é uma exigência da minha universidade.
Você pode me enviar uma foto dele preenchido ou então scanear... Como ficar melhor pra você.
Agradeço mais uma vez pelo teu retorno e fico no aguardo das respostas!
Abraços
...
Atenciosamente,
Gabriela Bento Alves

TERMO DE AUTORI...

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucsb.br>
para Marcelo - qui., 12 de set. 15:58

Oi, Marcelo! Tudo bem?
Estou te enviando novamente as perguntas sobre o Globo News Internacional para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Também escrevo para perguntar se

Digite aqui para pesquisar

19:23 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLrjKSTkgdKDFHVXNMCsjXzMLRpMqV

Gmail

is:starred

5 de 20

para Marcelo

Oi, Marcelo! Tudo bem?

Estou te enviando novamente as perguntas sobre o Globo News Internacional para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Também escrevo para perguntar se você prefere responder por áudio?! Com o Ariel Palácios fiz por Skype e com o André Fran por áudio no Whatsapp. Caso seja melhor para você, pode me avisar! Seguem as perguntas novamente:

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-produção e exibição)?
6. Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?
7. Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

Obrigada desde já!

19:24 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLrjhjwGwmxvfpQ/nlQMZhBGRSGnNq

Gmail

is:starred

3 de 20

para Marcelo

Oi, Marcelo! Tudo bem?

Estou te enviando novamente as perguntas sobre o Globo News Internacional para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Também escrevo para perguntar se você prefere responder por áudio?! Com o Ariel Palácios fiz por Skype e com o André Fran por áudio no Whatsapp. Caso seja melhor para você, pode me avisar! Se for possível, pode me responder até o dia 20 deste mês?

Seguem as perguntas novamente:

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-produção e exibição)?
6. Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?
7. Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

19:24 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLrjhjwGwmxvfpQ/nlQMZhBGRSgNnq

Gmail

is:starred

3 de 20

Marcelo Lins - para eu - bo.com.br>

Salve, Gabriela.

Peço desculpas pela demora, mas as coisas andam um tanto atribuladas do meu lado ultimamente. Veja se funciona assim:

1-Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?

É, como digo logo na abertura uma conversa .."sobre alguns dos temas e personagens mais relevantes da semana no mundo." Isso deixa aberta a possibilidade de um programa temático, e a partir de um único tema desdobrar a discussão em vários. Mas não exclui a alternativa de ser uma espécie de revista, juntando vários temas. Nas duas hipóteses, contamos com a expertise dos participantes, a colaboração dos correspondentes, a presença eventual de convidados e os recursos gráficos e de imagens à nossa disposição.

2- Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?

Sim , acho que dá para dizer que é diferente. Principalmente por causa de uma de suas características mais marcantes, a informalidade na abordagem dos temas e a preocupação em, sempre que possível, relacionar o que acontece no mundo ao Brasil e/ou a uma experiência pessoal.

3- Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard News ?

16/11/2019 19:24

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KtbnLrjhjwGwmxvfpQ/nlQMZhBGRSgNnq

Gmail

is:starred

3 de 20

3- Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard News ?

Sim, ou melhor, mais até do que um contraponto, acho que o programa acaba sendo um complemento ao hardnews , sempre marcado pelo imediatismo. O GNews Inter funciona quando conseguimos fazer alguma ou algumas das seguintes coisas: contextualizar a notícia e mostrar outras facetas para além das mais óbvia e evidente, chamar a atenção para algum personagem , retomar o fio histórico de um fato, localizá-lo no mundo e em relação ao Brasil.

4-Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?

Mais do que produção, exige que a equipe pense mais em formas menos corriqueiras de abordar os mesmos temas já noticiados. A não ser quando pensamos em um programa temático, o que é mais raro, todos ficamos atentos ao noticiário e , na quarta-feira, batemos o martelo sobre os temas que serão abordados, os colaboradores que participarão naquela semana, o que vamos ter em forma de VT, o que será mostrado como gráfico, se teremos entrevistas e por aí vamos definindo.

5- Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-produção e exibição)?

O núcleo duro do programa é muito enxuto, para dizer o mínimo, de fixo mesmo, apenas três pessoas para desencadear o processo todo: um apresentador/editor, um editor executivo e um editor de texto especializado em notícias internacionais. São esses que fazem o desenho inicial do programa da semana. Contamos ainda com o auxílio da coordenação de Inter do canal, para viabilizar a escalação de correspondentes e de profissionais

16/11/2019 19:25

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KttxLrjhjGwmxvfpQJnlQMZhBGRSgNnq

Gmail is:starred

3 de 20

programa da semana. Contamos ainda com o auxílio da coordenação de inter-ão canal, para visualizar a escalafão de correspondentes e de profissionais de apoio em Nova Iorque, São Paulo e onde mais for necessário. A eles, se juntam ainda na fase de pré-produção dois editores de imagens, em turnos divididos em dois ou três dias, e o apoio do Acervo (para imagens de arquivo) e de profissionais especializados em trilhas, para eventuais músicas. Na gravação, contamos com o pessoal do estúdio (cinegrafistas, iluminador, técnico de áudio) e do switcher, que coordena os trabalhos (diretor de TV, técnico de áudio, produtor, coordenador, técnico em videografismo, assistente,). Gravado o programa, um editor de texto e um editor de imagem se juntam para o processo de finalização. Já que o programa costuma ser gravado como se fosse ao vivo o principal trabalho na finalização é botar o produto no tempo a ele destinado pela programação do canal. É claro que podem ser feitas mudanças na edição, acrescentadas ou retradas imagens, melhorada alguma intervenção gráfica, acrescentada alguma informação faltante. O programa sai da ilha num disco ótico que vai para a programação e dali, para a exibição, um processo que envolve um profissional na programação e mais um ou dois na exibição.

6- Como o programa é pensado na perspectiva do espectador? O Globo News Internacional tem a preocupação com a questão educativa e interpretativa do conteúdo apresentado?

O programa, como aliás qualquer programa, só faz sentido se a perspectiva de quem o assiste for levada em conta. Daí a preocupação em evitar chavões, em ser didático na apresentação de contextos e objetivo na abordagem. Se isto for feito corretamente, estaremos preenchendo também uma dimensão pedagógica e minimizando a possibilidade de haver dúvidas interpretativas. Posso falar por mim sobre os resultados positivos dessa preocupação, já que de com certa frequência recebo feedbacks de estudantes que assistiram ao programa em saça de aula, ou a quem o professor indicou o programa para estudar tal ou tal tema.

7- Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

Avalio como um bom programa jornalístico, agradável objetivo e informativo. Não tenho um estudo científico sobre isso, me baseio portanto nos índices de audiência, que são bons dentro do universo da tv por assinatura, e pelo retorno que tenho das mais diversas pessoas, nas ruas, em escolas e universidades, estudar tal ou tal tema.

Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 19:25 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#starred/KttxLrjhjGwmxvfpQJnlQMZhBGRSgNnq

Gmail is:starred

3 de 20

estudar tal ou tal tema.

7- Como você avalia o Globo News Internacional? Ele consegue ampliar compreensão do espectador sobre temas distantes da sua realidade?

Avalio como um bom programa jornalístico, agradável objetivo e informativo. Não tenho um estudo científico sobre isso, me baseio portanto nos índices de audiência, que são bons dentro do universo da tv por assinatura, e pelo retorno que tenho das mais diversas pessoas, nas ruas, em escolas e universidades,, eventos ligados a jornalismo que frequento e no próprio ambiente de trabalho. As pessoas usualmente elogiam a informalidade e a quantidade de informações que conseguimos reunir e compartilhar a cada programa. E quando desconhecidos vêm falar comigo, normalmente é para elogiar esse trabalho. Sempre haverá, principalmente nas redes sociais, quem tenha a opinião oposta, ou acuse o programa e o canal de um sem-número de posições ou posturas que sei que não temos. Faz parte e sempre dá para aprender algo com as críticas. Com ataques não, mas com críticas, positivas e negativas, sempre. E de todos os críticos, talvez eu seja o mais implacável. Tenho noção da boa qualidade do programa, e do podcast que agora também fazemos, mas também sei que poderemos sempre melhorar. Portanto, seguindo com a ideia de descomplicar, de dar os contextos factuais e históricos, de traçar as possíveis consequências de acontecimentos internacionais no Brasil, seguiremos em frente.

Espero ter contribuído. Bom trabalho e boa sorte.

Abs

Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 19:25 16/11/2019

APÊNDICE F – TENTATIVA DE CONTATO COM GUGA CHACRA VIA E-MAIL

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#search/gugachacra%40gmail.com/KtbtLwghstLZcRggSDpTwhWHnHGCSjV

Gmail gugachacra@gmail.com

Escrever

Caixa de entrada 3

Com estrela

Adiados

Enviados

Rascunhos

Mais

Gabriela +

Entrevista para TCC

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br> para gugachacra -

Oi, Gugal Tudo bem?

Meu nome é Gabriela e sou estudante de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O André Fran me passou teu e-mail e disse que você aceitou responder algumas perguntas para ajudar na minha pesquisa.

Meu trabalho de conclusão de curso é uma análise do programa Globo News Internacional e seu caráter interpretativo. Escolhi quatro edições para analisar (As Mulheres na Política, Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita, A Importância da Ajuda Humanitária e A Onda de Extrema-direita que Avança pelo Mundo). Acredito que seria muito interessante se você pudesse responder um questionário sobre o conteúdo do programa, a maneira como é abordado, entre outras questões relacionadas a isso.

Vou enviar os questionamentos em anexo e no corpo do e-mail, assim, você pode responder da maneira que achar melhor. Se puderes me responder até o dia 10 de setembro, seria ótimo!

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-...)

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

19:26 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ x +

mail.google.com/mail/u/0/#search/gugachacra%40gmail.com/KtbtLvHgPHbqKrPxdBhWxnBLrfdDdrkfv

Gmail gugachacra@gmail.com

Escrever

Caixa de entrada 3

Com estrela

Adiados

Enviados

Rascunhos

Mais

Gabriela +

Entrevista para TCC

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br> para gugachacra -

Oi, Gugal Tudo bem?

Meu nome é Gabriela e sou estudante de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O André Fran me passou teu e-mail e disse que você aceitou responder algumas perguntas para ajudar na minha pesquisa.

Meu trabalho de conclusão de curso é uma análise do programa Globo News Internacional e seu caráter interpretativo. Escolhi quatro edições para analisar (As Mulheres na Política, Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita, A Importância da Ajuda Humanitária e A Onda de Extrema-direita que Avança pelo Mundo). Acredito que seria muito interessante se você pudesse responder um questionário sobre o conteúdo do programa, a maneira como é abordado, entre outras questões relacionadas a isso.

Vou enviar os questionamentos no corpo do e-mail. Se puderes me responder até o dia 30 de setembro, seria ótimo! Se preferir responder em áudio, por Skype ou WhatsApp, estou à disposição.

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-...)

Nenhum bate-papo recente
Iniciar um novo

19:26 16/11/2019

Entrevista para TCC - gbalves1@ ucs.br

mail.google.com/mail/u/0/#search/gugachacra%40gmail.com/QgrclHsHkJmdQk8ZTIZfjFCxwMgTLPCNdcl

Gmail

gugachacra@gmail.com

UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

Escrever

Caixa de entrada 3

Com estrela

Adiados

Enviados

Rascunhos

Mais

Gabriela ▾ +

Entrevista para TCC

Gabriela Bento Alves <gbalves1@ucs.br>
para gugachacra ▾

dom., 6 de out. 15:28 ☆ ↶ ⋮

Oi, Gugal Tudo bem?

Meu nome é Gabriela e sou estudante de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O André Fran me passou teu e-mail e disse que você aceitou responder algumas perguntas para ajudar na minha pesquisa.

Meu trabalho de conclusão de curso é uma análise do programa Globo News Internacional e seu caráter interpretativo. Escolhi quatro edições para analisar (As Mulheres na Política, Contrastes e Controvérsias da Arábia Saudita, A Importância da Ajuda Humanitária e A Onda de Extrema-direita que Avança pelo Mundo). Acredito que seria muito interessante se você pudesse responder um questionário sobre o conteúdo do programa, a maneira como é abordado, entre outras questões relacionadas a isso.

Vou enviar os questionamentos no corpo do e-mail. Se puderes me responder até o dia 20 de outubro, seria ótimo! Se preferir responder em áudio, por Skype ou WhatsApp, estou à disposição.

1. Como você caracteriza o programa Globo News Internacional? Ele tem um formato definido ou seria uma mistura de outros formatos (debate, entrevista, bate-papo...)?
2. Na sua opinião, o Globo News Internacional se diferencia de outros programas com o mesmo formato? Por quê?
3. Você considera que temas abordados e a profundidade com que eles são apresentados podem ser diferenciais do programa em contraponto ao hard news?
4. Essa abordagem mais interpretativa exige maior trabalho de produção? Como o programa é pensado neste sentido? De que forma são definidas as pautas para cada edição?
5. Quantas pessoas fazem parte da equipe do programa? Como se dá o processo de produção (pré-produção, gravação, pós-...)

Nenhum bate-papo recente
[Iniciar um novo](#)

Digite aqui para pesquisar

18:26 16/11/2019

**ANEXO A – EPISÓDIOS DO GLOBO NEWS INTERNACIONAL ESCOLHIDOS
PARA ANÁLISE NA ÍNTEGRA**